

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA –UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
MESTRADO EM TEORIA LITERÁRIA

O IMAGINÁRIO DA FRONTEIRA – SANTO ANTONIO/SAN ANTONIO

Mestrando: Guilherme Blick

Orientadora: Dra. Alai Garcia Diniz

Florianópolis
Setembro/2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA –UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
MESTRADO EM TEORIA LITERÁRIA

Dissertação apresentada por Guilherme Blick ao curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Literatura, área de concentração em Teoria Literária.

Florianópolis
setembro/2004

Agradecimentos

a meus familiares, à Professora Alai , demais profissionais e amigos que me aturaram nessa busca de aprimoramento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
CAPÍTULO I – REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DO SUDOESTE.....	16
1.1 – Amor a la tierra – Antonia Arrechea.....	18
1.1.1 – A questão do gênero.....	19
1.1.2 - Os ervais.....	24
1.1.3 – O mapa da terra.....	35
1.1.4 - A fronteira da língua.....	39
1.1.5 – A Fronteira da Alteridade.....	41
CAPÍTULO II – A REVOLTA DOS COLONOS DE 1957.....	45
2.1 – Memória subjetiva da Revolta dos Colonos de 1957.....	45
2.2 – Ocupação da terra.....	49
2.3 – Resistência dos colonos.....	57
2.4 – Testemunho oral da revolta.....	59
2.5 – O alcance nacional do fato na mídia.....	72
2.6 – Imagens da revolta.....	75
CAPÍTULO III – O IMAGINÁRIO DA REVOLTA.....	84
3.1 – Os dias do demônio.....	85
3.2 – Representações femininas em Os dias do demônio.....	99
3.3 – Representação dos hábitos regionais.....	100
3.4 – Desfecho de Os dias do demônio.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS.....	115

INTRODUÇÃO

Segundo Jesús Martín Barbero, vivemos num século que perdeu a memória. Os meios de comunicação, principalmente o rádio e a TV, fabricam um tipo de presente “autista” que crê ser auto-suficiente para explicar e saciar a necessidade de entender o presente. Os fatos são apresentados isoladamente sem serem contextualizados, de forma fragmentada como se surgissem do nada, deixando as pessoas sem a consciência histórica que lhes permitiria distanciar-se dos fatos que ocorrem para entendê-los melhor. O passado é algo que não faz mais parte da memória, da História e torna-se algo que permite misturar as sensibilidades, estilos e textos de qualquer período. É um presente sem futuro. Os fatos são apresentados como se não tivessem relação nenhuma. Apresenta-se uma relação de acontecimentos, sentidos ou vistos como isolados, que provocam o apagamento dos fatos anteriores, nunca se estabelece uma relação entre eles. Não há projetos de futuro, mas projeções. Assemelha-se por isso, ao tempo do mito, do seu eterno retorno. O futuro não é construído, é esperado. É messianismo, o florescer das religiões com a volta do fanatismo, do determinismo. Poderíamos, então, perguntar-nos qual a função da memória nisso tudo? Ecléia Bosi (1994, p. 59), em *Memória e sociedade*, responde, pois afirma que ao “fazer cair a barreira que separa o presente do passado lança uma ponte entre o mundo dos vivos e do além, ao qual retorna tudo ao que deixou a luz do sol. Realiza uma evocação”. Esse retornar à luz, permite às pessoas a consciência de que fazem parte de um grupo social que tem uma trajetória, que possuem uma história de vida. O passado não pode ser visto como escombros, mas experiências já vividas e que ajudam a compreender o presente, e, por vezes, interferem nele. Por essa leitura, podemos considerar a América Latina como fruto da “mestiçagem, que não é fruto só daquele fato racial do qual viemos, mas uma trama hoje de modernidade e descontinuidades culturais, deformações sociais e estruturais do sentimento, de memórias e imaginários que misturam o indígena e negro com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo” (BARBERO, 1997, p. 28). Com esse olhar — o de revelar memórias e imaginários latentes — é que começamos a delinear uma dissertação que visa estudar alguns fluxos e representações que se referem à região Sudoeste do Paraná e que transitaram simbolicamente de Santo Antonio a San Antonio e vice-versa já que esses espaços se

configuram como fronteiras territoriais. Barbero (1997, p. 29), em sua obra *Dos meios às mediações* elucida a importância do imaginário no estudo das memórias: “como se pode crer que possa existir uma memória sem um imaginário, a partir do qual se possa ancorar o presente e alimentar o futuro.”

O objetivo desse trabalho é relacionar diferentes relatos, memórias, ficções no contexto da fronteira, especificamente a de Santo Antonio do Sudoeste, no Paraná, e San Antonio, na Argentina. Essas pequenas cidades separadas por um riacho que possui o mesmo nome e nasceram pelo mesmo motivo: a exploração da erva mate abundante na região nos idos de 1900.

Os ervais argentinos foram descobertos pelo explorador italiano Carlos Bosetti no final do século XIX que, por sua importância econômica, foram divididos em seções, em 1903. Isso fez com que a atividade extrativista fosse regulamentada pelo governo argentino.

Em 1906, constroem-se os primeiros casebres de madeira de pau-a-pique, em San Antonio, com a chegada de Lucas Ferreyra — tropeiro paraguaio que havia conhecido a região na época da fixação das divisas entre Argentina e o Brasil. O local escolhido foi aquele onde houvera a reunião entre brasileiros e argentinos na época da demarcação da fronteira. No lado brasileiro, surgia também uma localidade com o mesmo nome do rio: Santo Antônio. Ferreyra explorava a colheita da erva mate nativa com a autorização do governo do Território Nacional de Misiones e tinha autorização para exportar o que colhia do lado brasileiro, o que era fiscalizado por um funcionário da alfândega de Barracão, no Paraná. Exerceu essa atividade até descobrirem que ele contrabandeava mais erva que exportava por meio legais, o que fez com que desaparecesse da região.

Mais tarde, chega à região o argentino Alfonso Arrechea, que se estabelece na margem brasileira do Santo Antonio. Ele se dedica à plantação e à exploração da erva mate nativa. Arrechea adquire terras do governo paranaense no Brasil. Muitos dos terrenos urbanos de Santo Antonio do Sudoeste pertenceram a ele.

San Antonio e Santo Antonio tiveram suas histórias ligadas à erva mate. Com o passar dos anos, surgiram as primeiras serrarias, que devastaram os abundantes pinheirais da região, com mais intensidade do lado brasileiro.

San Antonio, por estar localizado num extremo do estado de Misiones, e também pela política argentina de concentrar a economia em Buenos Aires, continua, hoje,

praticamente parada no tempo. Por não ter ligação asfáltica com as outras regiões da Argentina, fica, de certa forma, ilhada pelas péssimas condições da estrada de terra. Para se ter uma idéia das dificuldades de transporte, os argentinos que precisam viajar a Bernardo Irigoyen ou para outras regiões da Argentina entram no território brasileiro e percorrem 27 km de estrada asfaltada até Barracão e atravessam a fronteira para chegar a Irigoyen. Essa prática é algo que ocorre há muitos anos.

Santo Antonio do Sudoeste, por localizar-se na fronteira Sudoeste do Paraná com a Argentina, configura-se como uma zona de contato com o país vizinho. O ir e vir cotidiano pela fronteira faz com que brasileiros e argentinos mantenham relações comerciais, esportivas e pessoais. É um espaço social de encontros culturais. Onde ocorre a inter-relação, se estabelecem contágios, similaridades e dessemelhanças. As crianças argentinas são praticamente bilíngües. Como a maioria dos canais televisivos argentinos é a cabo e não há, ainda, esse sistema em San Antonio, do outro lado fronteira, elas crescem vendo programas brasileiros e na hora de serem alfabetizadas em língua espanhola, confundem-se com muitas palavras portuguesas, o que não acontece com as crianças brasileiras.

Uma representação primeira desses contatos a ser analisada no primeiro capítulo dessa dissertação é o livro *Amor a la tierra* escrito, em castelhano, por Antonia Arrechea, em 1953. Nascida na fronteira, em solo brasileiro, a autora foi educada na Argentina e, por isso, optou por essa cidadania. Filha de Alfonso Arrechea, um dos pioneiros de San Antonio e Santo Antonio.

O romance relata a região de fronteira sendo selecionado para fazer parte do *corpus* desta dissertação, dado o grau de desterritorialização que se vive neste espaço. Ao simbolizar o imaginário dos primeiros desbravadores que enfrentaram a selva missioneira, ficcionaliza a saga dos primeiros habitantes de San Antonio/Santo Antonio.

Segundo Pollak (1992, p. 204), a memória tem ligação com o sentimento de identidade. Nela há três elementos essenciais: A unidade física, as fronteiras; o coletivo, o sentimento de pertencer a um determinado grupo e o sentimento de coerência. “Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros.” Esses “pertencer” a um grupo, nos remete à idéia de pátria. Segundo Carvalho (2001, p. 53),

O deus e a pátria são as duas coisas mais maleáveis que o homem possui. Com facilidade ele molda a pátria e o deus à sua imagem e se prostra contrito em adoração de si mesmo.

O ser humano necessita de condições básicas para ter uma vida digna. E isso nem sempre é conseguido no local em que se nasce. Assim, por motivos diversos, sai-se do lugar que se nasceu e se parte em busca de um “Eldorado” onde se consiga realizar os anseios mais prementes. Nessa busca, fala mais alto a sobrevivência que o sentimento romântico de “pátria”. Desse mesmo modo, como sugere Carvalho, na região do Sudoeste do Paraná, fronteira com a Argentina, muitos brasileiros mudam a nacionalidade para conseguir uma porção de terra fértil em território argentino. “Sem muita cerimônia”, adotam os valores da nova “pátria”.

Nação, nacionalidade e nacionalismo são palavras que têm causado muita polêmica, pois se prestam a várias interpretações. Segundo Benedict Anderson, em seu livro *Comunidades Imaginadas*, não existem grandes pensadores que dêem apoio filosófico a esses conceitos. Elas seriam uma criação sócio-cultural do mundo moderno, pois todos devem ter uma *nacionalidade*, assim como têm um sexo. Para ele, sob o ponto de vista antropológico, a nação seria uma comunidade política imaginada inerentemente limitada e soberana. Imaginada porque é composta de milhões de pessoas, que nunca se conhecerão, mas, mesmo assim, se sentem parte de uma comunidade: a *nação*. Diz também que, mesmo a nação sendo composta por milhões de seres, tem fronteiras finitas, ainda que elásticas, além das quais encontram-se outras nações.

Para Tania Carvalhal

fronteira pode ser compreendida como uma espécie de “convenção estruturante”, um espaço de divisa e de delimitação que demarca diferenças, afirma identidades e origina necessidades de representação. [aspas do original] (2003, p. 154),

Apesar de vivermos num mundo globalizado, em que há uma tendência para a queda de algumas barreiras, ainda que seja muito forte a idéia de fronteira como algo que separa povos, culturas, espaços. Elas procuram destacar as diferenças e não tentam juntar interesses que poderiam trazer o bem-estar de todos, independente de quaisquer diferenças que possam existir. Contudo, ao mesmo tempo que se tenta preservar o “próprio”, o “nacional”, há um desejo imperioso de abertura ao “outro”. Tania Carvalhal (2003, p. 170) diz também que “num contexto em que a noção de fronteira se relativiza pela construção de

conjuntos sub-regionais, no qual interagem diferentes povos e culturas, tomo como termo na acepção linear, ou seja, de espaço móvel que pode ser deslocado e refeito.” Desse mesmo modo, percebemos que os países da América Latina estão tentando investir na queda das barreiras alfandegárias por interesses econômicos. Os americanos uniram-se aos mexicanos e canadenses para defenderem seus interesses, através de acordos. Entretanto, ao mesmo tempo em que os americanos facilitam os trâmites em algumas atividades econômicas, dificultam a entrada de mão de obra mexicana a seu país, porque isso não lhe interessa. Os europeus fecharam-se num bloco compacto. Os “pobres” do Cone Sul da América também resolveram se unir através do Mercosul e as relações que sempre serviram para defender interesses *nacionais* agora estão, paulatinamente, sendo mudadas buscando-se a integração, pelo menos econômica, como forma de sobrevivência mútua. Todavia, ao lado desse interesse pelo *livre mercado*, vê-se a formação de grandes oligarquias — blocos econômicos protecionistas concentrando as negociações entre parceiros privilegiados —, deixando à margem uma imensa maioria, provocando, com isso, uma grande desigualdade social. Se, de um lado, procura-se a integração dos países, por outro, há um controle das fronteiras no mundo todo, para evitar os fluxos migratórios.

De onde surgiu a consciência *nacional*? Anderson (1991) diz que três fatores ajudaram a formar esse conceito: o desenvolvimento da imprensa que divulgou as idéias na língua do povo, fazendo com que ele se sentisse participante de uma comunidade; a repercussão da reforma religiosa de Martin Lutero que conseguiu quebrar a hegemonia do Latim como fator de unidade mundial, através da Igreja Católica, pois começou a divulgar suas idéias no idioma do povo alemão; o terceiro fator foi a difusão geográfica do uso na língua vernácula como instrumento de comunicação entre os governantes e seus governados, deixando o Latim, que era um fator do poder central de Roma, fora de uso. Anderson (1991, p. 223) diz também que

El nacionalismo contemporáneo es el heredero dos siglos de cambio histórico [...]. Como hemos visto, el “nacionalismo oficial” fue desde el principio una *política* conciente de autoprotección, íntimamente ligada a la conservación de los intereses dinásticos-imperiales. [aspas e grifos do original]

Os interesses estão mudando e as fronteiras acompanham esses ventos novos que sopram sobre a humanidade. “As fronteiras são a epiderme de um ser vivente: respiram e transpiram, são indiferentes ou estão estimuladas, atraem e devoram.” Os interesses

econômicos estão fazendo com que as potências mundiais sejam mais sutis na luta pelo domínio; não há mais interesse em definir marcos territoriais, mas criar laços de dependência tecnológica, econômica e por que não dizer também, cultural.

Em tempo de globalização “há no ser humano algo que rompe as fronteiras políticas que é desejo de errância, [...] um dos pólos essenciais de qualquer estrutura social.” É a busca incessante do Santo Graal, diz Maffesoli. Há ânsia por mobilidade para livrar-se da domesticação que leva ao tédio e ao desespero. A deambulação, a necessidade do ócio, a vacuidade sempre foram importantes para o ser humano. Impor fronteiras, fixar o ser humano é uma forma de dominá-lo. A domesticação está na passagem do nomadismo ao sedentarismo. Os políticos se preocupam com o que é errante, com aquilo que escapa ao olhar. A rede de vigilância se estende. Nada e ninguém pode escapar. Com transformação das sociedades, o fechamento, o adestramento, normalização são conseqüências. O saber e o poder vão se fortalecer mutuamente. O sábio de antigamente, tolerante às “zonas de sombra”, dá lugar ao especialista, com seu conhecimento estanque, que acha que pode falar de tudo e para o qual tudo é transparente. O nomadismo faz parte do ser humano, quer se trate do nomadismo individual ou social. Nisso vê-se claramente a preocupação com a fugacidade do tempo, da trágica transitoriedade de todas as coisas. As poesias, os contos, as lendas têm tratado desse tema. O mito do cavaleiro errante está bem vivo na mente do ser humano, a pulsão para a viagem, a busca do novo, do desconhecido, a busca do sol está bem longe de ser considerado algo proibido hoje em dia. O sonho da aventura, o impulso ao pioneirismo violenta a idéia de fronteira estabelecida. A errância, o nomadismo, anomia, a “vagabundagem” faz com que a fronteira seja sempre adiada para que essa busca de si mesmo possa prosseguir. Para Cássio Hissa (2002, p. 35),

Uma reflexão sobre limites e fronteira é, também, uma reflexão sobre poder. Fronteiras e limites são desenvolvidos para estabelecer domínios e demarcar territórios. Foram concebidos para insinuar precisão: a precisão que pede poder.

Os limites impostos pelos marcos de fronteira, estabelecem a delimitação político-administrativa. São manifestações de poder. Limitar é dividir, o que está certamente ligado ao ato de controlar. A idéia de território é incontestavelmente uma idéia política, que é imposta e que pressupõe a projeção do trabalho e da cultura. “O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”. Para Raffestin (1993), o espaço seria o trabalho

da natureza, independente do trabalho do homem, seus marcos são os picos, as concavidades, os cursos dos rios.

Os povos sempre foram rivais na disputa do poder. Sempre houve a tendência de subjugar os mais fracos. A demarcação de territórios sempre foi uma manifestação de poder. Essa faceta da cultura humana faz com que os limites e fronteiras sejam modificados e transgredidos.

Especificamente na região da fronteira San Antonio/Santo Antonio do Sudoeste vive-se o sentimento de não pertencer a um grupo determinado, pois há contato constante entre culturas diferentes. Os símbolos nacionais, bandeira, marcos, e o aparato de estado fazem com que se valorize o que é “nacional”, mas ao mesmo tempo o contato com os argentinos cria laços de amizade, camaradagem e fazem com que caiam muitas barreiras que separam o “nacional” do “estrangeiro”; embora chamando-os de gringos, as pessoas que vivem na região passam vê-los com olhos mais humanos.

Contudo, do lado brasileiro esse território foi palco de uma revolta: a de 1957. Os colonos-posseiros se insurgiram contra as companhias de colonização de terras que queriam vendê-las por preços exorbitantes. A “Revolta dos Colonos de 1957” surgiu como um dos possíveis relatos sobre a fronteira Paraná/Argentina e os acontecimentos da resistência foram dando identidade ao lado de cá, mesmo que de maneira traumática.

Em conversas com argentinos do lado de lá — em San Antonio — soube-se que muitos brasileiros se refugiaram em território argentino, geralmente em casa de amigos, durante a revolta de 1957, com medo de serem mortos pelos jagunços, que a mando de companhias, e apoiadas, indiretamente, pelo governo do estado do Paraná, espalhavam terror. O governo argentino ajudou os colonos, pois permitiu que eles permanecessem no país vizinho.

Tanto os relatos orais em forma de entrevistas gravadas e uma cobertura dos fatos feita pela revista *O Cruzeiro*, na edição de 12 de outubro de 1957 serão o foco do segundo capítulo desse estudo.

Para Foucault (1997, p. 83), a fronteira é apenas um símbolo de poderes; o governo não demonstraria o seu poder através do controle das fronteiras: “mais do que os problemas de legitimidade de um soberano sobre um território, o importante será o conhecimento e o desenvolvimento das forças de um estado.” Para ele, o poder não é exercido

pelo controle de um território, mas sim das coisas e pessoas que o habitam, sobre elas é que incide o poder. Mas as pessoas constroem o seu mundo e a sua cultura através do território por ser ele vital e parte integrante da coletividade.

O limite é algo que insinua entre dois ou mais mundos, buscando a sua divisão, procurando anunciar a diferença e apartar o que não pode permanecer ligado. O limite insinua a presença da diferença e sugere a necessidade da separação. (HISSA, 2002, p. 19)

A idéia de fronteira é algo que se coloca entre dois mundos, para separar, segregar, destacar as diferenças. É impor limite o que nos leva à idéia de cerceamento da liberdade. É a obstacularização do livre trânsito de pessoas e bens. Impor fronteiras é uma forma de vigiar o território, dominando-o mais facilmente. Isso faz com que se desperte para a idéia de propriedade e para a descoberta de um “outro” e de um “eu”, o que faz com que haja uma vigilância constante. Esse conceito de limite é próprio da cultura dos povos e que tem gerado muitas disputas e que muitas vezes fez com que guerras fossem declaradas e, com isso, houvesse a morte de milhares de pessoas inocentes.

Essa idéia de limite de fronteira é algo inventado pelos seres humanos. Na natureza isso não existe. Nela as leis da natureza fazem com que os animais vivam em determinadas regiões de acordo com as suas características. Pode-se dizer que eles são regidos por uma única fronteira: o limite da vida. Os animais de clima tropical têm como fronteiras as condições impostas pela natureza. Não teriam condições de sobreviver no clima gelado da Antártida, por exemplo. As aves e os animais não têm idéia desses marcos políticos que foram criados pelos seres humanos. Aliás, a natureza não respeita essa idéia de dividir a humanidade em redutos. Se olharmos os acidentes geográficos, como os Andes, veremos que essa cordilheira atravessa a América latina não respeitando, bandeiras nem constituições, as águas dos rios atravessam países entram sem cerimônia, pátrias a dentro. Assim também são as lendas, os mitos, a moda, enfim as idéias que circulam, antes levadas pelos viajantes e agora pelos meios de comunicação, e mais notadamente de modo eletrônico que dissemina as idéias a todas as partes do mundo sem que muitas vezes os governantes consigam freá-las. O capital financeiro circula rapidamente, substituindo distâncias por velocidades, assim como os bens de consumo:

Atualmente, as fronteiras nacionais são irrelevantes para a maioria das empresas e dos consumidores, independentemente de estarem no Japão, América do Norte ou Europa. [...] Os americanos querem comprar walkmans da Sony e usar blusões da Benetton.

Os deslocamentos e as justaposições fazem com que se discuta hoje, com muita ênfase à transculturação que, na releitura feita por Angel Rama do termo cunhado por Fernando Ortiz, demonstra que a cultura não respeita fronteiras como, por exemplo, do Rio Grande do Sul, que tem uma cultura mais ligada ao Uruguai e à região pampeana da Argentina do que com o restante do país. Se o gaúcho olhar para o horizonte, verá que o pampa é igual dos dois lados da “fronteira”. Em realidade desenha-se um novo mapa, mais coerente com as semelhanças culturais, seriam as “macro e microrregiões”. A primeira seria formada por países contíguos, que não respeitam o mapa oficial, cujas fronteiras foram determinadas por interesses e discussões administrativas das antigas colônias. As microrregiões, com características culturais especiais, formando “ilhas” dentro da nação.

As fronteiras políticas procuram controlar de todas as formas possíveis o trânsito de pessoas de um país a outro, porém imaginário não pode ser contido por leis, e está havendo uma verdadeira mescla intercultural. Néstor Garcia Canclini (1989) denomina esse processo sociocultural como sendo uma *hibridização*, ou seja, estruturas ou práticas distintas, que existiam de forma separadas, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Esses processos incessantes e variados levam a relativizar a noção de identidade, isso faz com que não se possa falar de identidades como se tivessem características fixas, nem defini-las como a essência e uma etnia ou nação. Com a globalização os bens de consumo de boa qualidade são comprados por consumidores sem atentar para os países de origem.

Contrariamente a esses fluxos mercantis que apagam a história, na fronteira Sudoeste do Paraná com a Argentina ocorreu a “Revolta dos Colonos de 1957”, que é praticamente desconhecida pela maioria das pessoas que nasceram depois dessa época. As escolas não falam do que aconteceu na região, parece que há receio de que isso venha denegrir a imagem que se quer passar de que as pessoas que vivem, nela, são “ordeiras” e cumpridoras das leis. As imagens da revolta ficaram gravadas nas páginas da revista *O Cruzeiro*, edição de 12 de outubro de 1957 e isso repercutiu nacionalmente, na época.

As pessoas que viveram na época da revolta dos colonos (1957) na região da fronteira Brasil/Argentina, gravaram depoimentos em 1996, ou seja, 49 anos depois, falando dos fatos que participaram. Cada um viveu e registrou os acontecimentos nas memórias, de uma determinada maneira.

A memória vista como cabedal infinito do qual só registramos um fragmento, indica apenas um ponto de vista e não equivale à verdade, pois se for a “memória oficial” muitas vezes pelo poder que presume, impõe a “verdade” de acordo com o que interessa aos que o detêm no momento. E isso, muitas vezes, humilha as pessoas que foram massacradas e caladas pela força dominante e que nunca foram ouvidas para contar os fatos que realmente viveram.

Os meios de comunicação banalizam a memória segundo os interesses econômicos vigentes. O tempo é dinheiro, as notícias são dadas de forma rápida e sensacionalista, sem análises, o que poderia esclarecer muitas coisas, mas não rendem lucro. Os minutos na TV e no rádio valem muito. Nos meios de comunicação há um cuidado para que a memória de desavenças, não ofenda a ninguém. Os fatos são apresentados de forma difusa, não dolorosa para que sejam rapidamente esquecidos. “Não há memória sem conflito, porque nunca há uma memória única, sempre existe uma multiplicidade delas em luta.” Por trás da “memória oficial” existem muitas memórias reprimidas, emudecidas, excluídas, que dificilmente serão ouvidas. Um exemplo bem nítido é o de *Las Madres de la Plaza de Mayo*, que reclamam o “paradeiro” de seus filhos. Muitos intelectuais de direita as condenam, pois dizem que elas não sabem esquecer, mas essas feridas somente serão fechadas quando as mães conseguirem enterrar seus mortos e assim conseguirem apaziguar as suas perdas de capital humano, sofridas durante a ditadura argentina (1976-1983).

As pessoas vivem em comunidade, partilham de muitos acontecimentos coletivos e sociais, portanto pode-se dizer que a memória é um fenômeno social, que se constrói coletivamente e sofre mutações, transformações. Existem pontos comuns, tais como não seguirem uma ordem cronológica, e muitas vezes voltarem a determinados acontecimentos. As pessoas geralmente retêm na memória acontecimentos dos quais participaram ou que “viveram por tabela” (fatos que fazem parte da memória do grupo social em que vivem). Além de acontecimentos, ficam gravados na memória coletiva ou individual personagens marcantes, mesmo que não façam parte do espaço-tempo da pessoa. Os lugares também são privilegiados nas lembranças. Geralmente, as pessoas simples não guardam as datas de acontecimentos públicos, mas sim fatos íntimos de caráter privado como o nascimento de filhos, sobrinhos. Já os personagens públicos lembram-se de datas cívicas, mas quase nenhuma ligada à vida do lar. A memória é seletiva e grava mais os fatos negativos que tendem a ser mais lembrados que os que geraram bem-estar. Há que se comentar que com o

poder da mídia a memória passou a ser um instrumento construído. Por exemplo, as datas cívicas nacionais que são organizadas e impostas através de um trabalho efficientíssimo de representação eletrônica.

Nelly Richard (1998, p. 29) diz que

A memória é um processo aberto de reinterpretação do passado que desfaz e refaz seus nós para que se examinem de novo fatos e interpretações. A memória remexe o dado estático do passado com novas significações dando liberdade a quem recorda, fazendo vir à tona começos e finais, rescrevendo novas hipóteses e conjecturas para desmontar com elas, as explicações muito confiantes em si próprias.

Os fatos lembrados nunca são vividos da mesma forma como ocorreram no passado. Por mais que eles estejam vivos na lembrança, recordar é recriar, pois os tempos são outros. As pessoas já não são as mesmas. A realidade é vista sob novos ângulos. Com o passar do tempo muitos detalhes que, na época, passaram despercebidos, podem mudar a maneira como se vê determinados acontecimentos. As sombras que encobriam pontos importantes são removidas pelos mais diversos motivos, como o fim da pressão, a mudança do regime político, como ocorreu em muitos países como Brasil, Chile, Argentina e tantos outros.

No terceiro capítulo a necessidade de discutir como os efeitos traumáticos dos acontecimentos passam por uma contínua ressignificação da memória ressurge, nos anos 90, a obra *Os Dias do Demônio*, de Roberto Gomes. Ao inspirar-se em relatos e documentos da revolta dos colonos de 1957, o romance representaria uma trajetória de meio século que cobriria desde os relatos de pioneiros até o fim do século XX, dando conta de um trabalho que buscaria os fluxos do imaginário dessa pequena e fluida zona que é San (to) Antonio.

CAPÍTULO I

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DO SUDOESTE DO PARANÁ

Um dos objetivos desse trabalho é refletir sobre a idéia de fronteira como algo que tem que ser marcado, que separa/segrega as pessoas, como se os marcos territoriais conseguissem fazer com que os seres deixassem de ser humanos com todas as suas características, para serem *argentinos, brasileiros, estadunidenses*.

Além disso, na reconstrução do imaginário local, buscamos “memórias” orais e escritas para trazer à luz os *primeiros tempos* dessa região. Mas o que se entende por *imaginário*?

O imaginário é uma criação conceitual relativamente nova e ganha importância à medida que cresce o ceticismo com relação ao que seriam fantasia e imaginação. Potencial humano que se permite concretizar o que é ausente mediante um panorama de idéias. A imaginação liga idéias variadas criando incontáveis combinações, relaciona o passado, o presente e o futuro de tal maneira que o ser humano não perca o seu rumo no meio de tantas modificações que ocorrem a todo momento. É um processo dinâmico. O imaginário é de difícil conceituação, pois se matiza constantemente em metáforas. Deve-se ter em mente que sem conceituações, mesmo mutantes o imaginário ficaria sem sentido.

O que conhecemos como percepção e idéia, como sonho e sonho diurno, como fantasma e alucinação, constituem diferentes experiências que evidenciam um imaginário, independente daquilo que o estimulou. Destas, talvez seja a percepção a atividade menos permeada pela imaginação, embora inúmeros exemplos sugiram o contrário. Hume, Kant e Wittgenstein concluíram, de modos diversos, que percepção não se realizaria sem a participação do imaginário, pois ela não funciona como registro óptico, nem como imaginação pura. (ISER, p. 220)

O imaginário sempre sofreu tentativas de ser categorizado, pois sempre se quis saber o que ele é. No Romantismo começou a ser visto como “um ato básico por intermédio do qual nos relacionamos com o mundo”(ISER, 1996, p. 223)

O imaginário é o que marca uma coletividade culturalmente, o desbravamento da região e seus conflitos, estruturou-a, neste sentido, a literatura marcou esse povoamento.

Essa dissertação faz uma busca, não com objetivo histórico, de levantar fatos, mas reconstituir o que levou as pessoas a desbravarem a região e como isso ficou gravado nas lembranças e em escritos que foram feitos na época. Nas inúmeras leituras e conversas sobre o tema, descobriu-se o livro *Amor a la tierra*, escrito por Antonia Arrechea, em 1953.

Quando se vive numa região fronteiriça, como Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, sente-se que o que separa, o que impede uma integração mais palpável entre as pessoas, que vivem de um lado e do outro da fronteira, não é tanto o idioma, os costumes e sim o aparato governamental: de um lado a Gendarmería Nacional (San Antonio/AR) e a Polícia Federal (Santo Antonio do Sudoeste/BR).

Santo Antonio do Sudoeste-PR e San Antonio-Misiones/AR são duas comunidades que têm muito em comum. O que as separa é um pequeno rio chamado Santo Antonio. Na época do desbravamento da região, a fronteira praticamente não existia. O Rio Santo Antonio, que serve de marco divisório entre os países, não limitava as atividades dos primeiros povoadores. Os colhedores de erva mate, primeira atividade econômica da região, transitavam tranqüilamente de um lado para outro. A erva mate era colhida onde estivesse. A idéia de fronteira como extremidade de um país ou região, que limita, que demarca separando terrenos ou territórios, separando comunidades, fazendo com que as pessoas fiquem ilhadas em seus espaços imaginados, não existia na prática. Havia integração entre as pessoas que viviam na região. Os primeiros habitantes do lado brasileiro abasteciam-se nas “tiendas” de San Antonio, as primeiras crianças que viviam em Santo Antonio, foram alunos da escola do lado argentino. A primeira escola da região foi construída do lado argentino e as aulas eram administradas em espanhol para alunos argentinos e brasileiros. Durante muitos anos, os bailes eram feitos em San Antonio com a participação indistinta, de brasileiros e argentinos.

Affonso Arrechea abriu as primeiras picadas vindo de Posadas/AR atrás de terras e da erva mate, atravessou o riacho, acabou comprando terras no Brasil, em Santo Antonio/PR e Palma Sola/SC. No livro *Amor a la tierra* aparece com o nome de Antonio.

Antonia Arrechea, filha do pioneiro, nasceu em chão brasileiro e cresceu em terras argentinas. Essa dupla nacionalidade criou amor pela região, o que aparece em seu livro *Amor a la tierra*, escrito em língua espanhola. A autora, como foi educada na Argentina, no momento em que foi exercer o cargo de professora teve que optar pela cidadania argentina, o que lhe causou sofrimento, pois também sentia amor pela terra em que nascera. Cancline (1998, p. 177) diz que

Tener una identidad sería, ante todo, tener un país, una ciudad o un barrio, una entidad donde todo lo compartido por los que habitan ese lugar se vuelve idéntico o intercambiable. En esos territorios la identidad se pone en escena, se celebra en las fiestas y se dramatiza también en los rituales cotidianos.

Essa da perda da relação “natural” de contato com o território geográfico e social, e a recolocação territorial deixa marcas significativas na vida das pessoas.

Escrito em 1953, o romance *Amor a la tierra* apresenta-se ainda hoje, cinquenta anos depois, praticamente desconhecido até pelas pessoas que, de alguma forma são alvo de referência, por viverem na região. Esse desconhecimento talvez seja pela falta de interesse em sua divulgação, por parte da autora e de seus parentes. Eu tomei conhecimento, através de uma senhora que vive em San Antonio. Os santoantonienses, em sua maioria, nem sabem que há um livro que fala de sua terra e foi escrito em espanhol, por uma pessoa que nasceu em chão brasileiro, e que depois, por motivos alheios a sua vontade, teve que abandonar a região e radicar-se em Posadas, capital do estado de Misiones, tornando-se cidadã daquele país.

A obra, como bem demonstra história dessa fronteira, oscila pelas bordas lingüísticas, geográficas, históricas, enfim culturais.

1.1 - Amor a la tierra – Antonia Arrechea

Amor a la tierra, como obra, representa a vida de uma personagem que queria salvar a propriedade dos pinheirais e conta a história do pai que foi um dos desbravadores da região de San Antonio/Santo Antonio. Em atos de memória, mais se esquece do que se avivam os fatos.

É um livro que, segundo a autora, é de “una sencillez casi infantil, escrito con profundo agradecimiento a Misiones mi — tierra adoptiva —; tiene por objeto hacer conocer algunos pueblos perdidos en la selva, que poseen una fisonomía incomparable...” (1953, p. 7)

Narrada em primeira pessoa, a obra, começa com um *flashback*, a autora lembrando-se da morte de seu pai, que ocorrera um ano antes, e que em seu leito de morte, havia lhe pedido que evitasse que *Los pinares* fosse para outras mãos. Esse capítulo é uma espécie de prólogo explicativo. O conflito surge quando o seu irmão Miguel, apoiado por sua mãe, decide vender *Los Pinares*. Esse foi o motivo que a levaria a escrever o livro contando a saga da família, que fundou San Antonio-Argentina, comprou terras do lado brasileiro, transitou, por Santo Antonio do Sudoeste, Clevelândia e Campo Erê.

Numa de suas argumentações para tentar convencer a família a não contrariar a vontade do pai, Ela diz: — “Trabajaré, pediré un puesto de maestra”. A mãe responde ironicamente: “— ¡Qué ilusa! ¡Con el sueldo de maestra, pretende comprar *Los pinares*” (1953, p.10). O que mostra bem claro, que há 50 anos, seja do lado argentino ou brasileiro, o professor, mesmo simbolicamente, já aparece desclassificado economicamente. Incorpora-se esta representação há dois séculos, XIX, do lado argentino, tem-se a figura de Sarmiento, professor que se tornou presidente, traçou a sua história política através da educação. Neste sentido, o texto atualiza a representação às condições precárias do professor em 1953. Através das palavras da mãe há uma contestação sobre o poder ilusório da educação da filha no contexto econômico do mercado de terras.

1.1.1 — A questão do Gênero

Segundo Rosa Cobo (1999), nascer mulher numa sociedade patriarcal significa carência de direitos e oportunidades e excesso de obrigações. Prisioneira de um modelo forjado pela concepção masculina, que a coloca num nível inferior ao do homem, a mulher absorveu a identidade orientada para a ética dos cuidados, para amor, para a intimidade, para a maternidade. O *feminino* não é algo natural, é uma construção normativa, resultado de dominação patriarcal. Apesar de constituir a metade da humanidade as mulheres constituem um gênero que vive em condições de marginalização.

A autora mostra essa situação de submissão e impotência diante do patriarcalismo reinante quando a personagem tenta defender a compra de *Los pinares* e a sua argumentação não surte o efeito esperado. Isso gera um desabafo que reflete a sua derrota e, para ela, o fato de ser mulher contribui para isso:

“— Nunca me sentí tan desdichada de ser mujer como en estos momentos. ¡Las mujeres podemos tan poco! No puedo decirte hoy, cómo lo compraré, pero no puedo venderla...” (p. 11) A personagem internalizou os valores impostos pelo machismo e não demonstra nenhuma reação para livrar-se disso.

Violeta, a personagem nascida na terra de — *Los Pinares* — expressa amor ao território, identifica-se com a região que a viu nascer. Violeta, nome de flor, tem muito de terra, de natureza ela diz referindo-se a San Antonio: “¡Quiero a mi suelo con todo el corazón! ¡Las partículas de esa tierra ligadas a mi alma y a mi sangre!” (p. 11). Esse amor à terra, fica bem claro quando ela tem que sair de *Los Pinares* para estudar em Posadas. Despede-se da natureza tentando gravar na retina todos os detalhes e faz um gesto que deixa claro o seu romantismo: “va al dormitorio donde toma un zapato y bajando al jardín, lo llena de tierra, de esa tierra que le es tan querida, lo envuelve y lo guarda con zumo cuidado.” (p. 94) Esse gesto lembra D. Pedro que ao ser expulso das terras brasileiras, carinhosamente leva consigo um pouco da terra que o viu nascer.

Este ato da protagonista traz o embalo nativista que motivou outros clichês como esse. Vale a pena perguntar-se se o ser humano tem mesmo esse apego a terra. Na literatura, o efeito que causa é o que importa, na medida que o ato de guardar terra, cria um fetiche, como se a matéria contivesse o sentimento. Esse gesto simbólico de guardar a terra num recipiente utilizado para os pés, como são os sapatos, induz à idéia de como a criação de uma “comunidade imaginada” pode ser preenchida no vazio que encobre todo ato de escritura.

No final desse “capítulo apresentação”, se usa um artifício machadiano que rompe o enunciado para, em uma linguagem apelativa, tentar conquistar o leitor através de um pedido ingênuo: “Amigo lector, si quieres conocer esta historia, no tienes más que leer este libro, palabra por palabra.” (1953, p. 13) O narrador se dirige diretamente ao receptor, usando para isso segunda pessoa gramatical, o que torna assim a fala mais incisiva. Não se quer afirmar, no entanto, que essa obra contenha o artifício irônico de Machado de Assis porque, embora haja neste capítulo inicial uma relação apelativa ao leitor, ela não se reforça no

decorrer da obra como vínculo de enunciação irônica que cria a cumplicidade no ato de leitura.

O dia de lazer serve à religião e a jovem tem que se vestir a caráter para a cerimônia. A roupa como uma nova “pele” veste a jovem católica e decente. “Abre el guardarropa, toma un vestido rosa de pechera reforzada, lo tiende sobre la cama junto con un par de naguas almidonados... a los pocos minutos está hecha un figurín...” (p. 14) Devidamente paramentada para o ato público.

Praticamente a única atividade pública das mulheres, a religião, na obra apareceu como coisa de mulheres, os homens não participavam muito. Quando estão saindo para a missa a mãe de Amélia diz: “— Espera que le avise a tu padre, él no irá; estos hombres creen que son unos santos... ¡Eduardo! ¡Nos vamos! ¡Hasta Luego!” (1953, p. 14)

A obra retrata as idéias dominantes na época. Através dessa referência a Amélia, jovem, em idade de casar, — e que é filha de Luisa e de Eduardo, um espanhol, que foi amigo do pai de “Antonio, alto, rubio, ojos azules, cabello ondulados finas facciones” (1953, p. 15), solteiro interessado em Amélia. A mãe convida o rapaz para tomar café depois da missa. Deixa os dois na sala e vai à cozinha e falando com a empregada:

— con toda seguridad mi marido invitará al muchacho a almorzar, con nosotros, pues parece que no le desagrada como yerno; el mozo aun no ha hablado pero... el amor no se puede disimular.

— Está cierto señora. Y la niña ¿Qué dice?

— ¡Qué ha de decir! Una hija bien criada obedece a sus padres, Además, Antonio es buen muchacho, simpático, emprendedor... en una palabra reúne todas las condiciones para que más de una chica envidie a mi hija. (1953, p. 16)

A escritora deixa bem clara idéia de que a “mulher educada”, de boa família era submissa às decisões dos pais. Isso parece arcaico hoje. O estilo da obra lembra os romances típicos do romantismo com descrições detalhadas do ambiente, uso de muitos adjetivos e metáforas previsíveis. Pelo estilo da decoração (kitsch), diga-se de passagem, cria-se a noção de que a família seria abastada. E como era costume, moça prendada tinha que saber tocar piano.

penetran en la amplia sala decorada al estilo Luiz XV, donde cuelgan pesados cortinajes de damasco. La muchacha se dirige al piano, sobre el que descansa un jarrón de bacarat lleno de rosas aterciopeladas. Antonio descansa en una silla tapizada en brocato rojo, desde donde contempla a

gusto a la hermosa muchacha, cuyas manos de blancura de lirios, desgranaban sobre el teclado las notas de un vals de moda. (1953, p. 17)

As mulheres eram educadas para as “prendas domésticas”, preparadas para serem “donas de casa”, e sempre devem agir de forma recatada, determinados assuntos não lhes eram pertinentes, eram assuntos de homens. “Luego don Eduardo y Antonio se enfrascan en temas de política y negocios, asuntos que Amelia no comprende mucho.” (1953, p. 17).

Há o uso constante de clichês que mantêm as velhas “tradições” de como educar os meninos e as meninas. Quando Antonio chega de uma viagem traz os presentes:

El padre desata los paquetes y los reparte.
 — ¡Qué linda muñeca! — dice Clara.
 — ¿Vamos jugar de a las mamás?
 Salen las chicas, muy contentas con sus juguetes. A María del Carmen le han traído un osito blanco y para los varones escopetas y pelotas. En cuando ven las armas, los chicos se muestran impacientes por estrenarlas y basta que uno de ellos exclame: “¡Vamos a cazar”! para que salgan en pos de él como una exhalación. (1953, p. 74)

Os presentes já servem para as futuras mães treinarem como se cuida de um bebê e de como se cuida de uma casa, as meninas devem receber presente femininos. Os garotos ganham presentes de “macho”: armas e bolas. Os padrões não podem ser mudados, os papéis devem ser definidos desde a infância. A construção dos estereótipos masculinos e femininos denotam como o sexo da escritora não conta. Tem-se a impressão que o relato *Amor a la tierra* deseja perpetuar a tradição.

Depois de noivos, Antonio tem que trabalhar distante, na selva, na colheita da erva mate. Essas ausências duram meses. Ela trabalha como professora numa escola. Vive pensando, e nos momentos de folga, faz o seu enxoval. Reclamando da ausência do noivo à mãe, ouve:

— ¡Hija! Un hombre tiene que progresar. Pero hija, la yerba mate y la madera son parte del trabajo que ellos piensan realizar y una mujer juiciosa no debe impedir que el marido trate de superarse.
 Amelia asiente en silencio y luego agrega: — ¿Hay más hilo blanco, mamá?
 — Sí, en el cajón del medio del costurero grande. ¿Ya estás terminando el mantel?
 — Me falta bordar unas cuantas hojas, si no tuviera que ir a la escuela no estaría tan atrasado mi ajuar. (1953, p. 20)

Novamente fica clara a situação de total submissão feminina. A mulher ajuizada deve aceitar que ao homem cabe “progredir”, conquistar o mundo pelo trabalho, e ela ficar em

casa, como Penélope, esperando, fazendo o enxoval. As mulheres viviam a eterna espera. A casa era o seu território, com seus limites e obrigações. Ao homem era dado a mobilidade, o nomadismo, a busca constante de novos horizontes. À mulher a subserviência imobilizadora permeada de uma constante expectativa do retorno do companheiro. Nota-se que a autora segue os cânones patriarcais. Ela adota um discurso masculino e ocupa um lugar “subalterno”. Em outro momento, irrompe este comportamento submisso quando a segunda mulher de Antonio quer visitar a sua família em Clevelândia/PR, que fica a uns 250 km de distância, pois havia morrido o seu pai:

— A mí me gustaría más ir a Clevelandia ; papá ha fallecido, pero quedan allí mis hermanas.[...]

— Yo también sufro, Laura, como he sufrido antes, cuando vine a vivir acá. Pero los padres tenemos que velar por la felicidad de nuestros hijos y proporcionarles todo cuanto esté a nuestro alcance.

— Tienes razón, Antonio, perdóname. El deber de la esposa es acompañar al marido doquiera que vaya. (1953, p.112)

A mulher deve anular-se como ser humano duplamente: primeiro em obediência à vontade do marido e segundo para cumprir às obrigações da maternidade. É o clichê machista sendo reforçado pela autora que, em momento algum, foge desse padrão.

A obra não propõe nenhuma rebelação feminina, limita-se mostrar como na época, as mulheres carregavam o fardo maior, a dupla jornada de trabalho: “a abnegada tarefa de Amélia em sua tripla condição de mãe, esposa e professora.” (1953, p. 39)

As longas ausências de Antonio foram matando Amélia aos poucos. Ela desmaia e é socorrida pela mãe e explica-lhe a causa do mal-estar:

es esta soledad la que me consome. Cada vez que me siento triste, me descompongo así...

— ¡Déjate de pensar tanto en tu marido!¿Olvidas acaso que eres madre?

— No, mamá, pero tampoco puedo olvidar que soy mujer y joven. (p. 40)

A idéia romântica de que se morre de amor está bem nítida, e que a saudade do amado é causa de morte. Amélia, apesar de jovem, morre por problemas cardíacos, deixando Antonio com cinco filhos. Os filhos ficam com a sogra em Posadas.

As várias facetas de representação feminina que consolida a visão patriarcal se concretizam na obra, pois a mulher é vista como ser desprotegido, santo e abnegado.

Dividido em pequenos capítulos, com exceção do primeiro que conta o motivo que levou a autora a escrever a obra, os demais seguem a linearidade.

Essa maneira de narrar é classificada por Affonso Romano de Sant'Anna (1975, p. 22) como narrativas de estrutura simples. Há uma preocupação em manter-se ligado ao real, ao denotativo, ao significado, do conceitual, da infinitude fechada.

Quanto a relações maritais, há uma economia moralizadora de expressões de carinho ou cenas mais íntimas. Para relatar a cena da noite de núpcias, a narradora usa o adjetivo “flamante” para a noiva e “frenético” para o noivo, dentro dos moldes dos românticos, em que amor representaria algo idealizado, mais platônico do que sensual ou carnal. Mesmo nos momentos mais íntimos, a protagonista não deixa de lado o a sua religiosidade. Na noite de núpcias:

El joven, al llegar a la puerta levanta a la niña en brazos y atraviesa así al umbral, como augurio de felicidad. La flamante esposa, conmovida hasta las lágrimas pronuncia una muda plegaria: “¡Señor, Tú me has dado la dicha infinita del amor correspondido! Por Tus Santas Leyes, me has unido a este hombre. ¡Dadme muchos años de felicidad!”
Sus pensamientos son interrumpidos por Antonio que, frenético, la toma entre sus brazos y la besa apasionadamente... (1953, p.24)

Se as relações amorosas no romance indicam o protótipo do casal bem comportado e harmônico, no campo das relações de produção, *Amor a la tierra* mostra como elas ocorriam entre patrões e empregados.

1.1.2 – OS ERVAIS

Na selva, o patrão participava das mais duras tarefas que eram necessárias para atingir-se os objetivos. Há uma insistência em apresentá-lo, como um ser que se põe no mesmo nível dos subalternos, em nada sendo inferior, pelo contrário é uma espécie de super-homem. Neste sentido a leitura dessa disparidade entre as classes sociais pode ser lida como justificativa para a diferença: o proprietário da terra é dono dela porque tem méritos que os empregados não possuem.

A obra dá a impressão que as relações entre patrões e empregados garante aos trabalhadores condições humanas de labuta. Rafael Barret (1988, p. 8) contradiz a existência dessa relações harmônicas; segundo ele, o que existia era a escravidão:

El mecanismo de la esclavitud es el siguiente: No se le conchaba jamás al peón sin anticiparle una cierta suma que el infeliz gasta en el acto o deja a su

familia. Se firma ante el juez un contrato en el cual consta el monto del anticipo, estipulándose que el patrón será reembolsado en trabajo. Una vez arreado a la selva, el peón queda prisionero los doce o quince años que, como maximun, resistirá a las labores y a las penalidades que le aguardan. [...] Se ha calculado de tal modo el anticipo, con relación a los salarios y a los precios de los víveres y de las ropas en el yerval, que él peón, aunque reviente, será siempre deudor de los patronos. Si trata de huir se le caza. Si no se logra traerlo vivo, se lo mata.

Barret diz que essa situação de exploração humana era prática normal nos ervais do Paraguai, da Argentina e do Brasil. *Amor a la tierra* não deixa isso transparecer em sua narração:

Antonio vuelve a la administración al mediodía, para salir enseguida de comer a continuar el trabajo. Va ahora a la costa donde están preparando las “jangadas”, hay allí un incesante ir y venir de hombres.

— Apuren los “cachapés” que vamos a dejar esto terminado antes de que caiga la noche.

—“Chê patrón” ¿Vos también te metés al agua?

— Se ve que sos nuevo por aquí, Ramón, este patrón es más guapo que “nojotro” — dice un peón .

— No es exacto, Silvera. No soy más guapo que ustedes, pero es que sí, lo igualo.

— “Toy”viendo que me voy a hallar aquí: es el primer “graudo” que veo trabajar así.

— Aquí, patronos y peones trabajamos de sol a sol; no vamos dejar la ciudad para venir al monte a dormir — dice Antonio. (p. 27)

Vê-se que mesmo no trabalho o intuito é representar o patrão como mais capaz e que consegue coordenar o trabalho “duro” como os demais. Não há interesse em criar personagens entre os empregados.

O livro narra o prenúncio de uma grande tempestade. Isso causa grande aflição para quem tem balsa no rio, pois pode significar perda total das toras conseguidas a grande custo, dias e dias de trabalho extenuante poderão ser perdidos, mas sempre há alguém para acender uma vela para que os santos impeçam que isso ocorra. A religiosidade popular está representada na obra através do imaginário da região.

A la madrugada los hombres ya están de pie. Relámpagos y truenos aturden la selva callada.

— ¡Qué calamidad! Parece tendremos lluvia antes del amanecer — dice Antonio.

— Si sólo es lluvia no será nada, la tormenta “nico”suela ser “feo”— dice Mercedes —. Se viene ahorita “nomá” “juí” a”prendé”vela “pa”mi santito, “pá”que el viento no “vaye” ser “juerte”.

— Ahí está patrón, empezó ya — comenta Pacheco. (1953, p. 28)

Acender uma vela para os santos invocando a sua proteção na hora de tormentas violentas é uma tradição que é narrada no livro em duas situações. E ela continua presente nos hábitos da população de fronteira. As velas e os ramos são bentos no “Domingo de Ramos” na igreja católica.

O uso do voseo está presente na obra: *¿Vos también te metés al agua? — Se ve que sos nuevo por aquí, Ramón.* As marcas da oralidade são abundantes no fragmento anterior: “prendé”, “nomá”, “juí”, “pa”, “juerte”. A autora, ao reproduzir em sua obra o modo de falar dos trabalhadores sem muita instrução, usa aspas para marcar essa modalidade como se as transgressões das normas da língua “standard”, deixassem-na em uma situação desconfortável.

As lendas e os mitos sempre fizeram parte da vida das pessoas do meio rural. Na obra há representações desses relatos:

El capataz se dirige al “barbacuá” más cercano, chapaleando en el barro. Varios peones están reunidos allí narrando las leyendas del “yací-yaterê”, “el lobizón” y otras de pretendida veracidad en el lugar. (1953, p. 28)

Geralmente as histórias são contadas de noite, ao redor da fogueira ou do rústico fogão a lenha, quando as pessoas se reúnem para tomar o chimarrão. Cria-se um ambiente de encantamento em que tudo é possível. As fronteiras do real e do imaginário mesclam-se. Os “causos” estão bem vivos na memória das pessoas e são repassados, geralmente, pelos mais velhos que recriam, com sua performance, o ambiente em que se desenrola o fato. Usam a sua totalidade pessoal: “simultaneamente um conhecimento, a inteligência de que se investe, a sensibilidade, os nervos, os músculos, a respiração, um talento de reelaborar em tempo tão breve. O sentido provém de tal unanimidade.”

Vê-se que as pessoas buscaram o calor do secador de erva, certamente para “matear” — tomar chimarrão — já que o ambiente externo era de extrema umidade causada pela chuva. O verbo “chapalear” dá idéia de como era difícil a locomoção entre os diversos barracões, a chuva implacável fazia o ambiente hostil ao ser humano.

O ambiente acolhedor do “barbacuá” faz com que os “causos” se sucedam. O narrador não acredita muito neles, pois usa a expressão “pretendida veracidad”. Nota-se que autora preocupa-se em aclarar que cita os “causos, mas não quer ser acusada de “avalizá-los”, pois talvez isso entre em conflito com a sua formação cultural. Nos

“causos” é que se tem a herança indígena, os conflitos culturais, a transculturação se dá entre cosmogonias indígenas e as repressões cristãs que ocultam esse universo onde outras criaturas têm poder.

Eles citam o Yasí Yateré, personagem mítico que existe no Brasil com o nome de Saci Pererê. Esse personagem aparece duas vezes na obra e sempre em dias de chuva, em que há tempo de contar causos:

Continúa lloviendo, sin intermitencia durante dos días con sus noches. Las mujeres forzadas a permanecer en las casas, narran a los niños cuentos y leyendas. Entre ellas hay una, la del “Yasij-yaterá” que habla de un niño rubio y hermoso, que siempre lleva boina roja y bastón de oro... (1953, p. 76)

Na Argentina, no Uruguai e Paraguai, mas principalmente na província de Misiones ele se transforma em Yasí Tere, Yasí Yateré, Yasí Ateré, perdendo as características com que se apresentam no Brasil. Tem um assobio característico, entre outras coisas:

No es un pájaro que silba de ese modo, sino un enano rubio, bonito, que anda por ese mundo cubierto con un sombrero de paja, y llevando un bastón de oro en la mano. Su oficio es el de robar los niños de pecho, que lleva al monte, los lame, juega con ellos, y luego los abandona allí, envueltos en isipós (enredaderas).

Yasi Yateré importante personagem da mitologia guaraníca, com forte vivência nas comunidades de Misiones. Tanto é que existia na cidade de Posadas (Misiones) um programa de rádio na hora da “siesta” que transmitia um “chamané” que se denominava a “*La hora del Yasí Yateré*”. Apresenta-se com uma cabeleira loira, talvez tenha sido prateada (é o mito que encarna a lua, Yasi: lua). Ele também sofreu com o processo de aculturação.

É apresentado assim: anda nu, com um grande chapéu de palha. Vive na floresta, nos ocos de troncos de árvores, protege os pássaros, anda sem fazer ruído. Tem um assobio característico. O seu assobio é o mesmo de um pássaro que vive no interior da floresta. Não tem amizade com os homens. Persegue meninos travessos, rapta-os para castigá-los e abandona-os na floresta, namora donzelas. Félix Coluccio (1950), em seu dicionário, diz:

Yasi Yateré. Enano rubio y barbudo que recorre el campo desnudo, con un sombrero de paja en la cabeza, y en la mano un bastón de oro que jamás abandona, por ser el arma que le permite hacerse invisible y disponer de otros poderes sobrenaturales. Se dice que en la parte superior se halla el silbato que produce el estremecedor llamado que advierte a su presencia...

Este ente mitológico é o mais vivo na mente das pessoas que vivem em San Antonio – Misiones. Inclusive professores contam experiências que tiveram com Yasí Yaterê. O professor Samurdio, que trabalha no “Bachillerato Común nº 1” San Antonio conta que quando tinha 15 anos trabalhava num cinema na cidade de Oberá. Como as sessões terminavam tarde, e ele tinha que sair sozinho para chegar em casa. Tinha que caminhar num trecho sem iluminação. Todas as noites ouvia um assobio característico do Yasí Yaterê. No início não sabia o que era. Contou para sua mãe, que era descendente de índios guaranis, ela contou-lhe que era ele, o Yasí Yaterê, e que não tivesse medo, pois ele estava protegendo-o. Para a descendente de guaranis, esse personagem é uma espécie de anjo-da-guarda.

Narrou também que uma vez fizeram uma viagem ao Paraguai para visitar seus parentes, todos de origem guarani.

Numa noite muito quente, como era costume da comunidade, colocaram as camas no pátio. Altas horas da noite, ouviu-se um assobio: o do yasí Yaterê. Ninguém falou nada, mas todos carregaram as camas para a casa, pois podia contradizê-lo. E ele estava irritado. Disse também que não se pode imitar o assobio dele, pois ele se irrita e castiga. Contou que certa vez havia chegado um professor novo, mais precisamente na escola do Pesado, interior de San Antonio. Os alunos contaram a lenda do Yasí Yaterê e o que se devia fazer quando ele se manifestava. Ele riu e disse que não acreditava naquilo e que ia desafiá-lo. Depois de alguns dias o professor foi embora totalmente louco. As pessoas acreditam que foram artes do Yasí Yaterê.

A crença é de que esse personagem mitológico tem um humor nem sempre bom, por isso não vale a pena desafiá-lo. Vê-se que ele nem sempre é visto da mesma forma, para alguns um ser protetor; para outros um ser vingativo.

Nos momentos dos “causos”, arredor do fogo, o “lobizón” faz parte das performances. É o personagem lendário que veio junto como o colonizador europeu e que se fixou no imaginário americano mantendo as suas características originais.

É um mito muito difundido em toda a região. É uma das expressões mais evidentes do longo processo de transculturação sofrida na região jesuítica, ocasionadas pela cultura trazida da Europa. Luis da Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, diz que o Lobisomem é um mito universal registrado por Plínio o velho, Heródoto, Pompônio Meka, Platão, Santo Agostinho, Sócrates, Ovídio, Petrônio, etc. Na Grécia, era

conhecido como Lykos (lobo); em Roma, como Versiopilio; nos povos eslavos como Warwolf; na Rússia como Obototen; na França como Loup-garon; na Espanha como Hombre lobo, Luvisón ou Lobisón. Em Portugal como Lobisomem. Acreditava-se que eles são filhos de comadres e compadres, padrinhos e afilhados ou filhos incestuosos.

De novo notam-se as pregações religiosas impregnando os mitos. Para não ter filhos lobisomens não se deve infringir as regras religiosas, respeite a moral e os bons costumes apregoados pelo cristianismo.

Segundo Elsa Leonor Pasteknik, em obra já citada, é muito popular a crença de que se nascem sete filhos homens, o sétimo filho nasce com a inexorável fatalidade de converter-se, nas sextas-feiras de lua cheia (no Brasil), e, na lua Nova, (na Argentina), em um animal negro e peludo (às vezes é cinza) semelhante a um cachorro e com o tamanho de um terneiro. Ele se alimenta de carne em decomposição e ossadas, por isso percorre os cemitérios. “El lobisón” ou o “lobisomem” geralmente não ataca as pessoas, foge da presença do homem, mas se o encontra desprevenido, trata de passar entre suas pernas transmitindo ao incauto todo o seu feitiço. Caso se sinta agredido, avança contra o seu agressor, a quem matará e comerá. Há a crença de que pode ser morto por balas bentas. Caso seja morto, no mesmo instante de sua morte se converte no homem que sempre foi. Conta a tradição, que a pessoa sente quando se vai transformar em lobisomem e por isso afasta-se de lugares com pessoas.

Ele come muita porcaria, mas para balancear sua imunda dieta, comerá um menino *não batizado*. O detalhe do *batismo* demonstra que a catequese cristã tinha que ser feita, tamanha a influência do mundo indígena, fazia-se necessário apagar de vez o poder mítico indígena. Na região fronteira é comum ouvir-se, quando a noite é de lua cheia: “Hoje é noite de lobisomem” (no lado brasileiro).

Assim como os homens rudes se reúnem para tomar o chimarrão pacificamente, reagem violentamente, quando se sentem ofendidos por qualquer companheiro. E essas reações podem acabar em “pelea fea” ou podem gerar morte. Quando estão reunidos no “barbacuá” contando as lendas, o narrador apresenta um desses fatos:

- Mírale al “Bringó”, le gustan las de amor — dice un peón en tono de broma.
- “Pá”
- mi que este Demetrio está enamorado — agrega otro.
- Y me parece que es de la Concepción — dice un tercero.

— ¡Epa, compañero! — exclama Pedro. Si es por esa morocha pierdes el tiempo, por que la tengo mareada.
 — Mirale al compadrito — contesta Demetrio.
 — Callate “bringo” “pata sucia” si no queré que te lonjee el cuero — explota repentina e impensadamente el aludido. Y sin dar tiempo a Demetrio, Pedro, sacando su machete de la cintura, le da un machetazo certero. El gringo cae al suelo y un grupo corre en su socorro. Otros detienen a Pedro. Pacheco ordena que llamen a don Antonio y que aten al criminal. (1953, p. 29)

O leitor é levado a participar da cena através de diálogos curtos que culminam no ferimento, a facção, de um dos contendores. Tem-se e impressão de que os “mensus” eram pessoas de poucos argumentos. Andavam armados com seus “machetes” que, além de para servir o trabalho serviam para as “peleas” geralmente provocadas por ciúmes. Depois da história e lenda que juntam, que unem, vem a desavença, mostrando o contraste do belo e o animalesco. Ao mesmo tempo em que são rudes, têm senso de justiça e compaixão, pois alguns socorrem o ferido e outros prendem o agressor. Don Antonio serve como juiz e médico nesses momentos de crise.

Al llamado de Ramón acude, presuroso, Antonio.
 — ¿Qué ha pasado?
 — Por aquí patrón, el Pedro ha malherido al “bringo” Demetrio por sonceras “nomás”.
 — Al divisar al herido Antonio exclama:
 — ¡Qué barbaridad! Lleven al herido al escritorio, vamos acurarlo. Pedro siguiendo la ordem del capataz, ha sido manietado. Los hombres levantan a Demetrio que se ha desvanecido y lo conducen al escritorio.
 — Traé un poco de caña, Ramón; está en ese armario. Ramón toma el frasco y lo arrima a la boca del herido, quien reaccina con horribles quejidos. Los hombres se miran en silencio. Pacheco le dice al oído a Ramón:
 Menos mal que el patrón sabe curar, porque al “bringo” le faltan “el labio”, un pedazo de “narí” y otro de “quijada”
 ¡Qué bárbaro el Pedro!
 Yo ya “vide” que estaba celando a la Concepción.
 Luego de efectuada la cura, Antonio ordena:
 — Pacheco, haga colocar un catre en la despensa para este hombre que necesita cuidados.
 — Bien patrón, ¿Y qué hago con el otro?
 — Manténgalo atado y en el primer barco mándelo a Posadas; ese hombre no puede quedarse aquí ya vino prófugo de Encarnación por asesinato. (1953, p. 30)

O leitor tem uma visão de como era precário o atendimento médico. Em lugar de ressaltar a falta de proteção médica que todo trabalhador deveria ter, a narração ressalta a capacidade do patrão em “curar”. Vê-se como a literatura, através da idealização de uma elite, oculta, camufla os problemas sociais, os direitos humanos mínimos a que teria arcar o Estado

ou a elite. Pela narração da autora, o agredido recebeu um golpe que lhe feriu o lábio, o nariz e maxilar. Certamente o tratamento constou de suturas feitas sem anestesia, ou melhor, com a ajuda da “caña”. O agressor foi condenado a ser levado a Posadas. A região era refúgio de muitos fugitivos da justiça, e os patrões protegiam-nos até que fizessem algo que desmerecesse a proteção dada.

A região era inóspita. Os mosquitos tornavam a situação ainda pior. A malária atacava os homens que invadiam as matas. Don Antonio, como participava de todas as atividades como um “mensu”, contraiu a enfermidade, que ainda hoje causam tantos problemas nas região de grandes florestas.

- ¿Le pasa algo, patrón?
- Nada de gravedad, estoy un poco decaído, parece que me voy a engripar.
- ¿No será el “chucho”?
- No lo creo, si hasta he tomado quinina para prevenirme.
- No te fies “che patrón”, yo he “vide” muchos que toman y lo “mesmo” lo agarra. (1953, p. 30)

Como era uma região de fronteira, aparece marca do Português “mesmo” e marca da oralidade como “Che patrón” “vide”.

Havia a preocupação em não ser contaminado por doenças, pois isso significaria que o trabalho seria prejudicado e assim se passaria mais tempo na selva e longe dos familiares.

- el “chucho” cesa repentinamente junto la fiebre, dejando, Antonio muy débil como se llevara varios días en cama.
- ¡Mercedes!
- Aquí estoy, patrón.
- Traeme un poco de caldo, me siento débil.
- Después le voy a dar verbena con caña; no hay nada mejor pa’el “chucho” — dice Mercedes sirviéndole el caldo. (1953, p. 31)

Tem-se um retrato dos sintomas da malária, e de como a doença era tratada. Aparece o quinino, que até hoje é usado para combater a doenças, e as receitas caseiras, que ainda hoje se conhecem para os convalescentes de qualquer doença. Aí aparece a verbena, erva medicinal muito usada na região. O intuito da autora é deixar claro que a vida nessa selva era difícil. Somente os homens de têmpera conseguiam sobreviver nesse inferno.

A medicina popular está presente. Vê-se também isso quando Eduardito, filho de Antonio, machuca o calcanhar ao prensá-lo contra o barranco do Rio Cedro e o cavalo que o conduzia:

Toma al niño, lo acuesta y le venda el tobillo con suma destreza. En esas regiones desoladas bueno es saber de todo porque no hay médico. Violeta aparece trayendo el frasco con grasas de venado y “mentruis” una yerba curativa de excelente resultados en esos casos. (1953, p. 67)

O ambiente era selvagem, não havia médico ou remédios. O jeito era tentar resolver os problemas que surgissem usando o que a natureza lhes fornecia e usando os conhecimentos empíricos que adquiriam com o tempo e os mais velhos.

Os “mensús” eram argentinos e paraguaios, a nacionalidade tinha pouca ou nenhuma importância quando se trabalhava na selva, desde que não houvesse disputa entre os estrangeiros e os nativos. O bilingüismo era normal na região.

Al divisarlo varios “mensús” comentan:
 — Este patrón con “trasa” e “bringo” es bien “criollazo”.
 — Pue hasta el guaraní “huabla” bien — dice otro, admirado.
 — ¡“Güenas” patrón! — contestan todos a coro. (1953, p. 31)

A autora tenta valorizar o trabalho na selva como algo penoso e que as pessoas não tem nem idéia de quanto sacrifício os primeiros desbravadores tiveram que enfrentar para conseguir os seus intentos.

Verdaderamente, sin embargo hay personas quienes creen que en Misiones, basta internarse en las selvas para sacar una fortuna; no saben los peligros y los sufrimientos, a que nos exponemos — agrega el patrón. (1953, p. 31)

A representação da personagem é de quem sofre as agruras da vida difícil do homem do campo, que além das dificuldades físicas: cansaço, doenças, saudade, solidão, com as intempéries, com o excesso de chuva ou a sua ausência, com a natureza agressiva. Ainda hoje muitas dessas dificuldades atormentam o homem que tem a coragem de dedicar-se ao desbravamento de novas frentes de colonização e ao cultivo do solo.

Na literatura latino-americana há escritores como José Eustásio Rivera com a sua obra *La vorágine* (1969) trata das condições subumanas dos colhedores de látex das selvas colombianas. Horácio Quiroga, que viveu na selva da província de Misiones, escreveu *Cuentos de la selva* (1926) e *Cuentos de amor, de loucura y de muerte* (1917) que tratam do sofrimento de quem se atreve a desafiar a selva. *Amor a la tierra*, de Arrechea ganha um colorido local quando relata os episódios na selva, mas é evidente que não tem a profundidade dos romances de Rivera ou de Quiroga, nem narra a situação de degradação humana a que estavam submetidos os trabalhadores como registra Barret.

O romance menciona as ruínas jesuíticas. O filho do casal seria batizado num dia especial: *O dia 10 de dezembro, dia da Virgem de Loreto é a data fixada para o batizado*. Vê-se de novo a religiosidade católica e a devoção a Nossa Senhora. São poucas as datas que aparecem claramente na obra, apesar de omitir o ano. Misiones é uma região que conta com muitas ruínas jesuíticas, sendo a mais conservada a de São Ignácio Mini, que fica a 56 quilômetros de Posadas. Loreto é outro núcleo jesuítico. Foi fundado em 1696 pelos jesuítas que tiveram que se mudar da região de Guairá. Mais de 12 mil índios compunham as missões. Em Loreto foram impressos os primeiros livros dos jesuítas. Os índios foram massacrados na guerra guaraníca:

nome que se dá aos violentos conflitos que envolvem os índios guaranis e as tropas espanholas e luso-brasileiras no sul do Brasil após a assinatura do Tratado de Madri, em 1750. Os guaranis de Sete Povos das Missões recusam-se a deixar suas terras no território do Rio Grande do Sul e a transferir-se para o outro lado do rio Uruguai, conforme ficara acertado no acordo de limites entre Portugal e Espanha.

Com o apoio parcial dos jesuítas, no início de 1753 os guaranis missioneiros começam a impedir os trabalhos de demarcação da fronteira e anunciam a decisão de não sair de Sete Povos. Em resposta, as autoridades enviam tropas contra os nativos, e a guerra explode em 1754. Os castelhanos, vindos de Buenos Aires e Montevideú, atacam pelo sul, e os luso-brasileiros, enviados do Rio de Janeiro sob o comando do general Gomes Freire, entram pelo rio Jacuí. Juntando depois as tropas na fronteira com o Uruguai, os dois exércitos sobem e atacam frontalmente os batalhões indígenas, dominando Sete Povos em maio de 1756. Chega ao fim a resistência guarani. Um dos principais líderes guaranis é o capitão Sepé Tiaraju. Ele justifica a resistência ao tratado em nome do direito legítimo dos índios em permanecer nas suas terras. Comanda milhares de nativos até ser assassinado em fevereiro de 1756.

Há um incêndio no qual o protagonista perde todas as instalações bem como erva que estava estocada. Chama a atenção a cena que relata a impotência dos homens frente ao fogo:

— ¡Espantoso eso!- dice Roberto, desmoralizado. Ganado por el desaliento, los hombres, sin avergonzarse rompen a llorar como niños sobre los escombros de lo que hasta hacía dos horas constituía todas sus esperanzas. Antonio, que ha sido siempre tan noble, se ve rodeado de varios peones que lo alientan.

— ¡No llores patrón! — le dice Leonardo —, el golpe es rudo, pero aquí estamos junto a usted para empezar de nuevo. Las palabras son sinceras; Antonio más que un patrón es para todos un amigo muy querido por su bondad y rectitud. Por eso su dolor es compartido y hondamente comprendido. (1953, p. 38)

Há o choro desavergonhado dos homens impotentes diante do sinistro que frustra o trabalho de tanto tempo. Há uma quebra da tradição machista de que homem não chora. Que chorar é coisa de fracos, de mulheres. Novamente a autora valoriza seu pai como homem que mesmo na derrota, mesmo não tendo mais condições de pagar aos peões recebe deles apoio incondicional, pois sempre se mostrara *bom e reto* e que agora recebe o pagamento de ser bom em forma de apoio. É a teoria de que os bons sempre serão recompensados de alguma forma. Há um verdadeiro culto à imagem paterna que transforma o personagem em herói.

O protagonista resolve solicitar a concessão de terras na fronteira com o Brasil. Depois de vários meses de trabalho extenuante, abrindo picadas, chegam à divisa da Argentina com o Brasil, na região de San Antonio -AR e Santo Antonio-BR.

— ¡Patrón! ¡Son los pinos! – exclama Bernardo asombrado.
La mirada azul de Antonio se recrea en el verde de los árboles y con voz emocionada exclama:
— Esto parece un país de leyenda. Miren ¡qué variedad de, mariposas!, ¡y qué colorido! ¡Las hay azules, blancas, amarillas. ¡Parece que estuviéramos en el Paraíso!
— ¡Qué loro! – dice otro peón.
— ¡No “no” van a dejar en “pa” “esto” bicho — agrega otro.
Se acercan de un arroyo, el San Antonio, que marca la divisoria entre el Brasil y la Argentina.
[...] Todos se inclinan y beben de las mansas y cristalinas aguas recogidas en el hueco de las manos. (1953, p. 47)

A água que corre não distingue fronteiras, os homens servem-se delas sem se preocuparem com a sua “nacionalidade”. A natureza não observa os marcos divisórios para cumprir o seu trabalho. As convenções humanas criaram linhas fronteiriças que são ignoradas pelas leis naturais.

A chegada à fronteira é narrada como se fosse a chegada ao paraíso. O protagonista descreve o que vê emocionado, usando abundância de adjetivos. A chegada à fronteira é como fundar um tempo novo:

La primavera canta, ríe, corre entre la fronda en loco tropel. El aire se filtra en el alma y en la sangre. El bosque transmite renovadas ansias de vida. Antonio se siente animoso y feliz. Ha realizado una hazaña de titanes. Acaba de abrir una picada, que será cuna del progreso y la civilización misionera. (1953, p. 47)

As imagens de alegria, de vida nova, são feitas com o uso de prosopopéia, metáforas. O clichê de modernidade, de que “abrir picadas” leva à idéia iluminista de

progresso. A derrubada da mata, é “limpeza” da terra (imposição da civilização) eliminando a natureza (barbárie). Antonio vendo o resultado do trabalho dos últimos anos diz:

— No voy a negar que estoy satisfecho. No es que el beneficio material lo que me guía, sino el amor incomparable a Misiones, mi “Patria Chica”. Dios me dé vida y salud para realizar todo lo que sueño en favor del progreso de esta tierra amada. (1953, p. 48)

Há uma declaração de amor à terra que ajudou a desbravar. Fica claro que a autora quer demonstrar que Misiones foi algo muito especial para Antonio. Uma pequena pátria que foi amada e que recebeu todo o esforço dele que sonhava com o progresso da região. Entre a comunidade imaginada chamada “nação” há a intermediária, mais próxima da personagem e que se torna reconhecidamente um território especial: “patria chica”. Resta repensar hoje a relação entre uma e outra já que a globalização tenta pulverizar nações em favor de regiões. Arrechea abre picadas e a obra desdobra a oralidade transculturadora impondo a hegemonia cristã, mas não consegue sufocar o imaginário indígena que teima em ressurgir nas rodas de “mate” através do Yasí Yaterê e outro personagens.

1.1.3 — O mapa da terra

Como a região além rio, ou seja, as terras brasileiras eram ricas em erva mate. Antonio vai a Curitiba e compra uma propriedade que fica em frente a propriedade que possuía na Argentina. Suas terras ficam divididas pelo rio Santo Antonio: metade no Brasil e metade na Argentina. E assim sem muita cerimônia é feita a integração. A fronteira fica sendo uma mera ficção: “Logo começa fomentar o comércio com o Brasil, e o rio Santo Antonio vê cruzar impassível, milhares de toneladas de erva mate.” (p. 40) O interesse na colheita da erva mate faz com que a idéia de fronteira fique diluída. É uma região selvagem, esquecida pelos dois países, há pouco controle sobre o território.

Éstos han arrasado con todo, con el hermoso jardín y la Quinta, ya las plantaciones han sido destrozadas por los cascos de los caballos. Las habitaciones están atestadas de cadáveres. (1953, p. 55)

Nota-se que o romance desenvolve-se nos dois lados da fronteira. A fronteira é algo que existe na hora do perigo, pois se refugiaram com a família em território argentino na hora em que se sentem ameaçados pela Coluna. Pensando que assim estarão protegidos homens da coluna de Prestes.

Esse incidente também é narrado por D. Tula — Conceição de Moraes — que ouviu seu pai contar quando ainda era menina:

A casa de Afonso Arrechea era uma espécie de bodega transformada em salão de baile. Era uma casa alta, serviam de alicerces, grossos troncos de árvores falqueados. Nas paredes também foram usadas pranchas, lascadas pelos empregados de Arrechea que construíram a mesma. A cobertura era de tabuinhas de pinheiro. A construção era a única a ter sido pintada naquelas paragens, por isso a denominavam Casa Branca. Certa noite, os homens de Prestes entraram na Casa Branca atirando, com cobertura na retaguarda... Os que se jogavam pela janela, eram mortos pelos que cercavam a casa. No final do tiroteio os mortos eram em número de catorze, os feridos, muitos. O tenente Antenor Augusto Araújo, estava com um grave ferimento na garganta, este foi levado, às pressas por Arrechea e seus homens, para San Antonio, no outro lado do rio. Quando o tenente conseguiu falar, pediu que caso não resistisse, que sepultassem seu corpo no território brasileiro, caso não fosse possível, então que abrissem uma cova e jogassem solo brasileiro sobre o seu corpo. [...] colocaram o corpo do tenente Antenor Augusto Araújo dentro de uma cova aberta na margem direita do rio Santo Antonio no território brasileiro. [...] os corpos dos catorze homens, militares e civis, mortos no ataque da coluna de Prestes à Casa Branca, foram enterrados na mesma vala, atrás da Casa...

A Coluna por onde passava deixava muito medo. Havia um verdadeiro pavor, pois apesar das ordens de Carlos Prestes, cometiam-se muitos abusos corporais. Requisitavam-se animais e alimentos para abastecer os seus componentes, além de forçar as pessoas a se juntarem às forças rebeldes. A Coluna Prestes não conseguiu vencer a visão conservadora do povo.

O romance *Amor a la tierra* narra que alguns componentes da coluna entram no território argentino. Um único policial argentino, que havia na região, tenta detê-los. Não respeitam as suas palavras. Ele então tem uma idéia:

Ve con sorpresa que no lo escuchan y viéndose perdido tiene una idea salvadora. Con voz recia exclama:

— ¡No den un paso más! ¡A mí podrán matar, pero el refuerzo que viene atrás, dará cuenta de ustedes!

Los revolucionarios atemorizados, se vuelven rápidamente al Brasil y Ramirez se cubre de gloria por su valor y patriotismo. Los refuerzos del valiente, eran como los molinos de Quijote, hijos de la fantasía, como ya lo habrías imaginado. (1953, p. 56)

Essa liberdade no ir e vir fez com que os homens da coluna, tentassem penetrar em terras estrangeiras para perseguir os refugiados. Há uma intertextualidade. A autora cita *molinos de Quijote*, que também foram frutos da imaginação de D. Quijote como foi o reforço que nunca iria chegar. A fronteira é algo que existia mais nos mapas que no dia a dia das pessoas que viviam nas terras divididas pelo rio Santo Antonio.

Os argentinos exploram a região em busca de erva mate e compram terras em Campo Erê/SC a 100 km de Santo Antonio. A colheita era levada no lombo de burros até San Antonio e transportadas até Posadas ou Buenos Aires. A região era selvagem. Havia animais carnívoros que causavam estragos nos rebanhos. Uma noite:

En esse momento se oyen fuertes rugidos.

— ¿Qué será eso? —pregunta Antonio.

— Debe ser el tigre —dice Gino, el hermano de Laura.

—No cabe dudas —agrega Sebastián, que en ese momento hace su entrada al comedor.

— En poco tiempo se ha comido quince animales — comenta Laura. (1953, p. 67)

Na região não existem tigres. Havia onças pintadas e pumas, mas popularmente tigres. Como o prejuízo era grande, e o perigo também, fizeram uma espera sobre árvores para matar o animal. “Ante el asentimientote todos, se dirigen a la “tarima”, donde se ubican esperando al manchado. Para distraerse narran en voz baja historias de cazas” (1953, p. 69). Pelo adjetivo *manchado* deduz-se que era uma onça pintada. É comum contar histórias de caçadas para matar o tempo. Conta-se causos de outros tempos, os perigos e a quantidade de caça obtida varia segundo cada contador. É comum nessa região, caçar com a ajuda de cachorros que são soltos para “correrem a caça”.

Los perros permanecen quietos y silenciosos al pie del árbol. Hasta que al cabo de unos tres cuartos de hora, comienzan a ladrar temerosos y levantan la vista a la copa del árbol como buscando protección. El olfato no los ha engañado. La fiera se acerca con paso de gacela.

Los hombres están tensos esperando poder afirmar su puntería.

Los perros avanzan para volver, acobardados y llorosos, pues de un zarpazo ha despantuzurrado a uno de ellos.

Al enfocar sus linternas, el animal se encandila y simultáneamente se oyen dos detonaciones que han iluminado fugazmente la oscura noche. Es el pulso certero de Gino el que ha dado cuenta del animal. Éste lanza unos bramidos terribles, se revuelve en la hierba, en una agonía desesperada. (1953, p. 69)

É a luta do homem contra a natureza. É uma luta desigual, com cachorros que são expostos para atrair a onça e alertar os homens de sua presença, facilitando assim o uso das armas de fogo. Usam as lanternas para ofuscá-la e fazer pontaria. Não há como escapar, a natureza é vencida pelo homem.

Laura, acompanhada de alguns empregados, vai de San Antonio/Santo Antonio a Campo Erê/SC em dois dias de viagem (100 km). Encontram-se com Antonio e seguem a Clevelândia/PR mais dois dias de viagem, pois lá mora o pai Laura, coletor aposentado. No encontro temos o discurso dele:

— ¡Hija! ¡No olvides nunca que la única felicidad de la vida consiste en mirarnos el alma y sentirnos bueno, por la fuerza que nos dan los lazos indestructibles que unen a la familia. Cuando hay ternura en la mirada de los hermanos y el regazo del abuelo es un nido blando y tibio, los pueblos, se vuelvan prósperos y las naciones libres.
— Tienes razón, papá; si todos los padres hablaran a sus hijos como lo haces tú, el mundo sería mejor y la vida más llevadera. Sólo es necesario, como dicen las Sagradas Escrituras “un poco de buena voluntad.” (1953, p. 72)

Um discurso moralista nas palavras proferidas pelo ancião. Existe a crença de que a família é a mola que move a humanidade de forma harmônica. A autora usa o texto bíblico para dar mais consistência a argumentação moralizadora.

1.1.4 – A fronteira da língua

Violeta tem pais argentinos, mas nasce no Brasil. Isso faz com que tenha dificuldades em conviver com essa dupla nacionalidade. Ama as duas pátrias, convive com pessoas que falam o português e o espanhol.

El mes de julio se festeja el día de la patria. [...] Violeta, que ya sabe leer perfectamente, recita una poesía titulada “A la patria”. Pero una gran desazón la embarga y su mirada se pierde del otro lado del arroyo y una voz interior parece decirle: “aquella es su patria”.

Terminada la fiesta, la niña siente un gran alivio al cruzar el arroyo y pisar “su tierra”. ¿Por qué? Se pregunta. Pero no encuentra la contestación. Es demasiado pequeña aún para analizar sus sentimientos. (1953, p. 81)

Há um sentimento que ultrapassa as fronteiras políticas, os marco simbólicos que são impostos pelas nações. Violeta se questiona sobre o porquê de aprender somente um idioma:

Una idea fija se ha adueñado de su mente: “¿Por qué me hacen aprender a leer primero el castellano? Es bueno conocer todos los idiomas, pero es necesario saber primero el propio. Yo he nacido en el Brasil y el portugués es mi lengua. Mis hermanos son felices; ellos van a la escuela de su patria. Yo aunque quiero a la Argentina, no puedo olvidar que el Brasil es “mi patria” y me siento desdichada.” (1953, p. 81)

Impor um idioma é uma forma de impor uma pátria, pois aprender uma nova língua implica conhecer uma nova cultura e muitas vezes divergir da autóctone. A personagem estava sendo catequizada para adotar a Argentina como sua pátria e isso faz com que ela reflita sobre a idéia de pátria. A “fatalidade” de ter nascido no lado brasileiro da propriedade dos Arrechea fez com ela tivesse essa dualidade lingüística que lhe trará problemas quando vai estudar em Posadas, onde a proibem de falar o português:

Cuando está con Clara, comienza a hablar portugués, aunque a su hermana le desagrada.

— Violeta, no hables más el portugués — le pide Clara.

— No puedo dejar de hablar mi idioma — contesta la niña.

Se lo contaré a Rodolfo, ya sabes que te lo tiene prohibido. — insiste Clara. (1953, p. 107)

Falar o idioma de outro país é uma forma de afrontar a nacionalidade. Violeta sofre com a sua petulância de dizer que o seu idioma é o português e isso lhe acarreta punição: “¿Qué no vuelva a suceder! — encrespa el hombre —. ¿No comprendes que es mejor para ti? Así progresarás más en sus estudios. Quedas de penitencia. Durante diez días, no hablarás con ninguna de tus amiguitas y si se repite, tendrás un castigo peor.” (1953, p. 107)

Benedict Anderson em sua obra *Comunidades Imaginadas* (1991) diz que a língua é um elemento das ideologias nacionalistas. O espanhol foi imposto aos povos hispano-americanos pelos dominadores. Tornou-se o idioma do poder e dominá-lo é uma forma de exercer o poder e identificar-se como autêntico patriota. A língua é associada a uma unidade territorial determinada. “¿No entiendes que es mejor para ti?” Se Violeta quer ser argentina deve esquecer o idioma de sua outra pátria, esse é o preço a pagar para pertencer a

comunidade imaginada argentina. Apesar de Antonia Arrechea, a autora do livro, ser brasileira, escreveu a obra em espanhol.

Violeta tem uma ligação afetiva muito grande com o Brasil. Quando se sente triste consola-se com o pouco de terra que trouxera de *los pinares*:

Violeta, en cambio, sube las escaleras y penetra en el dormitorio. Allí abre el cajón de la cómoda y tomando el zapato lleno de tierra del hogar distante, lo acaricia y se besa los dedos sucios de tierra, de “su tierra”, lo que le proporciona un consuelo muy grande, como si los brazos de la madre le mecieran. Desde entonces cada vez que una desilusión la hiere, encuentra paz y consuelo en aquel polvo amado y se siente reconciliada con la vida. (1953, p. 104)

Nos momentos de angústia a jovem vê na terra de sua “pátria” consolo para seus males. É o talismã da pátria imaginada. A terra, o pó está também no texto bíblico, que é lido na Quarta-feira Santa durante a imposição das cinzas, para lembrar os homens de que do pó vieram e ao pó retornarão.

1.1.5 – Fronteira da alteridade

Na obra não aparecem negros, sabe-se que a Argentina quase não possuía escravos e a maioria dos que havia fixou-se nos centros urbanos após a independência, porque a atividade pastoril usava pouca mão de obra. Mas aparece uma personagem negra, Balbina:

Cuando los hombres llegan a la casa cargando los arbolitos, la algarabía es enorme; chicos y grandes corren a su encuentro. Hasta Balbina, la corpulenta negra, viene hacia ellos mostrando sus dientes de mazamorra y con las manos llenas de harina. (1953, p. 83)

A negra Balbina não foge à regra, é empregada da família, corpulenta, solícita, servil. Cozinheira, pois a metonímia de farinha em suas mãos são o indício de sua utilidade para a família. É muito querida pelas crianças e tem a plena confiança dos pais delas:

Los pequeños suplican a los padres que los dejen ir a bañar y a coro claman:
— ¡Queremos ir al arroyo! ¡Queremos ir al arroyo!
— ¡Déjenlos ir! — pide Balbina — que yo iré con ellos y lo cuidaré.
— Bueno, si va Balbina con ellos, pueden ir — dicen varios padres. (1953, p. 87)

A visão do negro é a do personagem bonachão que surge nos romances americanos cujo protótipo é *Cabana do Pai Tomás*, escrito por H. Beecher Stowe. Amada pelos padrões e pelas crianças, sempre pronta a cumprir ordens e adiantando-se às vontades dos brancos. O seu mundo imaginário também é composto por imagens de personagens brancos. As crianças estão brincando no arroio e ela pensa:

— ¡Qué cuadro! — piensa la vieja mujer —, sólo en el cielo existirán iguales.”Cuántas cabecitas rubias y morenas! ¡Cuántos ojos llenos de pureza! Unos cazan mariposas que revoltean entre las flores, otras juntan piedrecitas. (1953, p. 88)

“Somente no céu existirão tantas cabezinhas loiras e morenas” esquecendo-se que no céu, também há cabecinhas de crianças negras. Nota-se um certo preconceito por parte da escritora.

O tempo passa. Violeta se apaixona por um rapaz que gostava de farras. Em 11 de outubro de 1942 ao som de *Danubio Azul* diz-lhe que vai pedir a sua mão ao seu pai. Tem a aceitação do pai. Ela se forma como professora e tem que fazer a documentação argentina, pois era brasileira de nascimento. Recente-se em ter que mudar de “pátria”:

— Mira, mamá, Misiones me há dado un padre muy bueno, numerosos hermanos, la educación que poseo, y aquí viviré para siempre tal vez; posiblemente me case dentro de un año, con un hijo de esta tierra y sin embargo, madre, me duele cambiar mi nacionalidad.
— ¡Ya está sentimental otra vez! — dice la madre.
— Piensa lo que quieras, mamá, pero cuando una mujer tiene un hijo suyo tolera defectos en él; pero si es adoptivo le exige mucho más. Así que seré yo en la Argentina; una hija adoptiva que tendrá que rendir al máximo, para ser bienvenida. (1953, p. 137)

Ter que optar por “uma pátria” gera na personagem um conflito, pois para ela a fronteira é algo flexível. Cresceu em duas pátrias, as terras de seu pai estavam em duas nações, o que as separavam era um pequeno rio. A necessidade profissional falou mais alto e adotou a nacionalidade argentina por conveniência.

Na verdade sempre houve muitas *fronteiras*: as fronteiras do pau-brasil, da mineração, da cana-de-açúcar. Na região Sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina e Noroeste da Argentina houve a fronteira da erva mate. A fronteira do suíno, a fronteira do gado na região de Santo Antonio/San Antonio. Os interesses econômicos fizeram que as fronteiras fossem maleáveis.

A personagem Violeta tenta definir o que é pátria:

— “¿Qué es patria?” Y no encuentra respuesta que la satisfaga. Para ella, es el canto de los pájaros al amanecer, el murmullo del arroyo en la quietud de la siesta, la figura de los pinares que se yerguen soberanos y purificadores; es la villa de la infancia, un grupo de casa perdidas en el corazón de la selva insondable; es la inocencia, la felicidad, todo es su Patria. (1953, p. 135).

“Pátria”, a comunidade imaginada, é fruto de séculos de mudanças históricas. É um conceito que tem muitas faces. É de difícil definição, e a personagem sente isso ao tentar externar um conceito. Benedict Anderson (1991, p. 223) diz que “foi desde o princípio uma política consciente, de autoproteção, intimamente ligada à conservação de interesses dinásticos-imperiais”. O pai de violeta, que gostava muito das terras brasileiras, diz que “no es necesario haber nacido en un país para quererlo con toda el alma.” (1953, p. 111)

Apesar do pai achar que o noivo de Violeta era um “D.Juan”, ela se casa. Depois de um tempo. Têm três filhos. Separam-se pois ele tem outra mulher. Violeta sofre, mas não faz escândalo na separação. Escreve um livro e com o dinheiro conseguido com ele, compra *Los Pinares* e transfere-se para lá. Perde visão e a recupera depois de uma cirurgia. Encontra-se com o ex-marido e há reconciliação.

A obra termina com a fala de Violeta: “— Hace muy poco, no era más que un árbol tronchado; pero hoy ese árbol ha reverdecido, porque raíces poderosos lo atan a esta tierra.” Ela é a árvore da terra dos pinhais.

Não há menção sobre índios na obra. A região San Antonio/Santo Antonio não possui nenhuma reserva indígena., mas ao redor das ruínas jesuíticas de San Ignacio, a 56 km de Posadas, encontram-se hoje muitos descendentes de guaranis.

O livro está repleto de moralismo conservador. O seu roteiro é previsível, bem distinto de *Galvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza, cuja trama também se desenrola numa fronteira, mas inova em termos discursivos fragmentando-se através da oralidade. São duas visões diferentes. Duas representações da fronteira que se encontram em patamares distintos. *Amor a la tierra* serve ao propósito dessa dissertação, ao trazer, como vimos, o sentimento de desterritorialidade que exige o retorno, e neste ir e vir, vence a terra primeira do berço: “Los pinares”.

Amor a la tierra trata de três temas que fazem parte do imaginário da fronteira: a *questão do gênero* — a autora submissa deixa transparecer alguns elementos do desejo reprimido; *A oralidade e as relações empregado/patrão no campo* — patrão semideus, o

empregado língua presa — com suas falas marcadas pelo uso de aspas e o *aparecimento dos mitos* que surgem pela oralidade, apresentando a transculturação, a riqueza de criaturas, a hibridez, conflito de mundos sagrados.

CAPÍTULO II - A REVOLTA DOS COLONO DE 1957

2.1 Memória subjetiva da Revolta dos Colonos de 1957

A revolta de 1957 em Santo Antonio do Sudoeste (na época Santo Antonio) mudou minha pacata existência de menino de seis anos de idade. O município emancipado tinha a mesma idade, com o detalhe: eu nasci no dia 1º de setembro e o município no dia 14 de novembro de 1951. Éramos jovens. As lembranças da revolta mesclam-se com as da minha infância.

Falar de um fato no qual se tem participação é algo fácil, mas quando dele se quer recordar muito depois, torna-se algo brumoso. Eu era criança sem grande noção do que realmente ocorria ao meu redor. A memória, com o tempo, vai apagando dados exatos do que se vive e dificulta que se delineiem os contornos das coisas, detalhes importantes daquilo que se quer reviver. Lembrar é recriar o que aconteceu que nos marcou.

Meu pai era o legítimo “faz tudo”: torneiro, soldador, reformador de lataria, enrolador de dínamos, ferreiro, inventor, dono de uma oficina mecânica. Na época, as estradas eram precárias. Quando chovia tornavam-se intransitáveis... os atoleiros eram muitas vezes intransponíveis. Quando se ia rumo ao município de Capanema, Foz do Iguaçu, temia-se a serra do Lajeado Grande. Quando o pessoal tinha de ir a Barracão temia a “Serra do Potrílio morto”, pois havia quem ficasse, até dias, atolado lá.

Meu pai, como mecânico, tinha uma oficina muito bem equipada, atendia a toda a região e aos caminhoneiros que vinham da Argentina. Na época de revolta, os empregados da CITLA traziam os carros para serem consertados por ele. Era cheio de manias, mas se a pessoa soubesse como se aproximar, como entabular conversa, conseguia, muitas vezes, o fiado facilmente, desde que a pessoa fosse educada e caísse em suas graças. Gostava de

cerveja, e quando embriagado, tornava-se expansivo demais e arranjava briga por qualquer motivo. Geralmente comprava carros velhos e os reformava. A reforma sempre parava na metade do caminho, desde que o carro andasse, não lhe interessava a aparência. Andava pela região com uma caixa de ferramentas. Se o carro enguiçasse, ele mesmo arrumava e seguia sua viagem. Ficar sem gasolina era corriqueiro. Emplacar seus carros, de forma nenhuma. Ele vivia sempre à beira de marginalidade. Como eu era o “homem da casa”, pois antes de mim nasceram duas meninas e depois de mim vieram ao mundo mais quatro, tinha que acompanhá-lo em suas andanças. Saíamos de manhã e voltávamos, às vezes, altas horas da noite, depois de andarmos de bodega em bodega, pois ele não podia ver uma, que parava para tomar cerveja.

Os chamados “jagunços” eram fregueses costumazes. Apareciam na “Oficina do João Alemão” cada vez que tinham um problema com as camionetas. Ele era competente no seu serviço. O “João Alemão”, que na verdade se chamava Nestor Blick, gostava muito de pescar, e caçar. A caça e a pesca eram abundantes nessa época.

Fazia parte do lazer as pessoas saírem para caçar e pescar. Os empregados da CITLA sempre o convidavam para pegar carona e ir a Lajeado Grande, onde eles tinham um escritório e havia muita caça. Meu pai tinha comprado um terreno em Capanema e tinha que ir pagar os impostos. Como não tinha carro, naquela época, cogitou de pegar carona com a camioneta da CITLA. Minha mãe teria dito que iria aproveitar a carona para caçar e pescar em Lajeado Grande, mas por causa da quantidade de serviço, ele acabara, protelando a viagem. Isso foi a sua sorte.

Um dia depois a cidade ardia. Um alvoroço! Havia matado pessoas numa emboscada. Fato que a *O Cruzeiro* divulgou como o *Episódio do KM 16*. O saldo foi: dois “jagunços” e cinco colonos mortos pelas armas dos colonos revoltados. Numa foto, que corria de mão em mão e que minha mãe detestava, os mortos dentro dos caixões abertos e quase que de pé, encostados numa parede, davam a impressão de fazerem pose para a morte. Ela andava de mão em mão. Escondido de minha mãe, eu a via emocionado, “imagens inadequadas para crianças”, dizia ela. Hoje, lendo e conversando com as pessoas, vejo que meu pai nasceu de novo. Se tivesse aproveitado a carona mortal, teria sido caçado que nem um animal como, aliás, ele tanto gostava de fazer.

Umás semanas depois, numa manhã cedinho, novo susto, meu pai nos tira da cama e apressadamente, enfia a família debaixo da casa. (A casa de madeira, em terreno inclinado que assim formava uma espécie de porão na parte traseira) aí nos metemos... Ficar ali nos protegeria de “balas perdidas”. E saiu para averiguar a situação, segundo minha mãe, apesar de valente, ele temia os revoltosos, pois a oficina estava sempre cheia de jagunços da CITLA com carros avariados. Essa revelação, feita há pouco tempo por minha mãe, me surpreendeu. Para mim meu pai era o valentão, sempre metido em “peleias”. Eu bem que me diverti, guri que era, em esconder-me debaixo da casa, só que depois de algum tempo, já tinha enjoado e queria sair para ver o que estava acontecendo. Minha mãe apavorada, não nos deixava sair dali de jeito nenhum. O meio dia trouxe a calma com a volta de meu pai e a saída do esconderijo. A chegada de minhas irmãs, Lourdes e Gerta, que estudavam num colégio de freiras em Pranchita, a uns a seis quilômetros de distância, foi uma festa para mim, pois sentia saudades delas. As aulas só voltaram a normalidade depois.

Saio para a escola. (Era um pavilhão, uma sala de cada lado, de frente uma para outra, com uma varanda no meio). Ando umas três quadras, vejo a rua coalhada de papéis, folhas escritas, documentos selados, cadernos, livros... um mar de papel atirado no meio da rua. Olho mais para frente e vejo uma casa de madeira, pintada de branco, com janela escuras... Arrombada e dava para ver que aquele mar de papel havia saído dali, pois quanto mais perto se chegava, mais papéis e livros arreventados havia... O escritório de um tal Dr. Abes da Cruz, disseram-me. Por que toda a destruição? Não me interessava, era a primeira vez que meus pés pisavam em papéis e livros. Dali para cá eles só foram mudando de lugar do pé aos joelhos, dos joelhos às mãos e das mãos à cabeça. Saí chutando. Eu tentava aprender algo numa classe de quarenta e oito capetas, que gritavam mais que a professora. As carteiras eram para dois alunos, com o banco e mesa acoplados.

Um grupo de homens entrando na cidade, desfilavam como se fazia em sete de setembro. Em filas, rostos sérios, trazendo no ombro os mais diversos tipos de “armamentos”: espingardas, winchesters, enxadas, foices, paus pontudos, facões, com um destaque especial: todos eles tinham no cano da arma, ou no ombro, um ramo verde...viemos em paz... Durante a noite, os agricultores tomaram a delegacia. Era um prédio baixo, de alvenaria (um dos poucos prédios assim, pois tudo era construído de pinho que era abundante na região. As casas eram cobertas por tabuinhas feitas com pinho lascado), pintado de amarelo, paredes grossas. Eu tinha impressão de que era uma fortaleza, fria e úmida. Na noite da tomada desse ponto de

estratégico, pois era ali que se encontravam os poucos soldados da brigada militar e que possuíam armamento, o que representava o poder armado, que poderia rechaçar os colonos revoltados. Houve um intenso tiroteio. Nela havia muitos presos, pois Santo Antonio era sede de Comarca. Na frente da delegacia vivia uma comadre de minha mãe, a dona Alice. Ela tinha uma família numerosa e todos os domingos vinha passear em nossa casa. Comentavam na cidade: “veja, lá vem a dona Alice, parece uma choca cercada de pintinhos”. Dona Alice não sabia o que fazer, onde pôr a salvo os filhos, meteu-os num poço que estava sendo cavado nos fundos da casa... só saíram de lá na manhã seguinte, quando tiveram certeza de que as coisas andavam mais calmas.

Foi um período de muito medo. Os jagunços andavam “armados até os dentes”. Chegaram exigindo as terras, impondo a “lei” a seu modo. As autoridades do município quase nada puderam fazer, pois eles vinham com ordens “superiores”, a serem cumpridas sem contestações. Muitas famílias se abrigaram em casas de conhecidos na Argentina, outros mandaram as famílias para os pequenos sítios que tinham no interior, pois não sabiam até que ponto os jagunços estavam dispostos a resistir. Mortes já tinham ocorrido, o sangue já regara a terra, demonstrando que o que estava ocorrendo era real e perigoso. O *Episódio do KM 16* ainda estava bem vivo. Os boatos de selvageria dos jagunços corriam soltos. Teriam matado crianças, atirando-as para cima e espetando-as com punhais, estupravam mulheres e moças em bando, não respeitavam ninguém. Não adiantava pedir por socorro que ninguém podia fazer nada. O medo e a insatisfação reinavam.

Nessa época a Argentina era o “centro de compras” de farinha, sabão em barras, sabão em pó, batatinha, leite em pó e outros comestíveis, em San Antonio, na Província de “Misiones”, um pequeno povoado que ficava ao lado de Santo Antonio, separados por um rio com o mesmo nome. Como nessa época o mato tomava conta de tudo, as picadas no meio da selva, era a forma de evitar o controle imposto, às vezes pelos argentinos, às vezes pelos brasileiros responsáveis pela fronteira. Se os Gendarmes — militares argentinos encarregados de proteger as fronteiras — pegassem algum brasileiro nos “piques”, era preso e submetido a inúmeras humilhações, além de perder a “mercadoria”.

No interior os colonos se organizaram e marcharam a pé e a cavalo para tomar a cidade. Muitos vieram por valentia, outros por medo de serem chamados de frouxos, alguns à força mesmo. Mas o que aglutinou as pessoas foi o medo de perder o que com tanta

dificuldade tinham conseguido : um pedaço de terra para plantar e viver, bem como proteger a família das mãos dos “jagunços fascínoras”.

Na época da revolta, muitas famílias, que se sentiram ameaçadas pelos empregados da CITLA — os jagunços — buscaram abrigo no outro lado da fronteira. Não houve problemas com a entrada delas na Argentina, pois passavam normalmente pela Aduana, e não por “piques” (picadas no mato). Além disso eram pessoas conhecidas nos dois lados . Como as casas eram pequenas, muitas famílias se arrancharam em galpões do lado argentino. Eles comentam que o forno fumegava o dia todo, ora com pão, ora com batata doce que complementava a alimentação das pessoas. Na noite do tiroteio da tomada da delegacia, e portanto da cidade, os brasileiros “exilados” ouviram muitos tiros e começaram a rezar desesperados.

A revolta passou, mas a imagem de terra violenta fez com que muitas pessoas evitassem mudar-se para o município o que gerou atraso em seu desenvolvimento.

2.2 Ocupação da terra — antecedentes da Revolta de 1957

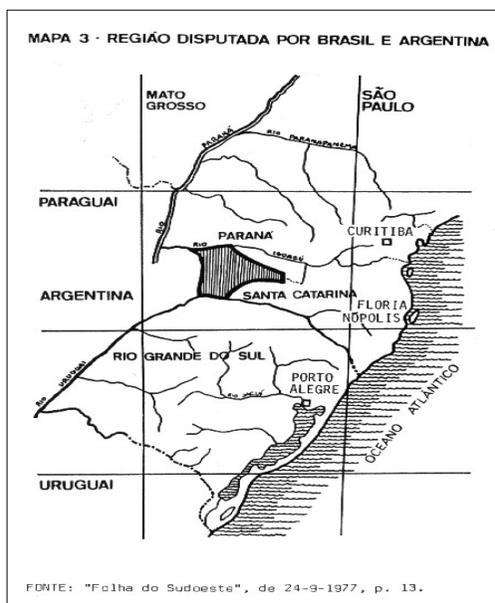
A crise de 1930 claramente unificou a destino da América Latina. Começava então uma era de escassez. A escassez podia ser a fome e a morte, mas foi também o motor que desencadeou mudanças intensas e variadas. [...] De imediato, parecia haver muito mais gente, e que essa gente se movimentava mais, gritava mais.

J.L. Romero, 1976

Como o ser humano necessita de condições mínimas para sobreviver do trabalho agrícola e as terras do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina não estavam mais atendendo às necessidades da população que aumentava, muitas pessoas migraram para o do Sudoeste do Paraná, que se apresentava como uma nova “fronteira agrícola”. A possibilidade de adquirir terras férteis a baixo custo, alimentava o imaginário dos colonos. Buscar dados que dessem uma visão ampla desse cenário, o que provocou essa corrida ao novo paraíso, fez-nos mergulhar nas memórias da terra em questão.

A região composta de terra muito fértil e coberta de pinheirais, acabou gerando muitas disputas jurídicas, políticas e sociais. E essas disputas já vinham da República Velha.

As terras devolutas, na época do Império, pertenciam à União. Com a mudança do regime político no Brasil, essas terras passaram aos estados.



A primeira disputa envolvendo o Sudoeste do Paraná deu-se entre o Brasil e a Argentina, após a Guerra do Paraguai. O Brasil defendia que a fronteira fosse delimitada seguindo o curso dos rios Santo Antonio e Peperi-Guaçu, a Argentina defendia e reivindicava que a fronteira fosse delimitada seguindo os rios Chapecó e Chopin, ficando assim o Sudoeste do Paraná como parte de seu território. Não havendo acerto entre os dois países, foi escolhido para decidir a questão o Presidente Cleveland dos Estados Unidos. Defendeu os interesses brasileiros em Washington, o diplomata Barão do Rio Branco. Em 5 de fevereiro de 1895 o território das Missões foi declarado território brasileiro. Essa disputa ficou conhecida como *Questão das Missões ou a Questão de Palmas*.

Depois de criada a Província do Paraná, em 1853, a região começou a ser disputada pelos estados limítrofes, Santa Catarina e Paraná. Rui Barbosa defendia o Paraná e Epitácio Pessoa defendeu Santa Catarina. Após a Guerra do Contestado, os dois estados assinaram um acordo em 20 de outubro de 1916. Afonso Camargo pelo Paraná e Felipe Schmitd por Santa Catarina que ficou com a maior parte das terras em litígio.

A colonização efetiva do Sudoeste começou com a criação da CANGO (Colônia Agrícola Nacional General Osório) que era um órgão público federal que devia distribuir terras gratuitamente. Na região havia dois tipos de posseiros: os posseiros oficiais, colonos

trazidos pela CANGO e que recebiam um protocolo de posse das terras e os outros que eram aventureiros que se localizaram na região, construindo ranchos e começando a produzir. A história dos posseiros é a história de muita luta, sacrifícios, de muito heroísmo.

A ocupação das terras do Sudoeste do Paraná intensificou-se nas décadas de 40 e 50, com os migrantes dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Colonos de origem alemã e italiana vieram em busca de novas terras, pois as que tinham em suas regiões de origem estavam exauridas pelo uso, não lhes dando condições de sobreviverem com as fracas colheitas que conseguiam.

A CANGO tinha como objetivo a colonização de novas áreas para a produção de alimentos. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina fazia-se uma grande propaganda dessa nova fronteira agrícola. Os reservistas do Exército brasileiro, quando recebiam baixa do quartel, recebiam com o seu certificado, um convite para instalar-se na região do Sudoeste. (Jornal de Cidade. Ano 2. p. 1)

Os camponeses vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul não encontraram dificuldades para se instalarem aqui, pois as características do clima, solo e relevo eram semelhantes às das regiões de onde vieram, e, em seus pequenos sítios, praticavam policultura familiar. Produziam para a sua subsistência e o restante era vendido ou trocado conforme a necessidade a oportunidade.

Os colonos gaúchos estabeleceram-se, principalmente, na região de fronteira com a Argentina, nos municípios de Barracão, Santo Antonio do Sudoeste, Pranchita, Pérola do Oeste, Planalto e Capanema. Os catarinenses mais na parte Centro-Norte da região, principalmente nos municípios de Salto do Lontra e Verê.

A origem desses migrantes é definida por Wachowicz (1985, p. 240):

do Rio Grande do Sul, os grandes fornecedores de migrantes são os municípios localizados nas regiões Norte e Noroeste do Estado. Destacam-se por ordem crescente os municípios de Erechim, Soledade, Passo Fundo e Lagoa Vermelha, enquanto que de Santa Catarina destacam-se os municípios do Vale do Rio do Peixe, servidos pela antiga São Paulo-Rio Grande, e a região do município de Chapecó (ex-colônia militar). Não se pode deixar de salientar os municípios catarinenses do Planalto e Litoral Sul como Orleans, Lages, Bom Retiro e Araranguá.

Embora, em menor proporção, alguns municípios paranaenses também tenham fornecido população para colonizar a região Sudoeste do Paraná. Essa ocupação foi marcada

por uma série de acontecimentos, tais como disputa pelas terras da região, grilagem de terras, expropriação de posseiros, revolta de posseiros. No entender de Iria Zanoni Gomes (1986, p. 15),

O processo histórico de ocupação do Sudoeste do Paraná pode ser dividido em duas fases: a primeira, antes de 1940, de ocupação extensiva de terra, que se caracterizava por uma economia cabocla, voltada basicamente para a exploração da erva mate, madeira e criação de suínos. A segunda, de ocupação intensiva, se refere ao efetivo processo de ocupação da região. Esse processo iniciado na década de 40, intensificou-se na década seguinte os migrantes gaúchos e catarinenses, descendentes de europeus, que haviam colonizado as regiões antigas do Rio Grande do Sul.

Os ervais não eram exclusividade das matas brasileiras. Eram abundantes na Argentina, no Paraguai e no Uruguai. Rafael Barret (1988) denunciava em jornais e revista a situação precária em que viviam *los peones yerbateros* que eram atraídos pelas empresas que exploravam a erva-mate. Aos 40 anos eram homens, totalmente debilitados, caducos que não conseguiam lembrar-se quem eram seus pais. Isso se não morressem antes ceifados pela fome, fadiga, febre, azoite, tortura ou assassinato. Esse tipo de relação entre patrão e empregados, de escravidão pelo débito, foi avalizado pelo governo paraguaio um decreto de 1º janeiro de 1871.

A ocupação das terras brasileiras intensificou-se, sobretudo pelo incentivo do governo de Getúlio Vargas, que a partir de 1938 adotou a política da ocupação dos espaços vazios. Implantou a chamada “Marcha para o Oeste” que foi a primeira manifestação dos poderes Federal e Estadual para integrar e alargar as fronteiras econômicas do país. O objetivo era o deslocamento espacial da força-de-trabalho para as novas regiões, aumentando com isso o aumento da produção de alimentos para os grandes centros urbanos

A extração da erva mate e da madeira (pinho) foram os fatores que incentivaram os luso-brasileiros a ocuparem a terra, pois a região era rica nesses recursos naturais. Plantavam feijão e milho estritamente para as suas necessidades pessoais. A criação de suínos era feita em sistema de safras. O safrista plantava uma grande área de milho e depois soltava os porcos na roça, onde eles eram parcialmente engordados. Outra forma de criá-los era soltá-los no mato, onde comiam o que achavam principalmente pinhão. Vendiam o que produziam em Barracão ou União de Vitória. Em lombo de burros eram levados erva mate, charque, farinha de biju, toucinho de porco e compravam sal, açúcar, querosene, pólvora, chumbo, caixas de balas e tecidos. Em Santo Antonio e Barracão, em 1903 já haviam pequenos

casebres e picadas que serviam pra levar a erva mate para a Argentina. O comércio extrativista era feito com o território das Missões, atual Província de Misiones. Na Região de San Antonio-Argentina instalou-se a empresa PASTORIZA, que em 1930 chegou a possuir trinta e cinco mil hectares de terras no Brasil, com muitos ervais. Os brasileiros começaram a comprar mantimentos em San Antonio, onde se localizavam os barracões da empresa PASTORIZA.

Os campos de erva-mate mobilizaram a fronteira, fizeram com que a linha demarcatória fosse só política. O romance *Amor a la tierra* representou bem este momento pioneiro, em que a propriedade atravessava a fronteira.

A população do Sudoeste do Paraná aumentou de 1900 a 1920. Passou de três para seis mil habitantes. Segundo Wachowicz a população da região era composta de peões e agregados das fazendas de Palmas, Clevelândia, Guarapuava e Campos Gerais à procura de terras para a subsistência; de foragidos da justiça do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Corrientes, que transformaram a região Sudoeste em um verdadeiro refúgio de fugitivos da lei. Também faziam parte dessa população posseiros refugiados da região do Contestado, argentinos e paraguaios que penetraram na região à procura de erva mate. Os refugiados da justiça, muitas vezes, não estabeleciam moradas fixas, usavam a região para fugirem da lei e extraíam a erva mate como meio de subsistência. A fronteira era visto como um esconderijo seguro.

Os argentinos e paraguaios tinham interesse em fixarem-se na região devido a erva mate que tinha muito valor comercial. Wachowicz (1985, p. 70) diz que

Os argentinos compraram extensos territórios na região de Santo Antonio, mais de 4 mil alqueires. Ainda não satisfeitos, passaram a penetrar com cargueiros para o interior do Sudoeste paranaense e Oeste catarinense, à procura de erva mate.

A erva colhida era contrabandeada para a Argentina ou vendida em União da Vitória. Nessa época 25% da população da fronteira com a Argentina era de argentinos ou paraguaios.

Os migrantes catarinenses e gaúchos compraram terras dos caboclos que vendiam com facilidade. Como as terras não eram tituladas, eles só tinham o direito de posse.

Esse período de calma foi quebrado pela entrada de outra companhia, a CITLA, que foi apoiada pelo governador do Paraná, Moisés Lupión. A entrada da Clevelândia

Industrial Territorial Ltda – CITLA, na transação de terras no Sudoeste começou em 26 de julho de 1951, quando José Rupp, que tinha uma pendência judicial com o governo federal, pois reclamava os direitos sobre a gleba Missões e parte da Gleba Chopim, vendo que não conseguiria ganhar a questão, que já se arrastava há muito tempo, cedeu o direito das terras à CITLA. Isso foi o toque mágico. O que era ilegal tornou-se “legal”. A Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional titulou as terras da Gleba Missões e parte da gleba Chopim para a CITLA. Essa mudança do que era errado em certo, ilegal em legal vai gerar muito conflito entre os posseiros da região sudoestina do Paraná. Consta que o governador do Paraná, Moisés Lupion, era um dos sócios da CITLA. O partido político que governava o Paraná era o mesmo que governava o Brasil. O PSD. O acordo foi escandaloso, pois o valor que era devido ao Sr. Rupp era muito menor que o valor das terras.

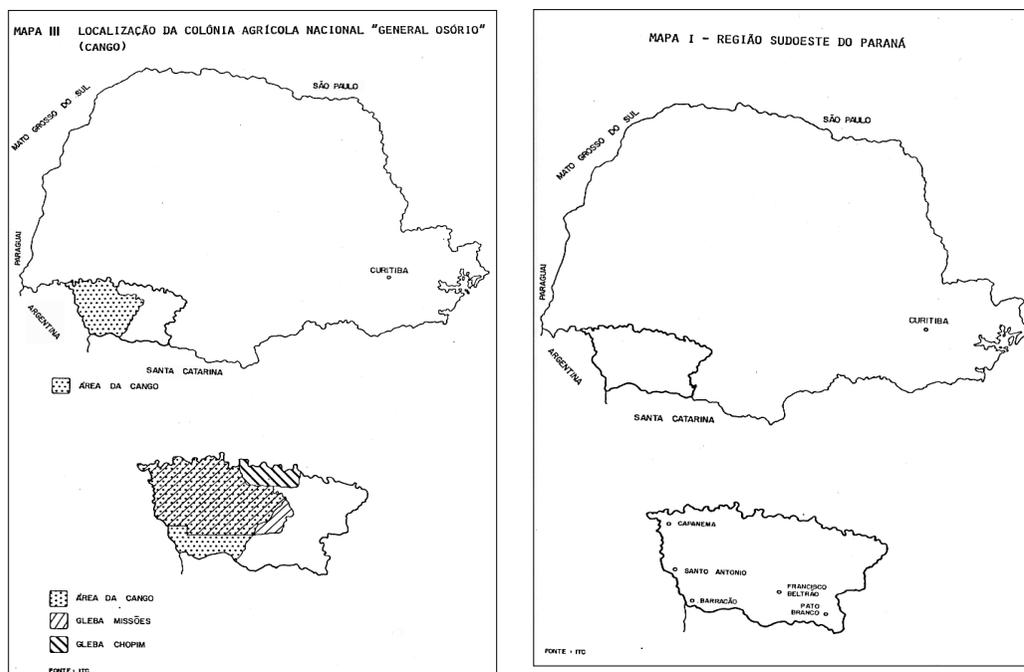
O senador Othon Mäder num discurso no senado disse que *o preço pago pela CITLA (Grupo de Lupion) foi de 0,2% do valor das glebas. A lesão sofrida pela união em seu patrimônio foi enorme, tão grande foi, que já não é uma lesão, é um roubo.* O Processo de registro dessa titulação foi negada pelo Tribunal de contas da União. A procuradoria da União imediatamente solicitou que o Procurador do Estado do Paraná impedisse a transcrição daquela escritura no Registro Geral de Imóveis. A união promoveu protesto judicial e fez publicar editais em todos os jornais de circulação do Sul do país.

Mas CITLA, havia conseguido a transcrição da referida escritura de doação das terras. Diante disso a União ingressou com uma ação sumária de seu cancelamento. A CITLA, apela da sentença. A situação continua indefinida até que em 20 de janeiro de 1953, o Tribunal Federal de Recursos dá ganho de causa à União anulando a posse das terras. A CITLA apela de novo. Como se vê, a companhia não tinha direitos legais sobre as glebas que queria vender. Mas enquanto isso ocorre, a CITLA já se instalara na região, desde 1951 e começara a desenvolver as suas atividades, vendendo títulos de terra, com ameaças aos colonos instalados na região, usando para isso jagunços. Mas nessa época ela teve pouco tempo para exercer a pressão.

Instalando-se na região em 1951, a CITLA teve pouco tempo para desenvolver suas atividades. Bento Munhoz da Rocha, governador do Estado no período de 1951-1955, julgando conveniente que se aguardasse a decisão judicial sobre a escritura de doação em pagamento, a favor da CITLA, proibiu, através da portaria nº 419, de 1º de junho de 1952, o recolhimento dos impostos de Transmissão e Propriedade, “SISAS”, de qualquer transação imobiliária nas glebas Missões ou Chopim.

Apesar de não estar legalizada, a CITLA, continuava atuando na região, e para acobertar as suas atividades passou a vender algumas áreas a outras companhias imobiliárias que passaram a atuar na região, algumas até consideradas suas subsidiárias. A Companhia Apucarana que atuava mais na região de Capanema e Santo Antonio e Companhia Comercial Agrícola Paraná Ltda., nos municípios de Francisco Beltrão e Verê. Por trás dessa ação ilegal da CITLA, havia um jogo político que dava proteção à companhia. Eles tinham certeza que o próximo governador seria Moisés Lupion do PSD.

O mapa I localiza a região do Sudoeste, em que houve conflito de terras. No mapa abaixo, estão localizados os municípios de Capanema, Santo Antonio, Barracão, Francisco Beltrão e Pato Branco. O Mapa II, maior mostra a CANGO. Abaixo, a sobreposição da Gleba Missões e da CANGO, o que gerou conflito de interesses, pois as duas tinham “direitos” de explorar as mesmas terras. Na gleba Chopim não houve coincidência de territórios. Nota-se que a Gleba Missões abrangia muito mais terras que a outra.



Em 1955, Lupion é reeleito e recomeçou a ofensiva da CITLA para a venda das terras, cuja posse não lhe estava assegurada. O novo governador imediatamente revoga a ortaria que proibia a expedição das SISAS, liberando a comercialização das terras que estavam em

disputa judicial. Amparados pelo governo do Estado, embora de forma ilegal, a CITLA começa pressionar cada vez mais os colonos. Os posseiros eram obrigados a comprar as terras nas quais já estavam assentados, mas a CITLA se reservava o direito sobre a madeira existente na propriedade. Jagunços (funcionários da CITLA) andavam em grupos. Chegavam nas propriedades obrigando os colonos a assinarem os contratos. Se eles se negassem eram submetidos a todos tipos de intimidações: impediam que fizesse roça, incendiavam galpões, matavam animais, espancavam, praticavam violência sexual contra as mulheres. Os colonos eram obrigados a ir ao escritório, em jipe, efetuar a “legalização” das terras através de um contrato. Só que assinavam uma folha em branco, na qual o colono não sabia o que iria constar. Os que pagavam, usando para isso sua poupança resultado de anos de sacrifícios, recebiam um papel sem valor. Segundo Jácomo Trento

As companhias não davam recibos, em troca do pagamento que recebiam. Os recibos eram muitas vezes feitos em papel de carteira de cigarro ou papel de embrulho. Não eram assinados pelos responsáveis da companhia, nem tinham carimbo. Quem assinava era o próprio jagunço. E não com o seu nome, mas com o apelido: Maringá, Chapéu de Couro, Lapa, Quarenta e Quatro etc...

A CITLA se impunha pela força, pelo uso de homens fortemente armados e que tinham várias origens. Segundo Orthan Mäder, essa força parapolicial

era composta de mais de cem bandidos profissionais, dispoendo de dezenas de “jeeps” e “camionetes”... e de copioso armamento moderno, inclusive armas de guerra e de munição em profusão... Muitos desses criminosos profissionais eram recrutados pelas companhias colonizadoras na própria região do Sudoeste;... uma parte vinha do norte do Estado do Paraná, onde esta profissão está muito desenvolvida e propicia bons lucros aos que empreitam a morte, o despejo pela violência, [...] infundem o terror como meio de afugentar os ocupantes de terras pretendidas pelos latifundiários... Esses elementos especializados eram contratados por preços altos, pois quanto mais ferozes, mais caros. [aspas do original]

O Sudoeste do Paraná vivia tempos de terror. O pacato agricultor, que tinha vindo à fértil região, em busca de terras abundantes e acessíveis, via os sonhos de prosperidade transformarem-se em pânico. Temia perder o pedaço de chão tão duramente conquistado, bem como pelas benfeitorias que havia construído e o pior ainda, por sua integridade física e a de sua família. Havia no ar, um sentimento de impotência. O Estado que devia garantir os seus direitos se omitia. Imperava a lei da selva.

2.3 Resistência dos colonos

Diante desse panorama de guerra instalado pela CITLA, os colonos começaram a organizar-se e as primeiras contra-ofensivas não tardaram em ocorrer. O primeiro confronto entre jagunços de posseiros ocorreu no município de Verê.

Um grupo de colonos se armou e foi marchando pela avenida principal da cidade, em direção do escritório das companhias. Na frente da multidão vinha um colono forte, conhecido como “Alemão”. Como fora expedicionário e para mostrar o propósito pacífico da marcha, e assegurar-se que não ia ser baleado, enrolou-se numa bandeira do Brasil. Mesmo assim morreu atravessado pelas balas dos jagunços. [aspas do original]

Isso não intimidou os jagunços, que aumentaram a violência contra os colonos. Em razão do ocorrido, procedeu-se ao desarmamento dos agricultores. O policiamento foi reforçado, deixando claro o posicionamento das autoridades em favor das companhias. Os colonos não se intimidaram com a ação que estavam sofrendo. As notícias da violência dos jagunços eram divulgadas, e isso aumentava a revolta.

a gota d’água que fez com que os colonos resolvessem acabar com a ação das companhias de terra, foi a violência praticada pelos jagunços da Companhia Apucarana contra um “farrapo” Este tentando reagir às investidas dos jagunços foi amarrado, castrado, seviciaram sua esposa e mataram duas filhas de 9 e 11 anos, com atos de estupro, como sempre, a polícia não tomou conhecimento do fato.”

O conflito começa a tornar-se mais sério, pois os agricultores, começam a organizar-se e a defender-se dos desmandos. No dia 27 de abril de 1957, na localidade de Esquina Gaúcha desentendem-se com uma equipe de agrimensores. Após cerrado tiroteio entre aproximadamente 40 colonos e funcionários da CITLA, dois colonos acabam mortos: Ermindo Vargas e Severino Piedade e feridos houve dos dois lados.

No dia 11 de agosto de 1957, os colonos tentam queimar o escritório da CITLA, em Rio Claro (atual Pranchita). A polícia fora avisada e evita.

No dia 6 de setembro, o gerente da Apucarana, de Lajeado Grande, Arlindo da Silva, foi morto numa emboscada. Seu guarda-costas, Vilmar Pereira foi ferido. Mais ou menos na mesma época, Manuel Alves Machado, funcionário da Apucarana, é ferido gravemente por colonos. Os jagunços, diante dos ataques, pediram apoio à polícia e recuam para Santo Antonio. Os colonos se juntam em Capanema pensando que seriam atacados pelos

jagunços. Apesar desse recuo, os jagunços das companhias continuavam na região. Como o escritório situava-se na localidade de Lajeado Grande, tinham que levar e trazer o pessoal das companhias. Nessa época tudo era precário, e os carros que faziam esse trajeto eram poucos, muitas pessoas aproveitavam para pegar carona com as camionetas das companhias, que faziam até questão de levá-las, pois assim pensavam que estariam seguros nessas andanças.

No dia 14 de setembro de 57 no KM 16 da estrada que liga Santo Antonio a Capanema, foi armada uma emboscada. Colonos liderados por Pedro Santin, atacaram uma camioneta. Nessa cilada morreram 7 pessoas, sendo dois jagunços e cinco pessoas que estavam indo de carona. Um dos colonos que morreu era pai de um dos atacantes. Esse fato revoltou mais ainda os agricultores, pois haviam sido ludibriados pelas companhias. Cinco dos mortos foram sepultados em Santo Antonio. Os ânimos ficaram mais exaltados. Os jagunços tomaram conta da cidade. O escritório de Santo Antonio era dirigido por Nilo Fontana e Abes da Cruz, advogado das companhias, tendo como secretário o estudante de direito Luiz Lanzarini. As companhias tinham pressa em fazer com que os agricultores comprassem as terras, pois sabiam que havia fraude e falsificações na concessão que as companhias tinham. Além de serem ilegais, cobravam um preço exorbitante. O preço normal de uma propriedade de dez alqueires custava de 10 a 15 mil, eles cobravam de 60 a 80 mil cruzeiros.

Os colonos tentaram fazer com que o Governo Federal, que tinha como presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, interviesse na questão, mas não obtiveram o seu apoio. Contrataram o advogado Edu Potiguara Bublitz, que sofreu pressões para não defender os revoltosos. Os boatos corriam soltos. Dizia-se que o gerente da CITLA em Santo Antonio falava que era só matar uns vinte ou trinta colonos que os outros correriam para a Argentina. O advogado Bublitz teve que abandonar temporariamente a região por falta de condições de segurança para exercer a sua profissão. Chegaram mais 80 homens da companhia. Eles andavam em jeeps amarelos, fortemente armados, o que criou um clima de terror na cidade.

Os colonos se organizaram e depois de um intenso tiroteio, tomaram a delegacia de polícia. Feriram o delegado especial que havia vindo de Curitiba, a mando do governador Lúcio de Lencastre para pacificar os colonos. Nomearam um delegado de confiança dos colonos, o Adão Vasconcelos Vargas, que conseguiu manter a ordem. As autoridades constituídas: juiz de direito, promotor de justiça retiraram-se da cidade. O prefeito Municipal, Armando Facini,

refugiou-se em San Antonio, Misiones, Argentina, assim como boa parte da população. Os jagunços das companhias haviam ido a Francisco Beltrão, numa retirada estratégica. O Governo do Estado manda um contingente, noventa soldados, comandados pelo Capitão Ariel Damaceno. Para entrar na cidade, tiveram que negociar com os colonos, para evitar conflito. Algumas pessoas foram presas e levadas a julgamento.

O município de Santo Antonio ficou estagnado por mais de dez anos, ninguém se arriscava a vir morar. Ali havia um ditado que dizia: “Visite Santo Antonio antes que as estradas desapareçam.” Cinco anos depois da revolta de 1957 é que o problema das terras foi solucionado com demarcação, divisão e o respeito à posse e à decisão dos colonos.

Com o Decreto nº 51.431, de 19 de março de 1962, do presidente João Goulart que criou o Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná (GETSOP), que mediu, demarcou, dividiu os lotes, respeitando a posse e a decisão dos colonos.

2.4 Testemunho oral da Revolta

Um dos *corpus* dessa dissertação são os testemunhos gravados em vídeo. As entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, em 1996. Antes da conversa, as pessoas foram consultadas se estavam interessadas em deixar registradas as suas lembranças sobre o município de Santo Antonio do Sudoeste e dentre muitos assuntos abordados falou-se da revolta dos colonos em 1957.

Aparentemente os historiadores combinam em relação a esses fatos, mas relatar um acontecimento é uma forma de intervir na memória, é reviver o que se viveu é reinventar os fatos que foram presenciados ou ouvidos. Contar é uma forma de representação. A revolta dos colonos de 1957 é algo que marcou época e pôs um rótulo de violento ao lugar: uma “terra de bandido”. Por mais ou menos dez anos, a região deixou de receber um fluxo regular de pessoas que buscavam as terras do sudoeste do PR, para formar ou criar uma família. A história obedece a uma convenção que é a busca da verdade. A literatura vai em busca de versões ou de ficções e de uma pluralidade na forma de sentir e narrar os acontecimentos.

Esse trabalho vai tentar focar as diferentes formas de contar os principais fatos que marcaram a região, pois cada pessoa tem a sua forma de memorizar certos acontecimentos carregando-os com cores mais fortes ou tons mais suaves, conforme a

importância que cada um dá. O relato oral elucida alguns pontos concernentes à memória indicando um sujeito que narra, e outras possibilidades da fonte oral. Nos depoimentos das pessoas sobre a revolta, na transcrição, procurou-se conservar o linguajar tal qual foi gravado, com as pausas, as repetições, respeitando-se o ritmo e o vocabulário de cada um.

Em todas as narrações há silêncios, exclamações, interrogações, risos, que demonstram lapsos de memória. As lembranças causam emoção em quem narra. Tudo foi registrado como era produzido no instante da gravação. Trabalhar com fontes orais significa estar atendo às emoções e registrá-las, cabe-nos preencher essas lacunas. Somos mais que cronistas produzindo anais como intermediários temos que ter o cuidado para não apresentarmos um catálogo de transcrições de depoimentos como se fossem textos históricos.

Registrar os relatos orais serve para o conhecimento da realidade política e social do sujeito anônimo. Michelet (apud GÉRARD, 1976, p. 131) considerou valiosíssimos os depoimentos do povo para conhecer o que pensava o francês na época da revolução. Na sua *História da Revolução Francesa* diz

Outra causa que esta história trará à luz do dia [...] é que o povo vale mais que seus dirigentes. Quando mais busquei, mais consciente fiquei de que o melhor estava debaixo, em obscuras profundidades. Vi também que os oradores brilhantes, poderosos, que expressaram o sentimento das massas se converteram equivocadamente nos únicos atores, [...] O ator principal é o povo.

Sem pretender aqui tratar dessa categoria polêmica que é a de “povo”, a preocupação é com as pessoas que fizeram e fazem a história, que realmente detêm as informações vivas, palpitantes, cheias de sentimentos, dores, alegrias, com cheiro da terra e não os relatos frios, como são os relatos lidos nos livros produzidos pelos “sábios” historiadores.

Uma das funções do registro dos relatos orais é enriquecer o registro do universo interior, reconquistar os valores culturais do passado e que moveram as pessoas a realizar o que realizaram. Isto deve ser a resposta a nossas indagações, mas é evidente que não poderemos fazer todas as perguntas de forma correta e exata, pois sempre há elementos que desconhecemos e que são pertinentes ao tema pesquisado. Todos esse questionamentos terão como fruto final, o texto, uma narrativa escrita:

A pesquisa com história oral terá que resultar em obra, em texto escrito. Será um texto dramático, se nossa concepção de História for pessimista; será

romântica se formos otimistas, será irônico ou picaresco se nossa concepção for realista. Mas será sempre um texto onde inserimos testemunhos.

Nuncia Santoro Constantino (1996-1997, p. 118) nos diz que “uma boa narrativa é aquela que responde as questões que hoje nos interessam”. Na região de Santo Antonio do Sudoeste houve uma revolta de colonos contra funcionários de companhias de terras. Muitas pessoas morreram dos dois lados. Foram vidas ceifadas por fatos violentos. Foram sonhos que deixaram de ser realizados. Interessa o lado ficcional dos testemunhos, o lado pessoal com todas as nuances que o ser humano guarda na memória quando submetido a uma situação traumática como foi a da revolta dos colonos de 1957. A multiplicação dos relatos, não como pesquisa histórica, mas sim como uma busca que preenchesse as lacunas que ficaram no imaginário das pessoas que vivem na região e abrissem outras oportunidades discursivas sobre este espaço. Daí a função social da pesquisa, buscar no passado, respostas que nos façam ter uma idéia mais clara do presente. Perseguir as representações, o imaginário é uma preocupação constante que deve estar presente no trabalho de quem quer refletir sobre a ficção que existe em torno dos acontecimentos, através dos relatos orais.

Ao narrar, a pessoa-fonte é influenciada por sua história pessoal, e isso compreende a passagem por um imaginário que transforma a palavra/língua. Ou seja, ao lembrar-se o depoente resgata o saber/fazer de sua comunidade, podendo-se dizer que se alguém conta é para não esquecer o fato. O pesquisador é, além de receptor, o mediador entre a história pessoal que traz o entrevistado, com a sua subjetividade social, vivendo no momento histórico atual. O entrevistador está atuando receptor/mediador entre a sociedade e o texto que o entrevistado está produzindo, é importante que ele esteja inserido no mesmo contexto social para poder entender as nuances que o discurso produzido pela pessoa que está relatando suas lembranças sejam registradas da maneira mais próxima da sua “verdade”, o que interessa é a versão do entrevistado. O mundo das pessoas é limitado pela sua linguagem, pois como fazer para que os outros entendam o que se quer relatar se não se tem um certo domínio dela?

O Sr. João Cordeiro, nascido em 1927, um dos pioneiros de Santo Antonio do Sudoeste, taxista, pessoa muito pacata relata assim a tomada da cidade pelos colonos

Quando nós vimos, já estava cheio de gente por aí. Nós tinha uma junta de bois (bois usados para puxar o arado) e tivemos que guardá (esconder) com medo de que alguém vinha ali pra levá pra carniá, mas não (pausa), quando foi lá pelas oito i meia, nove horas da noite já avançaram na delegacia, a

delegacia i tomaram... ficaram dono Aí da... da delegacia, tomaram do delegado tudo que tinha lá, ficaram mandando né. Nomearam uma comissão né, e nomearam um delegado lá (pausa) até esse delegado ficou uma porção *de tempo... seu Adãozinho*.

Está evidente que as pessoas “ordeiras” como o Sr. João Cordeiro, que não estavam participando ativamente da revolta, temiam por seus bens, talvez mais que pela própria vida. Apesar de ele ser taxista e ser funcionário dos correios, tinha uma pequena chácara, onde era usada a *junta de bois* para arar a terra e plantar culturas de subsistência, o que era comum na época. Mesmo no povoado, os terrenos eram grandes e plantava-se milho, mandioca, batata doce entre outras coisas e criava-se vaca de leite e porcos para o consumo.

A função fática da linguagem aparece porque o depoente precisa da cumplicidade do ouvinte. O que se nota nos relatos é um constante paralelo temporal, social através de frase como “Naquele tempo que era bom...” “No meu tempo...” Que tempo é esse? Por que o uso do pronome “meu”? Isso sugere que possa existir um tempo individual e um coletivo? Há uma constante necessidade de demarcar o tempo, de localizar-se ações, emoções. Diz Francisco Carvalho Junior (1996-1997, p. 135):

Falar sobre esse tempo, sobre memória e lembranças, é também falarmos de nossas objetividades e subjetividades, dando dimensão a nossa vida social, política, etc. conforme os parâmetros escolhidos e/ou interpretados como aqueles mais significativos ou que identificam nossos atos e nossa vida.

Quando se entrevista, a conversa até pode ser informal, mas no momento em que se transforma em texto, perde muito da informalidade, sem perder a originalidade. No momento em que se transcreve um texto oral, tenta-se apreender na palavra do outro um momento fugaz. A pessoa que conta um fato ocorrido, está tentado revivê-lo. Esse reviver é importantíssimo para que se consiga aprofundar o que se está pesquisando, segundo, Francisco Carvalho Junior (1996-1997, p. 136):

Para reviver algo, pensamos, é fundamental que haja mais que informações mas, principalmente, comunicação pois entendemos o ato de comunicar como uma relação interativa entre sujeitos capaz de provocar modificação no pensar, na produção de conhecimento, na prática dos sujeitos, e não a simples verbalização de conhecimentos, pensamentos, idéias, etc.

Quando se entrevistam pessoas sobre o mesmo tema, nota-se que há pontos que recebem maior destaque e outros de menor relevância, demonstrando claramente a individualidade existente. Como são fatos que ficaram registrados na memória, vê-se que ela faz um trabalho seletivo. Cada pessoa recorda momentos, fatos, ocorrências que mais lhe

chamaram a atenção em um determinado período de sua vida. As lembranças são afetadas por fatores psicológicos (emoções, afetividades, situações existenciais), pela sua condição econômica e cultural.

As pessoas entrevistadas para a coleta de dados sobre a Revolta dos Colonos de 1957 são pessoas idosas, que têm o seu ritmo próprio, a sua forma de narrar os acontecimentos dos quais participaram, uns de forma mais direta e outros nem tanto. Nota-se que cada um viu a revolução de um determinado ângulo, pode-se dizer que cada um narra de sua “entre-vista”, do seu ponto de vista. Eles tentaram rememorar os fatos que ficaram marcados na memória. Tentaram re-viver os fatos que marcaram as suas vidas. Bakhtin diz (1992. p. 121):

Minha atividade prossegue ainda depois da morte do outro, e o princípio estético prevalece (princípio moral e prático). Tenho à minha frente o todo de sua vida, liberta do futuro temporal, dos objetivos e dos imperativos. Depois do enterro, depois da lápide funerária, vem a *memória*. Possuo *toda* a vida do outro *fora* de mim e é aí que começa o processo estético significativo em cujo fim o outro se encontrará fixado e acabado numa imagem estética significativa. [aspas do original]

Embora Bakhtin esteja falando da construção do protagonista, do “todo temporal do herói”, é válido citar a aproximação que existe entre história e literatura, memória e linguagem. É uma dimensão que extravasa os limites de uma disciplina, fazendo com que se busque a interdisciplinaridade.

A diferença entre as duas disciplinas é que enquanto a história firma-se pela convenção da veracidade, a literatura atua sob a convenção da ficcionalidade. Neste sentido o que interessa neste registro de vozes sobre a revolta é o testemunho no que ele tem de posição subjetiva diante desse evento comunitário. O que está em jogo é que o testemunho atua como identidade social.

João Cordeiro falando da destruição dos escritórios da CITLA e da chegada da brigada militar que veio para Santo Antonio para manter a calma, exemplifica a dificuldade:

Aí eles... aiii.. casa dele (pensa um pouco) eles pegaram m entram lá iiiii... tomaram conta do que tinha lá iii... verificaram a documentação aquelas coisas assim né..., mas também logo depois já veio um... veio um... (pausa busca uma palavra) ..um batalhão de... de fora né... ah pra acalma né um contingente (fica aliviado por encontrar a palavra que queria) aí acampô o contingente aí ... e ficô uma temporada. .. até calmá...

Nota-se um certo esforço para lembrar-se dos fatos que estão gravados na memória, que muitas vezes falha, sem encontrar o termo exato para externar o que se pensava estar registrado. O ritmo do discurso espera a lembrança perfazer-se no ato de falar. Assim se esticam as vogais, se usam as muletadas. É um trabalho de garimpagem, pois a memória é um caudal infinito de informações do qual somente registramos um fragmento, por falta de tempo, pois as recordações vão aflorando aos poucos, lembrança puxa lembrança. Elas surgem na caminhada, no café, na viagem, ouvindo uma música, sentindo um perfume, vendo uma imagem.

João Cordeiro foi um dos entrevistados por ser um dos pioneiros do município. Não participou dos fatos, mas viveu a parcela da população que não tinha nada a ver, mas que de uma forma ou de outra acaba participando, se não de maneira ativa, de forma passiva, sentindo o medo de ser prejudicado ou mesmo de sofrer dano corporal. Com dificuldades para ouvir, ele, muitas vezes fica pensativo, demonstrando ainda um certo receio em revelar o que sabe. Apesar do passar dos anos, muitas pessoas ainda demonstram um certo medo em falar abertamente tudo que sabem, talvez seja resquícios daquela época da qual não gostam de recordar. Um exemplo disso é que foi perguntado sobre um participante da revolta chamado Pedro Santin. Ele diz: “Pedro Santin era um cara de muita coragem, ele tinha uns problemas por ali né... (pensa um pouco como se medindo as palavras) i tava acampado lá por Capanema (um município na fronteira com a Argentina) por lá né...” Suas informações são um tanto imprecisas, conta o fato de forma vaga... Quando perguntado onde ficou o povo no dia da tomada da cidade ele se entusiasma tentando demonstrar o medo que reinava naquela época:

Algum ficô aqui mesmo... algum que tinha ...alguma terra por ali já se tinha retirado por acaso dos jagunços... né então eles estavam com muito medo dos jagunço...então deixavam plantação. Dexavam gado, dexavam porco, dexavam tudo i iam embora sem ... sem destino ... os coitado ia pra donde vieram pro Rio Grande né, Santa Catarina... ah i tinha o vinte quatro (pequena vila perto do Lajeado Grande) uma porção de moradores que dali abandonaram as chacras, boas chacras de vinte , trinta alqueire. Garpão cheio de milho dexavam tudo, abandonavam i iam embora de volta... ficavam amedrontados, amedrontados mesmo...

O medo que ficou, deu ênfase aos que se foram e não aos que enfrentaram a “autoridade”. O que ele conta é como que saído do meio das névoas da memória... não há certeza de nada. As repetições enfatizam o que quer narrar. Quando perguntado se na emboscada de camioneta da CITLA havia alguma mulher ele fica em dúvida: “Parece que

tinha mulher... mas não ... mulher parece que não morreu nenhuma... né ...(pensa) morreu bastante... Seo Schuster... foi um dos que morreu... mais uma infinidade, mas que a gente nem conhecia.” Em seu depoimento, nota-se um certo esforço em lembrar os fatos ocorridos há 36 anos. Os olhos muitas vezes fitos no nada buscam as imagens como quem remexe em um baú cheio de coisas antigas. Segundo Halbwachs (2001, p. 55):

lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi” e que se daria no inconsciente do indivíduo. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. [aspas do original]

O tempo faz com que as pessoas amadureçam. Quando se relê um livro depois de muitos anos, o mesmo já não é visto da mesma maneira. Vivem-se novas situações diariamente, o que faz com que sua análise do mesmo seja diferente. Isso também pode ocorrer quando se relembra fatos que ocorrem em nossa vida. Eles são revividos e recriados com os olhos de hoje, e o tempo, às vezes, faz com que as pessoas destaquem determinados ângulos que, na época, passaram despercebidos e esqueçam outros, ou omitam, por não lhes parecerem importantes, mas mesmo assim, o testemunho é de suma importância quando se quer conhecer os fatos narrados por pessoas que os viveram.

Como gênero do século XX, o testemunho transita pelo trauma causado pelo acontecimento. Há os que falam a partir da posição de sobreviventes e há os que olham de fora, de soslaio como quem não assume a visão de dentro.

O testemunho de Adão de Vasconcelos Vargas, que participou ativamente dos acontecimentos, mostra outro ângulo do evento. A tomada da cidade, notadamente a delegacia, naquele momento representava o único poder que poderia rechaçar a investida dos colonos, pois era o local em que havia soldados da polícia militar do estado do Paraná e conseqüentemente armas, o que poderia dificultar as atividades dos revoltados.

O “*Seo*” Adãozinho, como era chamado, por sua baixa estatura, era um homem sério, de respeito. Usava um bigode farto que era alisado constantemente. Bem falante, gostava de contar os fatos dos quais havia participado. Mas sempre atento, não deixava sem resposta pergunta nenhuma e corrigia imediatamente alguma informação que julgava não ser correta, como... quando a entrevistadora anunciou-o como um dos líderes do movimento:

Primeiro não fui líder de nada...(enfático) ... Não fui líder de nada (mais calmo, baixando a voz) eu era funcionário da prefeitura naquela época... (pigarro) tinha vindo, dexado o meu serviço na estado... e trabalhar no prefeitura i tava acompanhando todo aquele rebuliço aqui.

Como na cidade não havia delegado de carreira, nomeado pelo estado, pessoas da comunidade que eram consideradas de respeito, e que soubessem usar um revólver e quisessem, eram nomeadas “delegado de polícia”. “Seo Adãozinho” fora nomeado em várias ocasiões, antes da tomada da delegacia, ele exercia o cargo. Ele era uma “pessoa de opinião”. Agia de acordo com o que considerava correto. Uma daquelas que quando davam a palavra, ou afirmavam alguma coisa, não era necessário testemunhas nem documento assinado, o fio do bigode era a garantia do cumprimento do trato, o velho estilo da comunidade primitiva em que a lei era a palavra.

Quando houve a morte de dois jagunços da CITLA, o advogado da companhia queria que ele ordenasse à polícia para que desarmasse todos os colonos, pois alguns podiam ter matado os dois homens da CITLA. Ele comenta:

i ele foi na delegacia ... i queria que eu cedesse a a polícia pra ele desarmar todos os colono... Eu não concordei ...que era errado comé que que eu ia dá a ordem pra um civil, que não era nada , sabendo do jeito que eles tavam procedendo e daí entregar a polícia pra eles manobrã e desarmã os colonos... não consenti. Aí eles passaram perseguí eu também.

Ele aceita a condição de responsável por seus atos e não facilita aos jagunços mesmo sem habilitação, age com base em seu conceito de justiça. Sabia que se fizesse o que o advogado lhe pedia, estaria deixando os colonos mais impotentes ainda, e, além disso, estaria dando apoio às atitudes arbitrárias das companhias, comprometendo-se com algo que não aceitava. O clima imposto pelos jagunços era de total desmando. Valia o poder da intimidação. Os colonos sentiam-se inseguros, impotentes e apavorados. Adalberto Iser, um dos colonos que fez parte da comissão que organizou a revolta em Santo Antonio conta o seguinte:

Chegavam, (os jagunços) entravam na delegacia...bancavam o dono da delegacia... armados até os dentes, armados com pistola, metralhadora, cum facão na cinta ameaçavam todo mundo... a polícia aí não tinha mais voz ativa nenhuma, era eles que mandavam aí...

Nota-se que Iser reivindica com as próprias mãos em um momento de injustiça contra os colonos, donas da terra por posse. Sua fala é mansa, pausada, mas firme. Ele sempre foi um líder na comunidade. Delegado de polícia, presidente de comunidade da Igreja

Católica, presidente de associação de escola. E continua com a mesma ênfase, falando do apoio que o então governador do Estado do Paraná, Moisés Lupion, dava aos elementos que impunham o terror na região

Fazê quexa pra quem? eles vieram com toda a força do governo do Estado... da fechatura de polícia...(pensa) não adiantava nada, virô tudo uma anarquia aí...o governador era o Moisés Lupion (sorri dando a entender que ele era parte interessada nesse processo todo) Eles ameaçavam a população rural..né... (...) pra tomá...,pra expulsá do lugar...amedronta i expulsá... e que a tera era do governo e não dos colono...

Como já foi mencionado, por serem terras devolutas, as terras do sudoeste, estavam praticamente abandonadas, os posseiros vieram de vários pontos do Brasil, quando a região começou a ter valor, o governo da época tentou usar o aparelho repressivo do Estado para retomar as terras pelo poder da força. Antonio Gramsci (1967, p. 178) diz que

Se a força é necessária para a dominação de uma classe, ela não é suficiente, porque é necessário sobretudo hegemonia, o consenso, com condição essencial do prosseguimento da obra empreendida com a conquista do poder.

Sentindo-se injustiçados e abandonados pelo Estado, sofrendo pressões humilhantes por parte dos jagunços mandados pelas companhias de terra, que eram amparadas pelo aparelho estatal, os agricultores reagem em forma de revolta contra os opressores.

Um dos episódios que marcou a essa reação foi uma emboscada que os colonos fizeram a uma camioneta da CITLA, na qual houve a morte de sete pessoas, sendo dois jagunços e cinco colonos que haviam pego “carona”. Seo Adãozinho conta o fato assim:

...É aquilo (a tocaia) do KM 16... cada vez que eles precisava que...aquele povo (os funcionários das companhias) que estava estacionado em Pérola do Oeste i na Pranchita i parava no hotel do Rigón, a jagunçada [...] eles (os jagunços das companhias) sempre pegava alguns particulares, até colonos eles pegavam, ofereciam carona [...] pra se sentirem mais garantido durante a viagem... assim como aquela vez eles foram atacados ali, eles traziam um irmão desse Schuster (comerciante muito conhecido na cidade)... aí, traziam um tal de... (esforça-se para lembrar) era Vargas... o sobrenome dele, mas tratavam de “Tabuinha” Antonio Tabuinha, Antonio Vargas que tratavam de Tabuinha, que morreu sem saber porque morreu...

Nota-se que os jagunços começaram a pressentir o perigo, pois sabiam que o que estavam fazendo, certamente provocaria represálias por parte dos colonos. A região era coberta por floresta densa, principalmente pinheirais. Os meios de transportes eram praticamente inexistentes, o que explica a coragem de algumas pessoas, inclusive agricultores, em aceitar a carona com os jagunços que, por sua parte, pensavam que levando pessoas da

região estariam protegidos de tocaias. As estradas eram muito precárias. Eram de chão batido. Primeiro abria-se a picada, depois entrava o trator e os cortadores das árvores que derrubavam as maiores, as menores eram derrubadas pelo trator mesmo, que ia rasgando a estrada. Aproveitava-se o terreno, por isso existiam muitas curvas. Desmatava-se alguns metros a mais nas laterais, que assim ficavam coalhadas de tocos de árvores. Havia muitas curvas, mas a do KM 16 era a mais acentuada, e nela houve a tocaia. “Seo Adãozinho” continua:

Tinha a turma esperando ele então dias (ênfatisa) inteiros. Encomendaram do Rio Grande, um homem que atirava muito bem... eles precisavam atirar na camioneta, ou no motorista da camioneta né...

Os colonos sabiam que não podiam errar o alvo, se não conseguissem parar a camioneta, poderiam ser alvo das balas dos jagunços. Apesar de ser normal andar armado e ser bom de pontaria, a chance de acertar um alvo móvel e dentro de um carro exigia o trabalho de um “expert” e o trouxeram do RS. Ele foi tão certo na pontaria “que a bala pegou no ouvido do motorista... e depois foi difícil examinar onde, onde que tinha entrado, então no ouvido do motorista” diz, em seu depoimento, Francisco Lanzarini, que era um jovem estudante de direito e que trabalhava de auxiliar do advogado da CITLA. Conta isso com admiração, pois o feito não é muito comum, por mais que se tenha boa pontaria.

“Seo Adãozinho” continua contando muito concentrado revivendo o desenrolar da emboscada... dizem que Adão Maia parô uns 500 metros [...] era pra ele dá um tiro, se ele desse mais de um tiro era outra condução...” apesar de haver pouquíssimo movimento nessa estrada, os colonos tinham medo de cometer algum engano. Tinham que ter certeza de que a camioneta que era esperada na emboscada, era a dos jagunços mesmo.

então ele deu um tiro e avisô. Eles já sabiam que era eles que iam passá e eles estavam esperando no KM 16. [...] e quando eles fizeram a curva do KM 16 [...] uma saraivada de bala né... i a camioneta se desgovernô, i ali era puro toco, pegô um toco no eixo da frente da camioneta que ficô junto com aquele de trás... i a camioneta pegô a esquerda e foi encostô na madeira que eles estavam intrincheirado. Aí eles (os colonos) ficaram a ou dois metros poco deles. Aí sim que choveu bala e mataram eles.

A tocaia havia sido preparada para não deixar nenhum jagunço vivo. O local escolhido era propício, pois quem viesse na camionete não teria como desconfiar de nada, pois a curva ocultava os homens à espera, o carro não teria como desviar-se ou manobrar para fugir do ataque, a velocidade do veículo seria menor. Com a morte do motorista o veículo desgovernou-se e facilitou a saraivada de balas que abateu as pessoas que estavam nele.

Esses fatos são contados com muita firmeza, mas, na verdade, foi o que se ouviu de sobreviventes da emboscada, na época da revolta.

Como um dos clímax da revolta, *o episódio do km 16* suscita maior detalhamento visto que é o cerne do acontecimento traumático. Relembrado por todos os entrevistados. Adalberto Iser comenta que as pessoas aproveitavam a carona, o que demonstra que Santo Antonio, nessa época, era uma verdadeira terra de ninguém, os meios de comunicação com outros centros praticamente não existiam. Isso gerou, além de muitas mortes de pessoas inocentes, uma tragédia familiar:

então era muito dificultoso naquele tempo, pra i, por exemplo uma condução daqui pra Pérola do Oeste, naquele tempo não era Pérola do Oeste, era Trinta e Cinco (pensa) iii teve muita gente que ...às veis precisavon viajar e não tinha meio , então quando ia, decia uma condução pra lá pegava, carona... naquele dia que atiravam nos jagunços, lá no dezesseis, lá tinha uma porção de de pessoa independente junto (que não eram jagunços) comerciante e coisa...(pensa) com tinha um cunhado desse Bruno Schuster..aí ele tinha vindo passia aí i pediu uma carona pra i o próprio filho atirô nele (sorri ironicamente) quando a comionete passô lá... ele não sábia que o pai estava encima , que o pai era caronero... sem sabé né...

Para Adalberto Iser ficou mais gravado essa ironia do destino em que um pai ingênuo, vai de carona para ser morto pelo filho audaz, que luta contra a autoridade e recebe o castigo: torna-se um parricida.

Falando da tomada da cidade, “Seo Adãozinho”, que nesse incidente, tomou parte, não como espectador, mas como personagem, nota-se que fica mais ativo, seus olhos adquirem mais vida, como se quisessem dizer, isso eu vivi, isso eu assumo que ajudei a fazer.

Diz Paul Zumthor (1993, p. 40) que “as vozes cotidianas dispersam as palavras no leito do tempo, ali esmigalham o real...” cabe às pessoas idosas tentar juntar as partes esmigalhadas pelo tempo e reuni-las, de forma coesa e consistente através da sua performance. Ao contar as suas memórias, a pessoa faz com que os ouvintes sintam o que ela viveu. Ela consegue fazer com que os fatos silenciados, inertes, sem vida, tornem-se reais, no momento mágico de sua recriação através de suas palavras, gestos, expressões faciais e voz. Essa performance é algo fugaz, mas que consegue efetuar a cumplicidade da comunicação de maneira que a escrita, com a sua fixidez, nem sempre consegue facilmente. A memória sempre despertou grande curiosidade:

Gerações de pensadores, de Agostinho a Tomás de Aquino, interrogaram-se faculdade ambígua, naquilo que concerne à tópica ou que se mantém por

uma visão escatológica ou moral — tendendo sempre, pela repetição dos discursos, à sua inserção numa verdade tida por imutável ou, ao contrário, a gerar infinitas variações. Para a tradição agostiniana, a memória torna a alma presente diante de si mesma e faz-se receptáculo do verdadeiro.

A memória mantém o vivido, envolve toda existência humana, tornando o passado presente na vida das pessoas. Muitos escritores usam reminiscências para escrever suas obras. Usam o “livro da memória” de onde brotam as palavras que enchem os livros para causarem um efeito de verdade. Esse “livro de memória” é de onde saem as palavras que dão vida ao texto, de onde emana a coerência da escritura, de sua história pessoal e coletiva, onde se traça o destino dos seres que a povoam. O crescente interesse pela memória, deve-se à importância do papel desempenhado pelos relatos orais. O texto escrito, quando lido, consegue conter a dispersão espaço/tempo por extensão, por prolongamento. A obra oral reduz a duração à interação indefinida a um momento único; o espaço, à unicidade figurada de um só lugar efetivo. Mas há uma corrente que ainda prega o clichê comum na idade média e ainda hoje, de que se deve usar a escritura porque a memória humana é muito frágil. Essa concepção falsa demonstra de forma bem clara a pressão que exerce a mentalidades escriturárias, que pregam que os fatos devem ser registrados para terem valor e serem preservados. Algumas sociedades, notadamente, as indígenas, instituem pessoas que são treinadas para manter a memória viva, são os “herdeiros da memória” que devem manter o passado bem vivo através da literalidade de seu discurso mantendo os acontecimentos muito antigos bem presentes na memória coletiva de seu povo. Eles, para trazer o passado, o ontem histórico e recriá-lo no presente, no momento, usam a performance, o que faz com que o contador use o corpo: o conhecimento dos fatos, a inteligência de que ela se investe, a sua sensibilidade, os músculos, a respiração, enfim, o talento de recriá-los em um breve espaço de tempo. Ele é a voz da memória de um povo. É a lembrança que se torna viva na sua boca, no sopro de sua voz.

Nos depoimentos das pessoas que viveram a Revolta de 1957, nota-se que muitas vezes emoção em que a tristeza e o riso se mesclam. A pessoa que fala tenta transmitir o que sabe, o que viveu como uma forma de manter-se viva. Todos eles demonstraram muita satisfação em poder contar o que sabiam.

Adalberto Iser, falando da revolta diz que “*a colônia rechaçou eles, (jagunços das companhias)*”. Esse sentimento de vitória é bem representado pelo de ter pertencido a um grupo de pessoa que demonstrou resistência aos opressores (CITLA e seus jagunços), de ter vivido esse momento de glória da comunidade da qual faz parte. Zumthor (1993, p. 143) diz

que “todo tempo é tempo épico — medido apenas pelos movimentos coletivos das sensibilidades e dos corpos, na harmonia da performance”. “Era no tempo da grande enchente”, “era a época da grande seca de”..., “foi na revolta de...” Para Santo Antonio do Sudoeste, a revolta de 57 foi um trauma local que cristalizou um tempo épico. As pessoas memorizam os fatos que deixaram marcas profundas em sua memória... Eles são contados porque estão latentes dentro deles, no ato de contá-los, atualizam-nos. Quem conta recria, revive os fatos e cada vez que são revividos, formam um momento único, mas o texto narrado é formado por uma rede vocal imensamente extensa e coesa, pois são atemporais. São as vozes de quem participou e o conta representado. Quem teve participação, e já não está mais vivo, adquire vida na performance do contador. Se alguém conta como sobrevivente inclui os que morreram. Ao se sentir um sobrevivente, se sente ator de uma façanha coletiva. Isto fica. Quem ainda é vivo sente-se mais vivo no relato.

Quando a situação ficou muito tensa em Santo Antonio, muitas pessoas refugiaram-se na Argentina, em San Antonio. O medo tomava conta da população, os boatos de que haveria luta sangrenta entre colonos e os jagunços da CITLA, fez com que muitas famílias, principalmente os que se sentiam ameaçados por uma das partes praticamente corressem para o lado argentino.

Valdemar Ortega, brasileiro, nasceu em 1928. Vive na Argentina há 55 anos. Em 1957 já vivia em San Antonio. Quando entrevistado, respondeu algumas perguntas em português e outras em espanhol com algumas interferências lingüísticas. Falou do motivo de muitos brasileiros terem procurado refúgio em San Antonio:

Os jagunços saiam (iam às propriedades dos) nos colonos, apertando, queriam expulsá os colono, tocá, tocá outro. Iii atropelavam as casas de família i tudo... foi quando estorô essa revolução do quatorce que mataram aqueles dezesseis lá ...daí que estorô mesmo a bomba...

Nota-se que apesar de não estar ligado diretamente aos problemas dos agricultores estava bem informado e também se recordava da tocaia aos jagunços. Conta que as pessoas que se refugiaram em sua casa haviam saído às pressas e por isso não tinham trazido seus pertences:

todo mundo se refugiaron aquí na Argentina na minha casa... en mi casa i na casa de Francisco Ortega (irmão dele) todo mundo do Brasil vinieron como... más de cien personas, todos refugiados familias. Más de cien familias na casa mía y en de Francisco Ortega.

Nada, nada traían, todos escapándose, refugiándose sólo. Traían nada que comer, yo que yo que lo atendí a todo. (enfático) .
Sólo con la ropa del cuerpo... mi casa aquí estaba sólo cubierto ni tenía pared, no tenía nada... ni piso no tenía nessa época. Yo estaba contruyendo (resmungo).

Conta com orgulho, a ajuda dada aos brasileiros, com alimentação, e pouso, apesar de sua casa, na época, ser um galpão que nem paredes completas tinha.

Perguntado quanto à atitude da *Gendamería Nacional*, já que havia muita gente cruzando a fronteira. Ele diz: *No hubo problemas, todo mundo ayudaba quien viniera, toda la gente.*

As autoridades argentinas de San Antonio procuraram dar proteção aos brasileiros que procuraram o seu país para escapar da revolução de 1957.

Vive-se num século que perdeu a memória. Os fatos, quando apresentados, o são de forma desvinculadas, sem análises que levem a reflexões. É a filosofia do descompromisso. Dessa forma as pessoas sentem-se perdidas no meio de tantas informações fúteis. Com a globalização, as fronteiras estão sendo abertas paulatinamente, ainda se sente muita resistência, mas não há como fugir desse fenômeno sociológico.

No sudoeste do Paraná houve uma revolta de colonos que deixou marcas negativas na região. Santo Antonio do Sudoeste praticamente parou no tempo. E se a revolta afugentou muitas pessoas que iriam se estabelecer na região, o medo dos “bandidos” que se instalou a partir dos eventos, localmente, consagrou a resistência e fez de alguns sujeitos protagonistas de uma história que não se projetou.

Nessa tentativa de ler os testemunhos orais como parte do discurso crítico que dá voz, pluraliza para tentar enriquecer a experiência de identidade regional dada pelo evento de 1957, foi possível animar o passado no presente.

2.5 – O alcance nacional do fato na mídia

A Revolta dos Colonos de 1957 repercutiu nacionalmente, pois houve derramamento de sangue e comoção social que refletiu a insatisfação da população rural quanto às imposições das companhias de terra, notadamente a CITLA.

Segundo pesquisa realizada por Maria Cristima Colnaghi, para a sua dissertação de mestrado na UFPR, a revolução foi noticiada por *Gazeta do Povo*, *Diário do Paraná*, *O Estado do Paraná*, *Tribuna do Paraná*, *Diário da Tarde* (todos de Curitiba); *O Estado de São Paulo*, e *Correio Paulistano* (São Paulo) *Última Hora*, *Diário da Noite*, *Correio da Manhã*, (Rio de Janeiro); *Diário de Notícias e Jornal O Dia* (Porto Alegre) e nas revistas *Panorama*, *Atenção* (Curitiba) *O Cruzeiro e Manchete* (Rio de Janeiro).

A revista *O Cruzeiro* que, na década de cinquenta, tinha uma penetração hegemônica, fez uma reportagem sobre o conflito.

A primeira edição de *O Cruzeiro* apareceu nas bancas do Rio de Janeiro no dia 10 de novembro de 1928. Pertencia ao grupo Diários Associados de Assis Chateaubriand. Ela tem recordes ainda não quebrados como edições com mais de 750 mil exemplares (até hoje, proporcionalmente, a maior) e sua longevidade, 47 anos (só agora, em 2003, *Veja* completou 35 anos). Ininterruptamente, a revista foi editada de 1943 a 1975.

Grandes nomes como Millôr Fernandes, Péricles de Andrade Maranhão (criador de *O amigo da onça*) e Rachel de Queiroz fizeram história em *O Cruzeiro*. O texto de apresentação do primeiro número traça inicialmente um paralelo entre o nome da publicação e a história do próprio país.

Cruzeiro é, ao mesmo tempo, “fonte de inspiração para os primeiros nomes do país”, “a constelação que guia os navegantes”, “o nome da nova moeda brasileira” e o “símbolo da bandeira”. Dessa forma é, ao mesmo tempo, símbolo cristão e símbolo-síntese da nacionalidade. Por tudo isso “*Cruzeiro* é um título que inclui nas suas três sílabas um programa de patriotismo”

Vê-se que *O Cruzeiro* tinha um projeto nacionalista bem nos moldes dos governos populistas que marcaram a década de controle político. Nasceu com grandes pretensões, como ser o *guia dos navegantes*, *fonte de inspiração para os primeiros do país* e por 47 anos manteve-se conservadora e atuante no meio jornalístico do Brasil.

Os temas induzem à polêmica, mostram o desconhecido, o perigo iminente, tornando os próprios produtores da notícia verdadeiros heróis. Heróis do jornalismo, que serão lidos por pessoas comuns que encontram naqueles relatos uma mistura de realidade e sonho.

O Cruzeiro fez uma reportagem sobre a Revolta de 57, que saiu na edição dia 12 de outubro de 1957, tentando retratar os acontecimentos por meio discursivo e imagético. Em fotos e palavras, em suas treze páginas, a revolta foi apresentada com 26 fotos. Elas formam setenta por cento da cobertura jornalística. Para a revista, a reprodução fotográfica servia de verdadeiro documento-monumento dos acontecimentos. Construía assim no presente uma

história futura. O ex-fotógrafo da revista francesa *Paris Match*, que chegara ao Brasil, em 1942, tendo trabalhado inicialmente no DIP, introduz na revista fotos dinâmicas, bem distintas das imagens posadas e sem impacto de *O Cruzeiro* até então. A primeira reportagem é sobre “Os loucos”. Em 1944, publicam a reportagem sensação “Enfrentando os Xavantes”, editada em 18 páginas, com fotos de selvagens atacando a flechadas e golpes de borduna, a poucos metros de distância, um avião. Nasce a marca da revista e que a acompanha pelo resto da existência – a grande reportagem.

Las ganas de fotografiarse tienen mucho a ver con el deseo de perpetuar una circunstancia que la persona juzga digna de ser memorizada a través de una imagen-recuerdo que recorte y enmarque la ocasión, que destaque su condición especial sustrayéndola del flujo regular y cambiáble de las vivencias anónimas para luzirlas en un marco de exclusividad. (RICHARD, 1998, p. 102)

As pessoas concordaram em posar para as fotos da reportagem de *O Cruzeiro*, talvez por se sentirem valorizadas em sua luta pela terra, talvez nem tivessem idéia de que seus rostos seriam visto por brasileiros de todos os quadrantes.

Posar para foto significa tentar congelar o instante fugidio que se está vivendo. É uma tentativa de eternizar o presente. A revista enviou o jornalista Mário de Moraes para cobrir o acontecimento. Ele escreveu a matéria e tirou as fotos.

A reportagem começa com a manchete: “Sangue no Paraná, e abaixo O Cruzeiro venceu todos os obstáculos para chegar à cidade sitiada”. Era projeto da revista enfocar temas que induzissem à polêmica, mostrassem o desconhecido, o perigo iminente, tornando os próprios produtores da notícia verdadeiros heróis. Heróis do jornalismo que seria lido por pessoas comuns que encontrariam naqueles relatos uma mistura de realidade e sonho. A mítica do desafio induz o leitor a um mundo também de imaginação. A região do sudoeste era totalmente selvagem, as estradas eram de terra vermelha, na época das secas cobriam-se de pó, quando chovia tornavam-se intransitáveis. O meio mais utilizado na época eram os jipes com tração nas quatro rodas, que, muitas vezes, eram reforçadas por correntes nos pneus. A viagem que o repórter fez de 58 km, entre Capanema e Santo Antonio, durou 10 horas.

As precárias pistas de aterrissagem de pequenos aviões, que o povo chamava de teco-teco, eram de terra e no meio de poteiros ou roças. Tudo isso aumentava o tom de aventura para as pessoas da “cidade grande”. O repórter, apesar do perigo, quis ir a Capanema, mesmo com a ameaça dos posseiros de atirar em todo avião que tentasse aterriz.

“A muito custo consegui um avião da B. O. A e tratamos uma viagem até Capanema. O aviador Silvio de Macedo, porém, nos previu que se não pudesse aterrar no campo daquela cidade (os piores, considerado como «de emergência» iria até Santo Antônio”.

Como os revoltosos tinham medo que o governo reagisse, as pistas de pouso estavam interditadas por toras de madeira ou tonéis com combustível. As pessoas viviam num clima de verdadeiro terror. Tinham medo de perder as terras, que tanto sacrifício haviam conquistado; medo de que suas famílias fossem atacadas pelos homens das companhias. Esse clima levou ao desespero de se defender usando as armas que possuíam.

As manifestações dos revoltosos foram documentadas por inúmeros registros fotográficos. As fotos ajudam a imaginar o que foi esse movimento e como era a época em que ocorreram os fatos, é a imagem completando o imaginário. A fotografia tem especificidades próprias, é o encontro do fotógrafo que colhe a imagem e quem é fotografado. É um instante único. Confunde-se, a fotografia com o próprio ser. Barthes (1996, p. 130) nos diz “sou um sujeito que se torna objeto, sou ao mesmo tempo aquele que acredito ser, aquele e que gostaria que acreditassem que sou, aquele que o fotógrafo acredita que eu seja a aquele do qual ele se serve.” A seguir tentar-se-á analisar as imagens que ficaram registradas em fotos de particulares e da revista *O Cruzeiro*, que mostrou ao país o que acontecia em um lugar remoto da fronteira do Paraná com Argentina.

2.6 — Imagens da Revolta

Os colonos invadem e depredam os escritórios das companhias CITLA e Comercial em Francisco Beltrão.

Foto nº 1 –Arquivo de Rubens Martins



Esta foto mostra a depredação dos escritórios das companhias de terra CITLA e Comercial em Francisco Beltrão-PR primeira impressão que se tem é de caos completo, como se ela retratasse a passagem de um furacão. A foto apresenta três planos bem definidos. No primeiro, pessoas que examinam papéis jogados no meio da rua. São os documentos que muitos deles tiveram que assinar a força. Um ciclista passa sobre os papéis, numa atitude de quem não está preocupado como o que está acontecendo. Num segundo plano vê-se o prédio de madeira, com dois pisos, onde funcionavam os escritórios das companhias, sendo invadido por pessoas que tentam entrar, forçando a passagens no meio de pessoas. À esquerda, no mesmo plano, vê-se um grupo de pessoas que conversam. Duas pessoas carregam móveis, que certamente pertenceram às companhias. Um curioso, de mãos nos bolsos, presencia as cenas, como que admirado e indiferente a confusão reinante. Num terceiro plano, nota-se a multidão indefinida. O equilíbrio entre o edifício que representa a instituição de um poder ilegal, em sua vista compacta, de três vitrões e uma porta estreita, contrasta com um outro lado marcado pelo volume de vultos que dão cobertura as pessoas que carregam móveis e o pátio defronte, tumultuado pelos papéis no chão. Dois seres diferentes, um material concreto e desguarnecido, esvaziando-se e outro vivo, indefinido como corpos multiplicados em euforia, que se projetam no primeiro plano, com a festa dos documentos ilegais, inutilizados, no chão,

sem validade. O valor do corpo coletivo despe de legalidade o que violenta a cidade. Entre a escritura (forjada pela violência) atropela a solidariedade entre os colonos para extinguir uma autoridade corrupta.

Foto nº 2 – Revista O Cruzeiro – 12/10/57



Na foto vê-se um grupo de agricultores, fazendo pose para objetiva. Talvez nem saibam da importância desse momento em suas vidas simples. Estão tendo um momento de fama. Nem sabem que serão visto por milhares de pessoas no Brasil todo. Pelas roupas, nota-se que são pessoas humildes. Alguns descalços, com calças arregaçadas. Todos com chapéus ou bonés. Armados, com espingardas e revólveres, que dão uma idéia de precariedade, pois as armas são antigas e que mais propícias para a caça que para a luta contra os jagunços. O olhar da maioria é sério, preocupado com a situação. No meio deles um sorridente, que pela postura do chapéu e do corpo, não denota nenhum receio pelo momento que está vivendo.

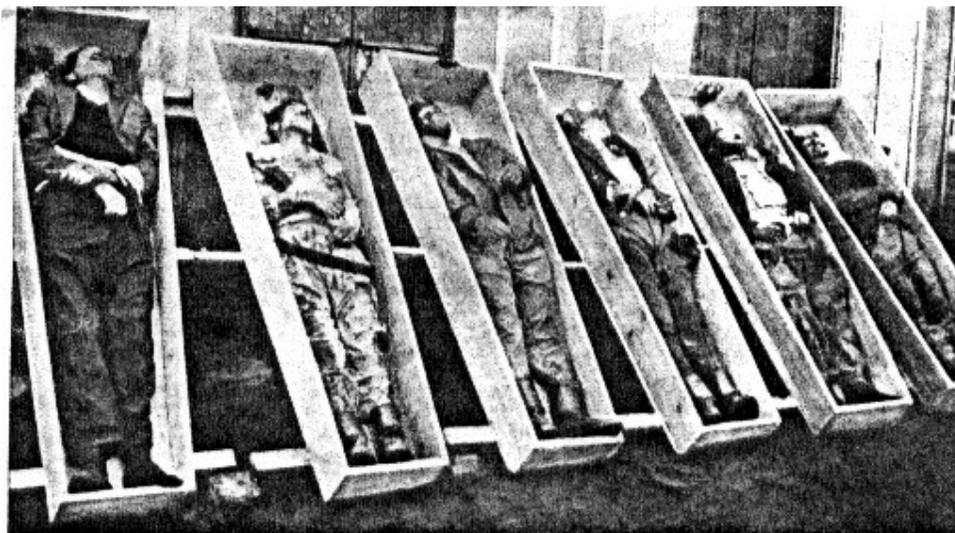
O fato de que as armas apontem para pontos diversos, dá uma impressão de que o grupo é desorganizado e tem pouca prática no uso de armas. A pose de joelhos, dá um ar de submissão. A foto tem horizontalidade, reforçando a idéia de que o movimento dos colonos partiu da gente humilde, que está ligado ao chão, a terra. O cenário onde foi tirada a foto reforça a impressão de que o grupo é composto de “revoltosos” humildes e improvisados. Uma espécie de galpão meio destelhado transmite um ar de pobreza.

Foto nº 3 - de 0 Cruzeiro. 12/10/57



Os militares da Paraná, em fila com armamentos modernos para a época, olhando para um mesmo ponto, dão uma impressão de ordem, organização e determinação no cumprimento do dever. Devidamente uniformizados, de pé e com as armas no lado direito que facilitaria o seu uso imediato. Demonstram que o aparelho do estado está pronto para manter a ordem a qualquer preço. Num primeiro plano o oficial comandante com ligeiro sorriso na face e um olhar direto para a câmara representa quem sabe o quer, olhando de cima para baixo, tendo na mão esquerda uma metralhadora . A perspectiva da câmara de baixo para cima , dá uma idéia de verticalidade.

Foto nº 4 - 0 Cruzeiro. 12/10/57



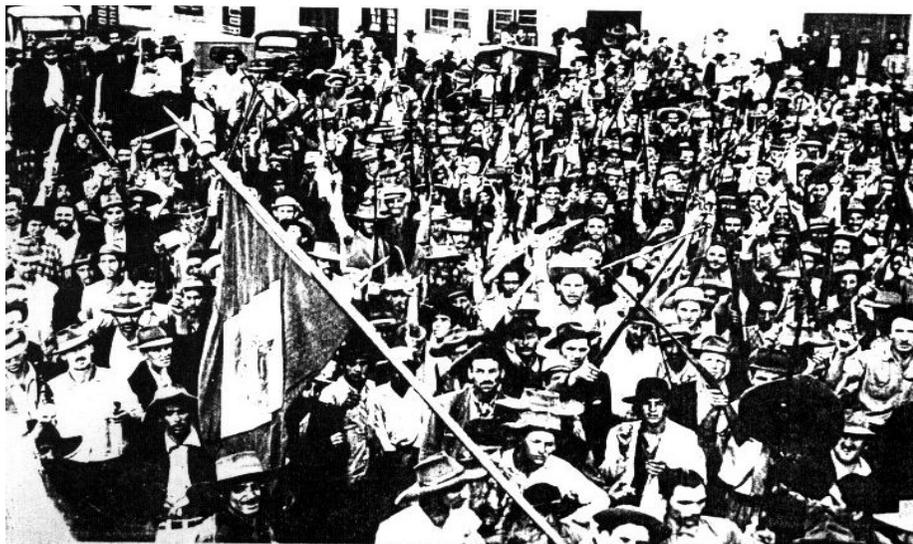
Seis, dos sete dos mortos da emboscada do KM 16, foram fotografados em seus caixões, apoiados na parede da delegacia do Rio Claro, atualmente município de Pranchita-PR. A maioria deles está de paletó. É costume na região, enterrar os mortos com a melhor roupa. Nota-se que não foi possível ajeitar as mãos em atitude de oração. Elas estão em várias posições, o que demonstra que os cadáveres, quando foram postos ali, já estavam com rigidez cadavérica. O fotógrafo optou por um ângulo que cria uma perspectiva, que representa que, pelo menos perante a morte, as vítimas da revolta foram disciplinadas. É o espetáculo da morte. Em lugar da posição horizontal que o corpo morto normalmente ocupa num caixão, a representação escolhe a verticalidade que diagnostica mortos ainda em pé (de guerra) ou que necessitam discussões, explicações e não jazem sob a terra, enterrados como seria de se esperar.

As fotos foram à maneira de *O Cruzeiro* eternizar o momento que Santo Antonio e região viviam. Sigrid Weigel (1999, p. 251) diz que

el cuerpo juega un papel central también en la memoria colectiva. Especialmente bajo el aspecto de la situación de víctimas en la historia de la civilización, Nietzsche calificó el dolor como “el más poderoso instrumento de lo mnemónico”, al mismo tiempo, que afirmaba en 1887 que “nunca nada se daría sin sangre, martirio sacrificios cuando el hombre le pareciere necesario crearse una memoria” [aspas do original]

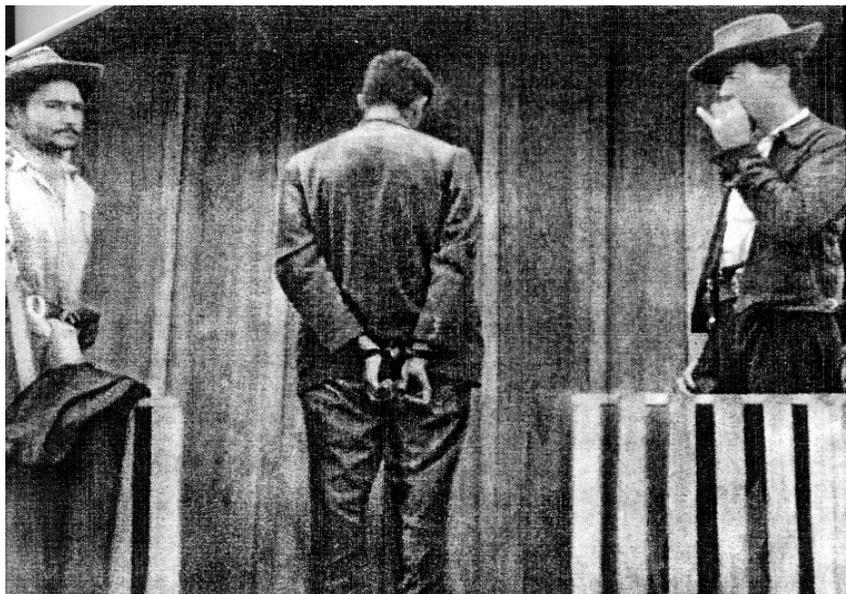
Essa exposição dos corpos sem vida, que sofreram a violência das balas que deviam ceifar os inimigos, serviu para aumentar a raiva dos colonos contra os jagunços, pois a maioria dos corpos não pertencia aos funcionários da CITLA. Os corpos expostos em caixões rústicos, são imagens chocantes que fizeram o fato não ser esquecido pelas pessoas que viveram a revolta.

Foto nº 5 - arquivo pessoal de Oswaldo Jansen



Os colonos aglomerados na rua, em Francisco Beltrão, exibindo armas em gesto de desafio, com semblantes sérios. Rosto que denotam preocupação com o futuro. Uma bandeira em posição de destaque dá um ar de civismo a essa manifestação que é um desafio às autoridades opressoras. A posição dos corpos denota expectativa, tensão, revolta. Os olhares se voltam para um determinado ponto, como se estivessem ouvindo a fala de um líder. A maioria das pessoas usa chapéu como era moda na época, e boa parte está vestida com paletó. Por serem pessoas humildes, o uso dessa peça do vestuário (usada somente em momentos especiais, como ir a missa, a um casamento) indica que o momento é muito importante para eles. As mulheres estão ausentes na manifestação.

Foto nº 6 - O Cruzeiro, 12/10/57, p. 74.



O Cruzeiro pôs a manchete: "Improvisados como escolta policial, dois assassinos de aluguel trucidaram um moço de dezenove anos e abandonaram o corpo em plena mata". (p.74.) O jovem, ladeado por por Pedro Pinto e Pedro Santin (fumando) era Antonio Borges, que confessara haver praticado várias atrocidades, entre elas, estupros. A manchete usa o termo *assassinos de aluguel* ao referir-se aos dois executantes do crime. Na época, cogitou-se que o então governador do Paraná e parte interessada na venda das terras, havia *encomendado* a reportagem. Abaixo da foto, o fotógrafo e repórter colocou a legenda: *Depois dessa foto, Antônio Borges(de costas) viveu 4 horas. Em frente à prefeitura de Capanema, Pedro Santin (fumando) e comparsa, Pedro Pinto, contemplam os últimos minutos da vítima.* A foto deixa claro que o rapaz está totalmente à mercê dos dois *improvisados policiais*. De costas, algemado, cabisbaixo, como se já soubesse que seria conduzido ao cadafalso. Pedro Santin fuma num ar de displicência, como quem sabe o que *deve ser feito*. Se hoje, crimes sexuais são punidos de forma aviltante, na época era muito pior. As pessoas que o puseram nas mãos desses dois homens, certamente sabiam o desfecho da história, pois os crimes sexuais exigiam punição sangrenta. Os corpos estão em posição vertical, os espaço entre eles é praticamente igual, Santin e Pinto expõem os rostos quase que de perfil. O preso está totalmente vencido,

ombros em posição de derrota, desânimo, nem direito a mostrar o rosto tem, as suas mãos estão semifechadas, como se tivesse meditando sobre o seu futuro. A sua frente, uma parede de madeira nua, o encurrala. Um cordeiro sendo levado ao abate?

As imagens fotográficas da revolta de 57 são testemunho de um tempo em que as pessoas haviam perdido toda a esperança nos poderes constituídos. Elas têm poder: “a imagem atravessa os textos e muda-os; atravessados por ela, os textos transformam-na.” Ao analisá-las, estamos tentando descobrir todas as sutilezas e a força que congelou o tempo em seus traços. Há uma verdadeira conjunção entre a realidade e o passado. A foto é testemunho da presença de alguém que não está mais presente. As legendas complementam e muitas vezes ressaltam determinados aspectos que interessam ao meio de comunicação que está veiculando a notícia. Elas podem “delatar” a tendência política e filosófica de quem as escreve. Na foto 3, onde aparecem militares armados, pôs-se a legenda: “MISSÃO A CUMPRIR: socorrer onze companheiros que estavam sob ameaça de massacre iminente, na cidade sitiada de Santo Antonio. Eles chegaram a tempo”. Era projeto de *O Cruzeiro* apresentar reportagens com tons de aventura, sensacionalismo. Os militares são apresentados como heróis, pois salvaram os companheiros das mãos das pessoas que subverteram a ordem vigente, portanto estavam “fora da lei”. A forma como a legenda está escrita dá a idéia que a revista tem tendência conservadora.

Foto nº 7 – O Cruzeiro – 12/10/57, p. 76.



A legenda abaixo da foto: “A 10 km da prefeitura, encontraram o corpo de Antonio. Amarrado, os facínoras divertiam-se atirando contra o seu ventre.” É o epílogo de mais um episódio da revolta. A morte de um homem que rompeu as barreiras da “moralidade”.

Godard (1993, p. 115) ao expressar que “As palavras e imagens são como cadeira e mesa: se você quiser se sentar à mesa, precisa de ambas” mostra que as imagens e as palavras necessitam-se, complementam-se. A imagem/linguagem divide o espaço em todos os meios de comunicação. Sabemos que a TV está ligada, pelo incessante palavreado que emite. Julga-se uma imagem verdadeira ou não, não pelo que representa, mas pelo que nos é dito ou escrito. Segundo Barthes (1996, p. 13), “a ancoragem descreve uma forma de interação imagem/texto no qual o último vem indicar o ‘nível correto’ da imagem.” As legendas em foto ajudam a entender o que está retratado, mas ao mesmo tempo permitem que o leitor analise a ideologia de quem está fotografando e escrevendo a matéria. A mescla entre imagem e texto apresentada pela *O Cruzeiro* mostrou que ela posicionou-se contra os agricultores.

Através do texto das lembranças pessoais, dos relatos orais das pessoas que viveram os acontecimentos e da reportagem de *O Cruzeiro* pretendeu-se apresentar o imaginário que permeou a revolta dos colonos em 1957.

CAPÍTULO III — O IMAGINÁRIO DA REVOLTA

O imaginário do mundo ocidental foi tolhido pelo raciocínio socrático baseado numa lógica binária (com apenas dois valores: *um falso e um verdadeiro*) (DURANT, 2001, p. 9), não se permitiu uma terceira opção, mas a memória é um depósito de imagens que são selecionadas de acordo com a importância que cada pessoa dá aos fatos que viveu, não havendo preocupação com o certo/errado ou falso/verdadeiro. Falar do imaginário da fronteira San Antonio/Santo Antonio do Sudoeste é relembrar os fatos que foram vividos pelos primeiros habitantes da região. As suas lutas com a mata, as intempéries, os animais e insetos e mesmo com a ausência da família, como bem demonstra, em sua fala Antonio, um dos pioneiros da região, personagem de *Amor a la tierra* (1953, p. 31): “hay quienes creen que en Misiones, basta internarse en las selvas para sacar una fortuna; no saben los peligros y los sufrimientos, a que nos exponemos”. Os fatos que ocorreram nos primeiros dias do desbravamento da região de fronteira, ficaram registrados de modo literário, nas páginas de *Amor a la tierra*, de Antonia Arrechea.

Todavia essa terra tão duramente conquistada foi sacudida por uma revolta de colonos, que pressionados pelos “jagunços” das companhias de terras, deixam de ser pacatos agricultores, atravessando *a fronteira* do legal/ilegal, para empunhar armas na defesa de seus “direitos”, porém o que interessa não é a revolta em si, mas o que o evento representou para identidade da fronteira. A saga dos pioneiros que tiveram que subverter a ordem para serem ouvidos, serviu de mote para que Roberto Gomes registrasse a seu modo, o imaginário que os norteou, bem como a região de fronteira do Sudoeste do Paraná que virou personagem literário. Gomes buscou retratar o imaginário dos pioneiros transformados em personagens que labutam infatigavelmente com os elementos naturais da região e depois têm que lutar com os jagunços para conseguirem cultivar em paz a terra com a qual tanto sonhavam. O autor usou a literatura para representar a voz da massa e por isso *Os dias dos demônios* (1995) faz parte dessa dissertação.

3.1 *Os dias do demônio* — Roberto Gomes

Mas Miguel aprendera outra coisa naquele inferno em que se transformara o sudoeste: o medo nada tinha a ver com a coragem de cada um deles. O perigo era um elemento de suas vidas – eles apenas o registravam cada um a seu modo. (Gomes, 1995, p. 53)

O romance *Os dias do demônio* (1995) representa literariamente a colonização do Oeste do Paraná, a luta dos migrantes catarinenses e riograndenses para desbravar terras pouco exploradas. Levando em conta que o texto ficcional se configura como narrativa que apresenta uma “fatia” do mundo visto de uma determinada perspectiva — às vezes incompleta/lacunar/fragmentada — e que o ato de narrar constrói uma coerência “visual”, um ponto de partida que pode ser variável, *Os dias do demônio* se torna um modo de “contar” a década de 50, diferente do feito pelos registros oficiais; ou, como bem elucidada Affonso Romano de Sant’Anna (1975, p. 42) acerca do romance contemporâneo brasileiro:

A história já não é contada pura e simplesmente do ponto de vista do senhor de engenho ou do bacharel, mas introduzem-se aí outras versões. Surgem personagens de uma outra consciência da realidade.

Roberto Gomes inspirou-se nos fatos ocorridos na revolta dos colonos de 1957, para escrever *Os dias do demônio*, mas a obra não é um romance-reportagem. É narrada usando não apenas o imaginário da região como também investe na construção de uma visada específica da transculturação que aparece no linguajar característico dos imigrantes italianos como se percebe nas expressões: *Dio óstia* (p. 25); *madre de Dio cosa fare* (p. 35), *sacramenha* (p. 49), *tutti ladri* (p. 86), *porco Dío!* (p. 66), *Eco!* (p. 297), que mostram outras fronteiras simbólicas através do discurso usado pelos descendentes de italianos que não escondem sua irritação diante dos problemas do dia a dia, então presentes. Da mesma forma, o autor mostra preocupação em retratar a riqueza simbólica das expressões populares, que sempre permeiam as conversas, e que retratam a cultura popular: *com a cara de bode embarcado* (p. 81), para expressar situações em que há desconforto na situação; *não precisou queimar os miolos* (p. 111) querendo ressaltar que foi fácil, não exigiu esforço mental; *cachorro não larga osso com conversa mole* (p. 202) para reforçar a idéia que as coisas não vão ser fáceis; *seria um dia quente, de derreter os miolos* (1995, p. 218) para metaforizar como os colonos se sentem naquela região colonizada. O desejo de fixar e conservar a linguagem, também supõe a carência de rupturas a nível sintagmático.

Os personagens que participaram da revolta recebem nomes novos, com poucas exceções. Pedro Santin é um dos casos. O narrador, com sua imaginação, mostrou o lado humano das pessoas que participaram da revolta, por exemplo quando narra a alegria do Nego Berto (Alberto) que ia ser compadre de seu patrão Joenin, um descendente de italianos, ao descobrir que o menino que nasceria ia ter o seu nome:

Nego Berto veio sentar-se ao seu lado. Com cara de malandro, perguntou, feliz da vida:

— Que mal lhe pergunte, compadre, como vai se chamar o meu afilhadinho?

Joenin, sem ter pensado no assunto, responde na bucha:

— Alberto.

Desta vez o negro deu tantas cambalhotas malucas que Joenin temeu que quebrasse o pescoço. (1995, p. 67)

Um dos líderes da revolta, em Francisco Beltrão, foi o Dr. Walter Alberto Pécoits, médico e que vive há mais de cinquenta na mesma cidade. Ele era dono de um pequeno hospital que atendia a região. Por exigência dos colonos, foi nomeado delegado especial para acalmar os ânimos depois que os colonos tomaram a cidade em que trabalhava. Na obra ele aparece como Miguel e narra um pouco das dificuldades que tinham enfrentado

Estavam naquele lugar há oito anos, haviam construído o hospital, a casa. Por que deveriam sair correndo como se os criminosos fossem eles? Esperar um mais pouco, dizia Miguel, é preciso ter paciência. Depois, nossa vida foi feita aqui, não podemos mudar de um momento para outro.

Quando chegaram ao sudoeste, ela não vira mais do que mato, pinhal, estradas enlameadas, uma gente bruta que se fartava em trabalhar. E havia a solidão, o silêncio, o isolamento do resto do mundo. Meteram-se também naquela luta: a casa, o hospital, os doentes. Agora, eram parte daquilo – o Rio Grande do Sul lhes parecia um lugar distante no qual nunca haviam vivido. (1995, p. 29)

A situação no sudoeste do Paraná estava se complicando para os colonos. As companhias estavam usando até meios violentos para pressionar os agricultores a comprarem as terras que cultivavam. O clima era de tensão, os agricultores estavam tentando organizar-se para reagir.

A obra está dividida em quatro capítulos que têm mais ou menos a mesma

extensão, que, por sua vez, são subdivididos em pequenos episódios que não seguem a mesma perspectiva cronológica e linear em relação ao tempo. Essa forma escolhida para a narrativa indica uma influência cinematográfica acentuada na estrutura literária que parte de cenas ou atos. Isso leva o leitor a diferentes realidades em tempos e espaços aparentemente diferentes quase de maneira simultânea, o que exige leitura compenetrada e participativa.

Deste modo, o primeiro capítulo, *O Paraíso*, conota uma denominação um tanto irônica, pois um dos personagens, *Pedrinho Barbeiro*, é morto por jagunços, enquanto pintava as paredes ressecadas de seu *rancho. Paraíso*, talvez porque o Sudoeste do Paraná fosse visto por gaúchos e catarinenses, como “a terra prometida”, onde poderiam concretizar em paz, todos os seus sonhos. A obra começa rompendo a linearidade e a cronologia. Os demais enunciados — *A guerra é sempre, De ferro e fogo e As portas do inferno* — não apresentam surpresas, pois narram de forma romanceada, os fatos que ocorreram durante a *revolta de 1957* como as perseguições sofridas pelos colonos, as suas tentativas de reação e, finalmente, a revolta que termina com a vitória dos trabalhadores. O título *Os dias do demônio* é justificado pelo episódio sete, do primeiro capítulo, que narra a chegada da família de Elpídio Bello ao “*Paraíso*”. A família, na chegada à região onde iria morar, encontra uma velha sobrevivente de um massacre dos jagunços: ela tentava, com pedras, afastar urubus dos cadáveres de sua família.

Sentou novamente no degrau que sobrara da casa destruída e ajeitou com cuidado as suas pedras, repondo aquelas que havia retirado da sacola, sem despregar os olhos da copa do pinheiro, de onde os urubus espreitavam.

— Sua família? Perguntou Laura.

A velha rodopiou a cabeça examinou Laura com dois olhos mortos.

— Família, disse a velha, voltando a olhar na direção dos urubus.

— O que aconteceu?

— Os demônios.

— Demônios?

— Saíram do inferno.

A velha sobrevivera a um massacre perpetrado pelos jagunços. Havia matado sua família, estupro a sua neta de quinze anos e a raptaram. Os mortos não deviam ser enterrados. Deviam apodrecer ao relento para servir de exemplo aos demais agricultores, que teimavam em não “legalizar as terras”, ou seja, assinar os documentos enviados pela CITLA para pagar novamente por elas.

Aparece no romance uma velha dicotomia: se quem matou eram “demônios” os sobreviventes são anjos? Isto configura um mundo esquemático, hierárquico. O pensamento

ocidental está baseado na noção binária implícita na lei da lógica, mas sabemos que a nossa consciência, nossa intuição de mundo está além dessa lógica.

O narrador que, em geral, domina a narrativa, influencia ou deixa de convencer seus supostos expectadores para que, da mesma maneira, se consagre ou não o fator da verossimilhança. Nas fronteiras entre o verdadeiro, compostas pelo ficcional e pelo real, é que se desenvolvem as teorias voltadas para o foco narrativo.

James (*apud* LEITE, 2000) idealizou o narrador com uma atuação discreta, apontando e contando para o leitor a história sem que percebesse suas supostas interferências, como se a narrativa se constituísse por si própria. É mais ou menos assim que se porta o narrador, em terceira pessoa, onisciente e onipresente, na obra de Gomes: ele, o narrador, apresenta os fatos sem, aparentemente, interferir nos acontecimentos. Isso possibilita e influencia na credibilidade de verossimilhança esperada do texto, já que a obra se inspirou em fatos ocorridos na região. Na obra, é papel do narrador demonstrar reações e transformações que as situações vividas causam nos personagens, bem como demonstra o assombro do Dr. Miguel — expresso na epígrafe — ao perceber que não mais podia manter-se imparcial à luta dos colonos.

Embora as personagens representem pessoas e possam ser criadas a partir delas, ou servirem de fonte de inspiração para alguns autores, elas não passam de seres ficcionais. Como o papel “aceita” tudo, a realidade é tomada pela linguagem — está inserida no contexto das palavras que representam pessoas —, possibilitando uma crença na verossimilhança existente na obra. Assim, o leitor se envolverá tão profundamente com a personagem a ponto de sofrer emocionalmente e atribuir-lhe uma vida humana, rompendo as barreiras do real e do imaginário.

É isso a tal ponto que os grandes autores, levando a ficção às suas últimas conseqüências, refazem o mistério do ser humano, através da apresentação de aspectos que produzem certa opalização e iridescência, e reconstituem, em certa medida, a opacidade da pessoa real.

Mesmo que a personagem se construa ao longo da narrativa, a verdadeira leitura em torno desse ser figurativo se consagrará na recepção, cabendo ao leitor a compreensão do universo que o personagem habita. Os principais personagens que povoam a obra são: Laura, Elpídio Bello, Joanin, Cidália, Pedrinho Barbeiro, Nego Berto (colonos); Dr. Miguel, Otto

Germer e Pedro Santin (pessoas que apoiaram o movimento dos agricultores) e Zé Lara, Índio e Isabel (ligados às companhias de terras).

Elpidio é um personagem esquematizado como uma pessoa teimosa, que ficava remoendo os problemas, mas que no final conseguia sobrepor-se às dificuldades:

— Elpidio Bello, tu és um homem cabeçudo.

Ele estava inquieto, logo remexeria os pés, querendo saber se pisava em chão firme. Nunca era fácil saber no que Elpidio pensava, ainda que Laura adivinhassem, no fundo daqueles olhos miúdos, alguma alegria. Era mesmo um homem cabeçudo, pensou, sentindo um aperto no coração. Nem a dor sofrida com notícia da morte do irmão iria abatê-lo – ficaria ainda mais amargo por uns tempos, fecharia a carranca cada vez que Eleutério fosse lembrado, praguejaria contra Deus e a Virgem a cada dois dias e confirmaria a ameaça de sangrar o cão que fizera aquela mortandade. Mas não vergaria. (1995, p. 15)

Laura conhecia o marido. Ele sempre reagia da mesma forma. O convívio com ele tinha-a ensinado que devia deixá-lo com seus pensamentos e a sua insatisfação, até que ele assimilasse os acontecimentos e voltasse ao convívio da família. O narrador demonstra controle hipotético utilizando futuro do pretérito: *ficaria, fecharia, praguejaria*.

Outros personagens que são importantes na obra: Joanin, um agricultor descendente de italianos, casado com Cidália; Nego Berto empregado e amigo da família de Joanin; Pedrinho Barbeiro, um agricultor que andava colhendo assinaturas contra as companhias de terra e é morto por isso; Pedro Santin, foragido da lei, que participa das lutas dos colonos contra os jagunços; Otto Germer, um alemão dono de um hotel; Zé Lara, o chefe dos jagunços; Índio, jagunço protegido de Lara e Isabel mulher de Zé e motivo da morte de ambos.

Para acompanhar a desenvoltura das personagens, notamos que o tempo é inseparável do mundo imaginário e configura-se como um registro peculiar, especificando a duração de um momento ou uma fase da vida de uma personagem.

Embora se pressuponha que um romance seja organizado com começo, meio e fim, o tempo é pluridimensional, pois vários acontecimentos podem se suceder dentro de uma mesma história com categorias distintas. Em *Os dias do demônio*, há flashback sem que isso dificulte o entendimento do enredo. Há marcas de tempo, não tão intensas como em *Amor a la tierra*.

Elpídio Bello só cedeu num ponto: *esperou a criança nascer*. Era um menino loiro em cujo rosto Laura temia encontrar os traços feios do pai. Foi batizado como o nome de Lauro Firmino Bello e, com *duas semanas* de vida, enfrentou *quinze dias* de viagem num carroção. Trouxeram alguns móveis, ferramentas e três cavalos. Já no *terceiro dia* de viagem ouviram histórias de banditismo no sudoeste. (1995, p. 41) [grifos do original]

Há preocupação em marcar o tempo, pois os índices temporalidade permeiam o texto: *esperou a criança nascer, duas semanas, quinze dias, no terceiro dia*.

O espaço também se constitui como uma importante categoria da narrativa. É nele que ocorrerão as ações dos personagens e o ponto de apoio para toda a espécie de circunstâncias locais que evidenciarão o processo de verossimilhança e realidade.

Essa categoria pode tanto alcançar um estatuto prioritário, quanto estar transfigurado e diluído dentro da narrativa. A geografia literária situa

os lugares, fictícios ou reais, onde se desenvolvem as aventuras dos heróis dos romances e do teatro, ressaltando o senso geográfico inconsciente do autor e o alcance geográfico de seus escritos. (FERRÈ *apud* DIMAS, 1994, p. 8-9)

O ambiente modela os cenários e determina a conduta humana através dos níveis das imagens se sobrepondo, inclusive à realidade geográfica real, a qual, em grande parte, permanece puramente ficcional, não havendo possibilidades de encontrar referência real.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (2000), o espaço pode ter duas funções: a *estética* e a *pragmática*. A primeira não auxilia no desenvolvimento dos acontecimentos, exercendo apenas a finalidade de dar crédito ao conflito ali localizado. No entanto, a segunda serve de instrumento para o desenrolar das ações na narrativa, provocando acelerar, reatar e alterar os acontecimentos, contribuindo para a caracterização das personagens e propiciando, assim, uma atmosfera para o desenrolar do conflito.

Depois de meia hora, abandonaram a estradinha e tomaram uma picada à esquerda, que os levou ao topo do morro. Daí desceram em direção a um vale no fundo do qual corria um arroio. Tá lá o córgo! Explodiu Nego Berto. A descida era pelo meio do mato fechado precisaram dar muitas voltas, abrindo caminho a facão puxando os cavalos. Até que o mato se abriu e estavam em pleno vale. O sol já ia a prumo e o Nego Berto girou os braços nas quatro direções dos ventos:

— É aqui nossa casa, seu Joanin.

— Joanin pensou: negro atrevido. E, olhando nas direções apontadas pelos braços do negro disse:

— *Madona*, que belo lugar (1995, p. 50) [grifos do original]

A terra vermelha do Sudoeste do Paraná, recoberto por mata abundante, com água farta, era o sonho de todo agricultor. O que não esperavam era que esse “paraíso” se tornasse palco de lutas sangrentas pela posse da terra, o que fez com que muitas famílias buscassem o território argentino como refúgio. Joanin, agora casado e com filhos, compadre do Nego Berto, diante das incertezas causadas pela pressão exercida pelos jagunços, reúne os familiares e declara: “a gente vai pra Argentina.” (1995, p.122). Cidália, sua esposa, relutava e dizia “quem garantiria que iam viver melhor na Argentina” (1995, p. 123). Nego Berto foi mais taxativo:

Terra de gringo, seu Joanin? De jeito nenhum?! De jeito maneira! Gringo não é gente que se possa confiar por inteiro, nem a língua arrevesada deles a gente vai entender direito, mandam os brasileiros fazer serviço de escravo, o compadre pode escrever o que lhe digo. Eu não vou... gringos, seu Joanin, gente pior que jagunços. (p. 123)

Nota-se que há um preconceito arraigado que aparece na argumentação das personagens. O estrangeiro, *gringo* segundo a expressão da personagem Nego Berto, por seu idioma *arrevesado*, não oferece confiança. A fronteira parece algo estranho para Joanin, frente ao rio Santo Antonio pensa:

uma titica de rio e já do outro lado é um país estrangeiro [...] lá do outro lado moram os gringos com sua fala enrolada, com sua mania pela erva-mate, que vinham roubar do lado de cá, usando outro dinheiro e com outro jeito na cara. E tudo isso por causa de um riozinho de titica... (1995, p. 194)

A idéia de fronteira como algo que separa os seres humanos a ponto de não se entenderem, ou terem dificuldades na comunicação é uma idéia estranha na cabeça do descendente de italianos que buscou o outro país para proteger a sua família. O medo da violência dos jagunços foi maior que o amor à pátria:

Terra era terra em qualquer parte, no sudoeste ou na Argentina, se lida com ela do mesmo jeito, o resto era bobagem que se punha na cabeça, que merda podia representar um riozinho daqueles para dividir o mundo de Deus em dois países estrangeiros? (1995, p. 196)

Pôr a salvo a família era o que importava. Mesmo assim, a idéia de que um riozinho pudesse impor uma nova situação social e política o intrigava. Olhando para o outro lado do rio Santo Antonio, pensava: “aquela árvore fica na Argentina, achando que também nisso havia algo de errado, onde se viu um bocado de água separar um país do outro, a guerra do sudoeste da paz dos gringos.” (1995, p. 199)

Passar a *fronteira*, usar o território de um outro país, para proteger-se da violência, para fugir da lei, era uma prática comum e aparece em *Os dias do demônio*: “Pedro Santin chegou em dez dias. Uma comissão foi buscá-lo em Posadas, onde se refugiara desde março, pois estava jurado de morte pelos jagunços.” (1995, p. 157). Índio, um jagunço que voltara ao Brasil para trabalhar com as companhias de terras que pressionavam os colonos: “Podia estar no Paraguai. Os gringos eram gente muito esquisita, mas a verdade é que nunca se meteram na vida dele. Mesmo assim, achava que perdera tempo naquele fim de mundo.” (1995, p. 215) Juntaria um dinheiro e iria a Argentina. “Paraguai não. Terra pobre, miserável, viveu por lá no meio de um bando de gente que não tinha onde cair morto.” (1995, p. 60) O além fronteira brasileira, está representado na obra como terra miserável, esconderijo de criminosos, terra de bugre, cheia de mistérios: “lembrou da velha índia. Sentado numa banquetta no meio do casebre imundo, ele olhava a dança da feiticeira, que jogava cinza num círculo a sua volta, rezando numa língua que diziam ser de bugre.” (1995, p. 61) Há representação do mundo espiritual indígena. O imaginário aparece na cerimônia para “fechar o corpo” a que se submete o jagunço antes voltar ao Brasil.

Há um triângulo amoroso entre Zé Lara, o chefe dos jagunços, Índio que quando jovem fora salvo por ele e Isabel a mulher de Lara. Índio ficara hospedado na casa do casal onde recebera um tratamento filial por parte do jagunço que lhe ensinara todas as artes no uso das armas. O Índio e Isabel tiveram um caso quando o marido estava distante e ferido. Índio, depois de um tempo foragido, voltara do Paraguai por causa dela. Zé Lara soubera da traição, mas escondera o que sabia. Chamara o antigo enteado para poder vingar-se dele. Mas antes manda ele e um capanga matar Romário, um jagunço velho, sabia que Zé Lara fora traído: “Aquilo (Zé Lara) é o diabo em forma de gente! Disse Romário. Tu ainda vais ter a tua hora de saber disso, escapou lá no norte, fugiu feito um cagado, não vai escapar aqui não. Não pensa que ele gosta do enfeite que tu colocou na cabeça dele. Ele te pega. Ele tá esperando. Ele sabe fazer a morte do jeito dele.” (1995, p. 137) No final do romance, há uma luta mortal entre os dois anti-heróis, por sentimentos de vingança ocasionados pela traição da companheira. Acabam matando-se.

O machismo está representado nos pensamentos de Joanin. Depois de uma noite mal dormida, pois sentia-se mal por estar refugiado na Argentina com a sua família, sua mulher Cidália, pergunta-lhe se estava melhor: “Sim, respondeu seco. Ainda não estava no ponto de dar conversa pra ela, com mulher a gente tinha mesmo que agir assim, hoje mandam

na mão, amanhã no braço, depois de amanhã ninguém mais sabe aonde elas vão querer chegar.”(1995, p. 250) Cidália pensa nos motivos que levaram Joanin a refugiar na Argentina: “Ela sabia que ele viera para aquele fim de mundo da Argentina só para salvar o filho homem... ela sabia que era pelo pequeno Alberto que ele fizera aquele sacrifício é mas com filho homem é diferente, é igual a ti, tu és homem.” (1995, p. 251)

A trama de *Os dias do demônio* ocorre no sudoeste do Paraná, na fronteira, o autor descreve muito pouco a região. Uma das poucas descrições que aparece:

As trilhas vincadas pelas carroças desciam em duas voltas e se perdiam a uns trezentos metros, no meio do mato branco. Ao lado, ao pasto aberto, cortado pelo arroio que haviam acompanhado no último quilômetro. O resto era o mato e os pinheiros, um negrume cercando os destroços do rancho. (1995, p. 16)

Dá uma idéia de como era a região que na época ainda estava repleta de pinheirais para dar uma idéia da grande quantidade de pinheiros usou a palavra *negrume*. Outra descrição que aparece com alguns detalhes é quando Joanin e a família chegam à fronteira do Brasil com a Argentina: “Joanin avançara dois passos na direção da margem e olhara para baixo. Lá no fundo, a uns oito metros, corriam as águas do Santo Antonio. Nas margens erguiam-se paredes de uma grotta, mistura de pedra, barro e mato rasteiro.” (1995, p. 194) Há uma preocupação com a narração e não com a descrição de ambientes.

O narrador descreve com verossimilhança a mudança da família de Joanin na fuga para a Argentina:

A carroça pendia para o outro lado sob o peso desequilibrado das camas, cadeiras, do armário, do baú, da caixa de ferramentas, de duas malas amarradas como barbante, de todas as tralhas, pensava Joanin que a gente vai juntando pela vida afora e que formavam agora o lombo esquisito de um bicho que Nego Berto amarrara com cuidado, sem dispensar vários palavrões quando a mobília escorregava de um lado para outro. (1995, p. 193)

A cena retrata bem como eram feitas as viagens naquela época. A carroça como o meio mais usado pelas pessoas. Como era um meio de transporte pequeno, as coisas tinham que ser muito bem empilhadas e amarradas, e, como as estradas eram precárias as *tralhas* viviam se soltando. O detalhe da mala amarrada com barbante dá uma idéia das condições humildes da família que se exilava em outro país.

Está retratado na obra, o trabalho e a dureza dos primeiros tempos na nova terra:

Desde a chegada não pararam de lutar a mesma luta: procurar comida, descer o rio em busca de água limpa. Abrir caminho a facção, derrubar mato e fazer roça, cortar árvores para construir um barraco, sair correndo da chuva que caía duas vezes ao dia, dia após dia, andar com os pés atolados na lama, ouvir o choro das crianças — que choravam de fome, de gripe, de medo, de frio, de sono, talvez de saudades, pensava Joanin. (1995, p. 231)

O autor usa muitos verbos: *procurar, descer, abrir, derrubar, fazer, cortar, construir, sair correndo, andar, ouvir* para dar a idéia de quão cansativo era tornar aquele lugar uma morada confortável. Além do trabalho árduo, havia o sofrimento causado pelo clima: *chuva, lama*; pelas necessidades não atendidas: *fome, gripe, frio, sono*; pelas emoções: *medo, saudade*.

Alguns personagens são descritos com detalhes que procuram caracterizá-los dando algumas pistas ao leitor do que vai acontecer na seqüência:

Foi nesse momento - pois o demônio surge assim, saltando de alguma fenda profunda na terra, vindo direto dos quintos dos infernos sem fazer ruído ou deixar pegada -, que os dois homens apareceram ao lado da casa. Um era alto, pálido e meio bugre – trazia um chapéu enorme enterrado na cabeça. O outro era baixo, cabeça quadrada, e tinha uma boca grande. (1995, p. 14)

Pela maneira como a cena é descrita pode-se prever que alguma coisa de ruim vai acontecer. A maneira como é descrita a cena lembra os “causos populares”, há a presença do suspense e da surpresa. A substantivo *demônio* é usado como prenúncio de alguma fatalidade. A Igreja católica vê a figura do *demônio*, como a figura do mal, da ausência de Deus. Os indígenas como um espírito mau que se introduz nas pessoas e que causa doenças.

Pálido, meio bugre, chapéu enterrado na cabeça tudo dá a impressão que o personagem está tenso e vai perpetrar um ato não lícito e quer permanecer no anonimato. A expressão *meio bugre* envolve um certo preconceito. Que é ser bugre, ter aparência de indígena? Ser inculto, rude, arredio, desconfiando? Os olhos estão cobertos pelo *chapéu enterrado na cabeça*. O outro: *baixo, cabeça quadrada e boca grande* também é caracterizado de maneira pouco harmônica, contrasta com o primeiro pelo *alto/baixo*, mas completa o quadro de que algo negativo vai acontecer. E acontece, são os jagunços que mataram Pedrinho Barbeiro, um agricultor que estava reunindo assinaturas contra as companhias, e que iam ser levadas ao presidente. No início do livro, tem-se um pequeno detalhe da aparência de Pedrinho Barbeiro: *Ele disfarçou a tensão ajeitando o chapéu na cabeça miúda*. (1995, p. 9)

Há a oposição entre *cabeça miúda* (personagem/herói) e *cabeça quadrada* (anti-herói – jagunço).

A roupa é usada para determinar a posição social e os métodos usados pelos personagens na trama “O primeiro homem que veio parecia um doutor. De roupa ajeitada, terno de cidade, gravata cinza, parou o jipe lá na porteira, chamou ‘ô de casa!’, deu bons dias tirando o chapéu e pedindo para entrar” (1995, p. 19). Esse personagem todo falante com vestimentas citadinas tinha a função de dar um ar de legitimidade às companhias que pretendiam “legalizar” as terras dos posseiros. O seu método de persuasão era a conversa, o uso do palavreado bonito e as roupas faziam parte disso.

O autor usa a mesma estratégia na seqüência da trama:

O segundo homem que veio não parecia um doutor. Era grande, avermelhado, e usava um cabelo comprido que, num sujeito menos grande e forte, passaria por cabelo de mulher ou de homem efeminado, pensou Joanin. No Jipe ficou outro homem. Embrulhado numa capa preta e fazendo questão que todos vissem, mesmo de longe, que estava com uma winchester na mão... Buenas! disse o homem avermelhado, o senhor é seu Joanin? Eu mesmo. Pois, fez o homem, e veio com o mesmo palavrório do outro aquele engravatado e de pastinha no sovaco, mas o tom da palestra era outro. (1995, p. 32)

O escritor usou os adjetivos *grande*, *forte*, *cabelos compridos* para deixar claro o tom de intimidação, além de apresentar outro personagem com uma winchester bem visível, reforçando a idéia de que estavam dispostos a tudo para conseguir seus objetivos.

O vestir, o falar desses homens que vêm de longe, da cidade e querem impor outro modelo de “direito” e de leis. A diferença entre o poder da palavra e o da escritura, comunidade rural e o do Estado geram o conflito entre os colonos posseiros e as companhias que pleiteavam a posse das terras.

Pedro Santin, um personagem com nome real, que aparece na obra, também é descrito com detalhes:

Foram encontrar com ele fora da cidade e Aloísio, que nunca tinha visto Santin antes, conhecendo dele somente a de farrapo valente, ficou analisando aqueles olhos grandes, aquela cara alargada e triste, uma cara de boi magro, cortada no meio pelo bigodinho fino e arrematada, no alto pelos cabelos rentes, espetados para cima, e, nos lados, por duas orelhas grandes demais, de abano. Aloísio Pensou: se o homem fosse tão valente como era feio, acabaria com a raça dos jagunços em dois tempos. (156)

O uso de adjetivos *grandes, alargada, triste, boi magro, rentes, espetados, abano, feio* são usados para descrever um personagem que foi chamado para enfrentar os jagunços, pois tinha fama de *valente*. Pedro Santin torna-se um dos organizadores da revolta e ele tinha uma filosofia:

Sabia que com aquela raça de jagunços não dava pra bancar o bonzinho e nem gastar argumento . Muito menos jogar de peito aberto. Eles têm que sentir que a gente não vai mais baixar a cabeça, que não vão matar mais ninguém do nosso lado sem que a gente vá lá e mate uns cinco deles como troco. (1995, p. 157)

Santin se define como *meio bandido, meio colono, farrapo e homem do mato*. “O que sabia fazer era mexer na terra, cuidar de criação – mas isso já não fazia há muito tempo... desde que sua vida passara a ser uma fuga contínua.” (1995, p. 219)

Em tempos de paz, Pedro Santin seria um personagem discriminado pela sociedade, pois era um fugitivo da justiça, mas como para lidar “com aquela raça de jagunços não dava pra bancar o bonzinho e nem gastar argumento”, ele foi resgatado de seu “exílio” na Argentina. *É a utilização do “delinqüente” pelo exército patriótico*. (LUDMER, 1988) Há uma quebra das fronteiras entre o que é *legal* e o *ilegal*, entre o que era considerado *correto* e o *incorreto*. O momento histórico de emergência e a sua fama de valente deram-lhe o direito à voz ou seja, ser aceito pela sociedade que antes o repelia.

O contato entre Nego Berto e Joanin acontece numa bodega e de uma forma um tanto informal:

E conheceu aquele negro bandido, Nego Berto, que estava roncando a um canto, sujo, bêbado, babando num saco de aniagem... Era alto e forte, daria um bom trabalhador, pensou Joanin, sem atinar qual o motivo de sua simpatia pelo patife, já esquecido das recomendações de seu Liseu: negro vagabundo. Bom sujeito, mas vagabundo.
— Como te chamas?
— Nego Berto – disse o negro – Seu criado e nego folgado...– a dentuça do negro brilhou no sorriso moleque. (1995, p. 48)

E desse contato nasce uma grande amizade que perpassa todo o romance. O negro Alberto é homenageado pelo descendente de italianos, que dá o nome de Alberto ao filho tão esperado. O escritor usa os vocábulos *bandido e patife* com um sentido de aceitação, e não no seu sentido literal. Tem-se uma idéia de como o Nego encara a vida. A obra retrata a relação entre o *outro*, imigrante e o *outro*, negro e desprestigiada que constrói no texto a cumplicidade na alteridade, na diferença.

Joanin é caracterizado fisicamente pela falas internas do Nego Berto “ora veja que italianinho valente esse sujeito, baixinho, gordinho e narigudo, enfrentando assim um doutor todo apalavreado.” (1995, p. 23) O que demonstra admiração e carinho que tinha por ele.

O descendente de italianos é um personagem que Gancho (1995) chama de *redondo* e Defina (1975) definiu como *individual*, pois apresentam características especiais de físico, psicológico, social, ideológico e moral. Vem para o sudoeste, em busca de terras. Com a ajuda de Nego Berto, organiza uma propriedade e constitui família. Joanin demonstra firmeza em suas convicções e que valoriza o trabalho que teve para tornar a terra produtiva, quando é pressionado pela primeira vez pelo corretor de terras das companhias reage:

Pois vai me adesculpar que eu não assino coisa nenhuma e nem vou querer mais conversa. Essa colônia aqui é minha, recebi do governo, paguei , isso faz tempo . Abri cada pedaço de mato por aqui, eu mais esse negro atrevido que o senhor vê. Luto todo dia com a terra e com a criação, fiz estes filhos aqui mesmo. (1995, p. 22)

E essa persistência em não ceder às pressões e assinar promissórias persiste até o final da obra. O medo de assinar demonstra claramente o “status” da escritura. A divisão entre a oralidade e a escritura que aqui pode ser vista como outra fronteira do simbólico.

O autor usa o substantivo *negro* seguido do adjetivo *atrevido* de forma que, dentro do contexto da obra, não tenham nenhuma conotação depreciativa ou racial é uma forma carinhosa de tratar o amigo negro. O italiano também dá valor a terra, pois foi nela que nasceram os seus filhos.

Joanin era uma pessoa que gostava de festas, mas não era muito religioso:

não tivesse ele a fama de dançarino e bom gaitero, só perdendo mesmo para Eleutério Bello, que era mais barulhento e maluco que ele. Até padre Aníbal pedia a sua ajuda nas festas da igreja, embora ralhasse com ele, um católico guapeca, que só aparecia na igreja para festejos. Ah, se o padre soubesse que ele misturava as orações, iniciando a reza no Padre Nosso e, a meio caminho engatando na Ave Maria. (1995, p. 47)

A participação em festa como animador *gaitero*, *bailarino*, dão a idéia de que Joanin era uma pessoa alegre, mas não muito assíduo às cerimônias religiosas (*católico guapeca*). O Sagrado e profano se mesclam. O sentimento de culpa expresso por *ah, se o padre soubesse que ele misturava as orações* não faz com que haja mudanças no seu modo de ser.

Quando a esposa entra em trabalho de parto com o rompimento da bolsa ele, apesar de surpreso, não perde o controle e ajuda no nascimento do filho:

ele viu aquilo, no meio das pernas dela, era a cabeça da criança, só podia ser, madre de Dio, cosa fare?! Cidália suava, mordida os lábios... e ele ao pé da cama, segurando os joelhos de Cidália e tendo certeza que estava fazendo tanta força quanto ela, sofrendo tanto quanto ela e a cabeça da criança ia e vinha... (1995, p. 35)

O sonho de Joanin era ter um filho homem:

quando Nego Berto chegou com a parteira enroscada na garupa, encontrou Joanin sentado na cama, chorando, rodeado pelas filhas. Joanin olhou para o negro e disse: um menino negro safado, um menino! Tu pensou que o velho aqui tinha falhado, é? (1995, p. 35)

O choro do personagem mostra o seu lado sentimental, contrariando a máxima machista de que *homem não chora*. Chora de júbilo por não ter *falhado*, ia ser pai de um *menino*, o machismo de novo presente nas suas falas.

Joanin, depois de sofrer muitas pressões dos jagunços, entra num estado de depressão:

donde vinha aquela mania de falar baixo, quase resmungando, de fumar palheiro pelos cantos, meio escondido, desinteressado de tudo, já nem sabia direito se no dia seguinte ia fazer sol ou chuva e descuidava dos animais e da plantação, deixando de encontrar os amigos no armazém de seu Liseu. (1995, p. 120-121)

O personagem é apresentado como alguém que está sofrendo um grande conflito interno. O medo da violência que poderia ser perpetrada contra a sua família o faz sofrer “e Joanin sentia um corte frio nas costelas, do lado do coração... pensou muito, não dormiu três noites seguidas.” (1995, p. 121)

O narrador foi criando um clima que prenunciava uma decisão que iria mudar a vida de todas as pessoas com as quais convivia ele diz: *a gente vai embora pra Argentina*.

Elpídio Bello, personagem tem características mais ou menos fixas. *Elpídio Bello, tu és um homem cabeçudo. O rosto de Elpídio ensaiou um sorriso mas, como sempre, desistiu a meio caminho. – Que mal ser cabeçudo? resmungou*. Nessas frases o autor definiu a forma de ser e de enfrentar as situações da vida desse personagem. Ele era calado, sério e isso vai perdurar a obra toda. E tinha certas convicções: “O diabo não é feio quanto pintam, dizia.”

(1995, p. 41) Tem uma maneira toda sua de reagir aos problemas que surgem. Quando faleceu a sua filha de infecção:

Infecção, disse – e Elpídio Bello atravessou dias sem trabalhar, caminhando em torno da casa. Infecção, resmungava, infecção. Preocupada com o tormento do marido... Elpídio não comia, não falava, não dormia. Ia todos os dias ao cemitério, entrava e saía várias vezes da igreja a passos largos, blasfemando aos berros, deixando o padre roxo de medo. E voltava para casa com a mesma cara atormentada de que entrou numa guerra contra Deus. (1995, p. 24)

Os acontecimentos fazem com que ele se encerre num mundo interior de sofrimento e revolta. Quando chegam ao sudoeste e recebem a notícia do assassinato do irmão.

Viu se armar uma carranca de dor e tentou alcançá-lo, mas ele se afastou uns dez passos, e ficou de cabeça dura, olhando o horizonte. Deonísio Possenti caminhou até onde estava Elpídio e disse:
O seu irmão era um grande amigo. Homem de coragem. Não tinha medo dos jagunços. Elpídio Bello não mexeu um só músculo. (1995, p. 57)

Como a situação estava ficando mais tensa na região, ensina Laura, sua mulher, a atirar, ela reluta, mas ele como sempre, vence com a sua teimosia.

O importante era transformar a espingarda num pedaço de seu braço e de sua cabeça. A qualquer hora, tu pegas o dedo e apontas numa direção certa, não é? Devia ser assim com a espingarda, com se fosse o dedo indicador. Depois, era só respirar com calma, profundamente, na certeza, o tiro ia acertar. (1995, p. 200)

3.2 Representação feminina de *Dias do demônio*

A maioria das personagens femininas submetem-se à vontade de seus maridos. Laura esposa de Elpídio Bello, é uma das que, sem rebelar-se, mostra personalidade forte. Vê-se isso quando falece a sua filha:

Preocupada com o sofrimento do marido, Laura adiou para mais tarde o próprio sofrimento e cuidou da casa, da horta, da roça, da criação. [...] Para sobreviverem, Laura precisou se socorrer dos vizinhos. Mesmo com a gravidez no início, tratou de todos os assuntos da casa, plantou verduras, correu pedir favores, implorando que não contassem a Elpídio, que era orgulhoso. (1995, p. 25)

Essa maneira de encarar os fatos de maneira mais realista, aparece de novo quando lhes dão a notícia de que o irmão de Elpídio havia sido assassinado:

Mais uma vez Laura não teve tempo de sofrer. Abraçou a criança, protegendo-a, e preocupou-se com Elpídio. [...] Laura entregou o filho e correu até Elpídio. Abraçando-se a ele e pediu: — Chora! Chora! (1995, p. 57).

O seu gênio forte aparece de novo quando um jagunço e um advogado apareceram para pressionar a família: “Laura vivia temendo aquele momento, se surpreendeu por não sentir nada. Só pensou em apanhar a winchester, colocar o filho por detrás dos sacos de areia e caçar os dois homens na mira da espingarda.” (1995, p. 203) Depois dos homens se retirarem sob a mira dela, o marido diz: “— Tá vendo? Corremos com os patifes. Laura enxugou o rosto, recolheu o filho do meio dos sacos de areia pensou: ao menos desta vez.” (1995, p.204)

Cidália, a esposa do personagem Joanin, é apresentada como mulher ponderada. Quando houve a primeira visita dos jagunços ela, diante da alegria do seu pessoal de que haviam se livrado deles fala “não sei [...] acho bom não fazer tanta festa. E foi enxotando a criançada, que precisava fazer almoço.”

Quando teve um filho homem, praticamente sozinha com o marido e as crianças não perdeu o controle: “Cidália suava, mordida os lábios, mas mesmo assim ia dizendo pra que ele não ficasse nervoso, sossega! Dizia, e foi indicando: apara a criança, apara!” (1995, p. 35) É apresentada como uma mãe zelosa pela educação dos filhos: “Ao longo da viagem (à Argentina), precisaram parar várias vezes para afirmar as cordas, ajeitar uma cadeira que estava escapulindo, em meio aos xingamentos de Nego Berto, e dos ralhos de Cidália: olha as crianças, seu Alberto!” (1995, p. 193)

3.3 – Representação dos hábitos regionais

Aparecem na obra costumes que eram normais na época como “[...] antes que o sono pudesse derrubá-lo naquela cama dura, onde esperava um *ouriçado colchão de palha*.” (1995, p. 231) Pensa o personagem Cantídio Rossi, repórter enviado pelo jornal O Estado do Paraná, num hotel de Pato Branco/PR. O *colchão de palha* simboliza uma época, pois todos

os lares tinham colchões de palha que pela manhã eram agitados para que ficassem bem fofos e por mais que se cuidasse sempre ficavam algumas pontas daí o adjetivo *ouriçado*.

O hábito das pessoas tomar *chimarrão* aparece no texto “no fim da noite, ainda encontrava tempo pra ficar trocando de cuia de chimarrão como o negro e ouvindo aquelas histórias que ele gostava de contar.” (1995, p. 232) Esse costume que ainda hoje se mantém inalterado na região do sudoeste do Paraná. Ele serve de momento de troca de idéias, é a hora dos “causos”, a cuia passa de mão em mão e é uma forma de manter contato entre as pessoas, muitas vezes estreitando laços de amizade. Outro costume que a narrativa registra é cigarro de palha “Miguel recomeçou a trabalhar no cigarro de palha (Quem sabe teria uma chance”. (1995, p. 28). “Quando todos iam dormir, saía pelo escuro, se sentava num toco, ficava alisando demoradamente o cigarro de palha, os olhos abatidos, sofrendo com a saudade e pensando [...]” (1995, p. 233). O ato de enrolar um palheiro exigia concentração e perícia, esses momentos eram propícios para matutar sobre a vida. O autor recriou a época narrando uma cena em que aparece um companheiro do palheiro: *Colocou o palheiro na boca, riscou o isqueiro de pedra*. Esse utensílio acompanhava os fumantes dessas décadas.

Nos momentos de festa a *churrascada* era e é ainda o prato preferido pela maioria da população. Joenin quando quer festejar diz: “era hora de aprontarem uma festa, uma churrascada, e comemorar aquele filho homem pelo qual tanto esperara.” (1995, p. 46) Outro tipo de comida que aparece na obra é *brodo*. “Seu Liseu serviu a comida, uma pratada de brodo com pão.” (1995, p. 47). Comida de origem italiana, uma espécie de sopa de galinha com muitos ingredientes. Outra comida que aparece em um acampamento “Robertinho retirou um pedaço de lingüiça do meio das brasas e limpou-a com o punhal.” (1995, p. 204) Como a lingüiça era mais fácil de conservar, era levada nas viagens, no lugar de carne.

A crendice popular do benzimento para as verrugas é registrada pelo autor do livro:

Uma vez ele benzeu umas verrugas que apareceram no filho mais velho de Maria. Esperou um dia de lua cheia e apareceu com um pedacinho de carne com o qual foi benzendo cada verruga... depois foi embora com o pedaço de carne dizendo que ia jogá-lo num formigueiro. Dias depois, examinou o braço e as pernas do filho: nenhuma verruga. (1995, p. 160)

Esse dado de que em toda comunidade do interior existe alguém que *benze*, que faz chás, dá à obra um colorido especial. É o imaginário popular que sempre permeia as

atividades humanas e que aparece também nas lendas indígenas de *Amor a la tierra*. Crê-se que determinada pessoa, em condições propícias (com a lua aparecendo no céu) consiga fazer sumir *verrugas*. E o interessante que esse *imaginário popular* faz efeito, elas somem.

3. 4 – Desfecho de *Os dias do demônio*

Assim Roberto Gomes inicia o último capítulo de sua obra:

O frio da madrugada ainda lhe ardia nas juntas e o sol era apenas uma vermelha no horizonte, quando Otto Germer descansou a vassoura contra a parede do hotel, bocejou com algum estrondo, enfiou a mão no bolso do avental dele tirou o chaveiro. Escolheu uma chave grande escura a mesma que Armindo Temellin dizia ser a chave do céu. Riu ao lembrar da brincadeira do amigo e girou-a na fechadura sem saber que naquele momento estava abrindo as portas do inferno. (1995, p. 255)

A cena retrata um hoteleiro iniciando as suas atividades corriqueiras. *O frio da madrugada ainda lhe ardia nas juntas*, em poucas palavras se tem uma idéia da estação do ano em que se passa a ação e a idade do personagem. A expressão *Riu ao lembrar*, dá-nos a impressão de que Otto Germer era uma pessoa alegre. Esse parágrafo cria uma expectativa de que as coisas vão se complicar *sem saber que naquele momento estava abrindo as portas do inferno*.

Viu três sombras, *pequenas e tortas*, que avançavam com dificuldades, presas umas às outras. Depois acostumou a vista e franziu a testa, juntando mais os olhos azuis, as sombras cresceram. Eram três crianças e o *vermelho a escorrer do rosto* de umas delas não era reflexo do sol. Era sangue. (1995, p. 255) [grifos nossos]

O ambiente de suspense criado pela expressão “abrindo as portas do inferno”, é alimentado pelo uso de adjetivos e advérbio: sombras, *pequenas e tortas*, que avançavam com *dificuldade* e tem o seu clímax com eram três crianças e o *vermelho a escorrer do rosto* de umas delas não era reflexo do sol. Era *sangue*. O substantivo sangue com toda a carga semântica não deixa dúvidas: alguém havia perpetrado atos de violência contra as crianças. Elas contam ao hoteleiro, que haviam sido espancadas pelos jagunços que queriam saber onde estava escondidos os seus pais e que tinham conseguido fugir pelo mato, num descuido dos bandidos. Esse ato violento desencadeia todas as ações que levam ao desfecho da obra.

As autoridades da região não podiam agir com presteza, pois as companhias tinham apoio do governo do estado do Paraná. Isso fica implícito no desenrolar da narrativa. Otto Gerner narra ao delegado o que ocorrera e ele tenta justificar a sua inoperância ao que Otto diz: “eles têm as costas quentes não é doutor? Depois de tentar justificar-se o delegado diz: não posso fazer muito, minhas mãos estão amarradas.” (1995, p. 258) O mesmo ocorre quando vai falar com o juiz de cidade que diz: “á fiz o que podia, abri inquéritos, chamei gente para depor, mandei prender estes bandidos, tudo isso o senhor acompanhou. Mas o senhor sabe que há gente que não está de acordo comigo, não é?” (1995, p. 259) Mas ao mesmo tempo que não pode agir como gostaria, o juiz incentiva as ações que os colonos iam tomar: “façam o que precisa ser feito, eu darei a cobertura que puder.” (1995, p. 260) Diante dessa situação toda, os colonos organizam-se e a ação tem como filosofia dar um fim neste inferno. “Já tentamos de tudo, agora vamos resolver a nossa maneira: na valentia.” (1995, p. 271) Tomam conta da cidade de Pato Branco, prendem destituem as autoridades, comunicam o governo federal. Em Francisco Beltrão, ocorre quase da mesma forma. Santo Antonio é tomado pelos revoltosos. Os jagunços são retirados, o governo estadual promete regularizar os títulos das terras sem ônus aos agricultores.

A forma onisciente de narrar alguns episódios faz com que o leitor viva os fatos de maneira verossímil. No último episódio quando Elipío Bello volta para casa e encontra-se com sua esposa Laura, as ações físicas de um encontro amoroso são truncadas pelas imagens geradas pelas recordações dos últimos acontecimentos em que participou o personagem. É a sensualidade da cena do casal versus a violência da realidade dura vivida por Elpídio. É a maneira que o autor encontrou para mostrar que os que participaram da revolta ficaram, de alguma forma, marcados por ela.

O romance *Os dias do demônio* começa rompendo fronteiras da vida, Pedrinho Barbeiro é morto no primeiro capítulo, nele vemos a ruptura da fronteira da legalidade, pois os homens que o mataram estavam a mando das companhias de terras amparadas pelo governo estadual.

Os personagens atravessam a fronteira do mal e assim existe a divisão entre os bons (Os colonos) e os maus (jagunços amparados pelo governo do estado do PR). Essa dicotomia atravessa a obra toda. No último capítulo, diante da inoperância do aparelho do estado em defesa dos bons (os colonos) a fronteira da lei, da legalidade é ultrapassada pelos

colonos que tomam cidades, destituem autoridades, desafiam o governo federal, há um mescla de atitudes. Elpídio, um personagem do “bem” torna-se assassino matando Sergipe, como os assassinos de seu irmão. Esse atravessar as fronteiras da legalidade consegue o intento que era derrotar as pretensões das companhias, estabelecendo novas fronteiras da normalidade, conseguida pelo uso da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como idéia, o imaginário torna presente o que é ausente, guiado pelo conhecimento e pela memória; como sonho, é o confinamento sonhador emaranhado em suas imagens; como devaneio, a eliminação de formas na imanência pura e como alucinação uma consciência soterrada. (ISER, 1996 p. 222)

Revelar memórias e imaginários latentes, estudar alguns fluxos e representações referentes à região Sudoeste do Paraná e que transitaram simbolicamente de Santo Antonio a San Antonio e/ou vice-versa foi um dos possíveis caminhos para se tentar descobrir, revelar, percorrer, mergulhar ou simplesmente (re)ver esses espaços que se configuram como fronteiras territoriais.

Nesse sentido, o estudo de *Amor a la tierra* escrito em castelhano, por uma nativa da fronteira, de solo brasileiro, e educada na Argentina, revelou, por traços ficcionais, a maneira como as terras de Santo Antonio e San Antonio foram “conquistadas”. Desse modo, o narrador desvela os sonhos que moviam os homens que se aventuraram na selva inóspita, como a descreve Barrett (1988, p.13)

¡La selva! La milenaria capa de humus, bañada en la transpiración acre de tierra; el monstruo inextricable, inmóvil, hecho de millones de plantas atadas en un solo nudo infinito; la húmeda soledad donde acecha la muerte y donde el horror gotea como en las grutas...¡La selva! La rama serpiente y la elástica zarpa y el devorar silencioso de los insectos invisible...

Do meio da mata nativa era extraída a erva-mate, o que exigia esforços que debilitavam os trabalhadores. A fronteira não impedia que houvesse um ir e vir constante de estrangeiros que a colhiam sem a preocupação de saber em que nação estavam. Uma fronteira viva, nem mata nem os seres humanos respeitavam limites territoriais. A região fronteira, algo fluido, que se reelaborava constantemente.

Amor a la tierra mostra também que a situação da mulher era de impotência e submissão diante das convenções patriarcais, com poucos direitos e um excesso de obrigações. Esses sentimentos são internalizados como bem demonstra a personagem Violeta: “- Nunca me sentí tan desdichada de ser mujer como en estos momentos. ¡Las mujeres

podemos tan poco!” (Diante da frustração de não poder realizar a compra de Los Pinares para evitar que caísse em mãos estranhas, como era desejo de seu falecido pai.)

A autora registra o imaginário fantástico que povoa as noites ao redor do fogo do “barbacuá”. Os personagens míticos mesclam-se na roda dos “causos”. Yasí Yateré, personagem guarani e o lobisomem, do folclore mundial, alimentam a imaginação e abrandam o cansaço da dura luta do homem contra todos os elementos adversos.

Além disso, as marcas de oralidade dos trabalhadores sem muita instrução estão presentes nos diálogos e são destacados por aspas o que revela, talvez, o desconforto da escritora diante dessa variante linguística que rompe a fronteira da norma culta.

De outro modo, o espírito de luta da massa que vive na fronteira ficou registrado por testemunhos orais e na reportagem de *O Cruzeiro* de 12 de outubro de 1957. Colonos pacatos reagem frente às violências praticadas pelos jagunços a mando de poderosos. As companhias de terra, com apoio do governo de Lupion tentaram “vender” as propriedades em que os pequenos produtores viviam. Há o rompimento das fronteiras da legalidade. O método socrático com apenas dois valores falso/verdadeiro, correto/incorreto torna-se obsoleto. O Governo que devia representar a lei, torna-se contraventor de suas próprias regras. Os colonos usam a mesma tática e buscam, na Argentina, um foragido da lei, Pedro Santin, para “fazer justiça”. Esse romper a fronteira do certo/errado é uma constante. Cruzar a fronteira da Argentina serviu de proteção para brasileiros que eram ameaçados de morte por outros brasileiros, sendo, assim, protegidos por “gringos”.

Quase 50 anos depois da revolta dos colonos, o romance *Os dias do demônio*, de Roberto Gomes, surge como a visão literária do período das escaramuças entre colonos e jagunços. Ele traz à luz traços do imaginário que impeliu a saga dos colonos na busca da nova terra e a coragem de enfrentar o aparato estatal em defesa de direitos que julgavam estar sendo usurpados. A região fronteiriça do sudoeste do Paraná estava formando a sua identidade.

Entretanto, vê-se que a luta pela terra continua. O pequeno agricultor está sendo expulso, não por jagunços, mas pela modernização, pelos juros altos, pela falta de uma política econômica coerente que valorize o seu trabalho. As terras tão duramente conquistadas, estão sendo compradas por grandes proprietários, gerando com isso o êxodo

rural e conseqüentemente o “inchaço” das favelas. Muitos colonos, antes orgulhosos de pertencer a uma comunidade, agora vivem à margem da sociedade.

Estamos no linear de uma nova revolta?

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ALMEIDA, Renato. *A Inteligência do Folclore*. 2.ed. Rio de Janeiro. Companhia Editorial América, 1974.

AMBROSETTI, Juan B. *Supersticiones y Leyendas*. Santa Fé (AR): Castellví, 1970.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

ANDRÉ, Rina Landos Martinez. *El testimonio*. Roque Danton y la representación de la catástrofe. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literatura Hispano-americana) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura Popular Brasileira*. São Paulo. Edições Melhoramentos. 1977.

ARRECHEA, Antonia. *Amor a la tierra*. Buenos Aires: Imprenta Lopez, 1953.

AYALA, Marcos, AYALA, Maria, Ignez Novaes. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BAKHTIN, Mikahail M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BARBOSA, Marialva. *Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira*. O Cruzeiro – Ciberlegenda, nº 7, 2002.

BARRETT, Rafael. *Obras completas*. Asunción-Paraguay: RP ediciones, 1988.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Betrand do Brasil, 1993.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOLETIN GEOGRÁFICO DE LA JUNTA DE ESTUDIOS HISTÓRICOS DE MISIONES. Posadas (AR) junio, 1997.

BOSI, Alfredo. *Plural, mas não caótico*. In _____. *Cultura Brasileira. Temas e situações*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

BREARD, Miguel Raúl López. *Mitos Guaranies*. Buenos Aires. Intercontinental Editora. 1972.

BUENO, Bueno. *Mar Paraguayo*. São Paulo: Uluminuras, 1992.

CADERNOS DE PESQUISA RITTER REIS. v.2, nov. 2000. – Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

CARNEIRO, Maria Esperança. *A Revolta Camponesa de Formoso de Trompas*. Goiânia. 1981, p. 6-7. Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura. Convênio CPDA/EIAP/FGV/Fundação FORD.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. Editora UNISINOS, 2003.

CARVALHO JUNIOR, Francisco. *Narrativa Política e Histórica Oral*. In: Dossiê de História Oral. Humanas, Porto Alegre, v.19/20, n.1/1, 1996-1997

CARVALHO, Flávio de. *Uma possível teoria e uma experiência*. Rio de Janeiro: Nau editora, 2001.

CASCUDO, Luis da Camara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. 4ª Ed. São Paulo. Livraria Martins Editora S.A.

CERTEAU, Michel, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 . morar , cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- COBO, Rosa. *Multiculturalismo, democracia, partaria y participación y política*. Madrid: Política y sociedad, nº 32, 1999.
- COLUCCIO, Félix. *Diccionario Folclórico Argentino*. 2.ed. Librería del Ateneo. Buenos Aires. 1950.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Narrativa e história oral*. In Dossiê de História Oral. Humanas, Porto Alegre, v19/20, 1996-1997.
- DAMBROS, Vanderlei *et al.* *1957-1997 A revolta dos colonos*. Francisco Beltrão (PR): Grafit, 1997.
- DE MARCO, Valéria. *A perdas das ilusões: o romance histórico de José de Alencar*. Campinas,SP: UNICAMP,1993.
- DEFINA, Gilberto. *Teoria e prática de análise literária: síntese de princípios de análise literária aplicados ao romance Grandes Sertões: Vereda, de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1985.
- DRUMOND, Josina Nunes. *Fronteiras movediças: o hibridismo em Grandes Sertões Veredas*. In: Hispanista, n. 16. Disponível em:<http://www.hispanista.com.br/revista/artigo139esp.htm> Visitado em fevereiro de 2004.
- DURANT, Gilberto. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- ECKERT, Cornelia; CARVALHO DA ROCHA, Ana, Luiza. *Horizontes Antropológicos: cultura oral e narrativas*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. São Paulo. Cosmo e História. 1991.
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória. A problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Editora Univeersitária, 1998.
- _____. *Uso de Memórias*. Passo Fundo. UPF Editora. 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. 7.ed. Rio de Janeiro. Edições Graal Ltda. 1985.
- FRANCO, Jean. *História de la literatura hispanoamericana*. Barcelona: Ariel, 1983.
- CANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Saão Paulo: Ática, 1995.

- GOMES, Iria Zanoni. *1957 a revolta dos posseiros*. 2.ed.Curitiba: Criar Edições, 1986.
- GOMES, Roberto. *Os dias do demônio*. São Carlos (SP): Mercado Aberto, 1995.
- GOMEZ, Alcides Antonio. *La misión*. San Ignáceo – Misiones -AR
- GUIMARÃES, César. *Imagens da Memória: entre e o legível e o visível*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- HARTMANN, Luciana. Oralidade, Corpo e memória entre contadores e contadores de causos gaúchos.In: ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da .(Org.). *Horizontes antropológicos: cultura oral e narrativas*.Porto Alegre: UFRGS, n.12,dez. 1999, p.267-277.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ISER, A. Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectiva de uma antropologia literária*; tradução de Johanes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1996.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 6.ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- LAZIER, Hermógenes. *Análise histórica da posse da terra no sudoeste paranaense*. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1986.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- _____; NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*, 3.ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, .1991.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 2000.
- LINS, Osman. *Lima Barreto eo espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- Lima.Berkeley. *Ler*. semestre de 1998.
- LUDMER, Josefina. *El género gauchesco: un tratado sobre la patria*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988.
- MACCIOCCHI, Maria Antonieta. *A favor de Gramsci*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- MÄDER, Othon – *Discursos no Senado*, s.n.t p.32, (In LAZIER, Hermógenes. Análise histórica da posse da terra no Sudoeste do Paraná. Curitiba: SECE/BOO,1986.

- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MARCO, Valéria de. *Ilusões perdidas: o romance histórico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- MARI, Marilce. *No silêncio de fronteira*. Santo Antonio do Sudoeste: RIAGRAF, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meio às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MATTOS, Carlos de Meira. *Brasil, geopolítica e destino*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1975.
- MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola. 2000.
- MENTON, Seymour. *Novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MOCELLIN, Renato. *Coluna de prestes: a grande marcha*. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.
- MONTENEGRO, Antonio, Torres. *História oral e memória. A cultura popular revistada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MORAIS, Fernando. *Chatô o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NUNES, Benedito. *O drama linguagem: uma leitura da Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.
- O CRUZEIRO*, Rio de Janeiro, 1957, 12 de outubro de 1957.
- OHMAE, Kenichi. *Além das fronteiras nacionais as empresas do século XXI: o Japão e o mundo*. São Paulo: Arteciência, 1988.
- ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1959.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- PASTEKNIK, Elsa Leonor. *Del corazón del Mercosur: cuentos de mito, de magia, de misterio*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1995.

- PIGLIA, Ricardo. *Memória y tradición*. Anais do 2º Congresso ABRALIC- Literatura e Memória Cultural. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991 – Vol.I
- PIRES, Francisco Murari. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, 1999.
- POLAR, Antonio Cornejo. *O Condor Voa: Literatura e Cultura Latino-Americanas*. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2000.
- _____. *Meztizaje y Hibridez: Los Riesgos de las Metáforas*. Apuntes. Revista de Crítica Literária Latinoamericana. n.47.
- QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- QUIROGA, Horacio. *Anaconda*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- _____. *Cuentos de amor de loucura y de muerte*. México: interamericana, 1999.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RAMA, Angel. *Transculturación Narrativa em América Latina*. México. Siglo Veintiuno Editores, 1985.
- RAVETTI, Graciela; ROJO, Sara. *Antologia Bilíngüe da Dramaturgia de Mulheres Latino-Americanas*. São Paulo: Armazém de Idéias, 1996.
- REGO, M. L. *Terra de Violência: estudo sobre a luta pela terra no Sudoeste do Paraná*. São Paulo, 1979. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- RICHARD, Nelly. *Residuos y Metáforas (ensayos de crítica cultural sobre el Chile de la Transición)*. Santiago: Editorial Cuarto Próprio, 1998.
- RIVERA, José Eustasio. *La vorágine*. Havana/Cuba: Arte e Literatura, 1969.
- ROMERO, J.L. *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. Cidade do México: Siglo XX, 1976.
- ROSENFELD, Anatol. *Prismas do teatro*. São Paulo: Mercado Aberto, 2000.
- SAN'ANNA, Affonso de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SELDER, Raman, WIDDOWSON, Peter, BROKER, Peter. *La teoría literaria contemporánea*. Barcelona: ARIEL, 2001

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2000.

SOUZA, Márcio. *Galvez imperador do Acre*. 5.ed. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.

STROHAECKER, Tânia Marques et al. (Org.). *Fronteira e espaço global*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção de Porto Alegre. 1988.

TEDESCO, João Carlos. *Usos da memória*. Passo Fundo: UPF, 2002.

WACHOWICZ, Ruy C.Paraná. *Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

WEIGEL, Sigrid. *Cuerpo, imagen y espacio en Walter Benjamin – una relectura*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz – A “Literatura” Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Huatec/Educ, 1997.

_____. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

TESTEMUNHO ORAL DA REVOLTA

Depoimentos transcritos sobre a Revolta dos Colonos – 1957

Os depoimentos foram tomados no ano de **1996**, pelas professoras **Alvaci de Andrade** e **Sirlei Bernardi** que estavam pesquisando sobre o tema. Entrevistaram uma série de pioneiros sobre os primeiros tempos de nosso município. Aproveitei das gravações feitas em vídeo, somente a parte que fala de revolução dos colonos no Ano de 1957. São pessoas que conheci e tenho muito carinho por elas. **João Cordeiro** está vivo e é tio de minha esposa. **Adão Vasconcelas Vargas** era amigo de meu pai e faleceu a uns dois anos. **Adalberto Iser** foi presidente da APM do colégio onde eu fui vice-diretor e diretor. Ele faleceu em 2003. **Dr. Francisco L. Lanzarini** vive em Santo Antonio do Sudoeste e **Valdemar Ortega** morador de San Antonio, falecido em 2004.

O que eu noto nos seus depoimentos é a satisfação de ser entrevistados, de serem lembrados para relatar algo que viveram. Muitos lembram com muitos detalhes outros nem tanto, mas quando recebem pequenas pistas... por exemplo: o que o sr. lembra da... as lembranças começam fluir. Notei que há interesse em tentar reviver as coisas que passaram, tentam mostrar que participaram dos fatos e que houve medo, dúvidas, sangue...e isso tudo merece registro.

Depoimento de João Cordeiro, morador de Santo Antonio do Sudoeste, trabalhava como taxista e sua esposa nos Correios

Nasceu em 08 de setembro de 1927. Filho de um dos primeiros moradores da SAS. Seus pais chegaram na cidade em 1922.

(Pessoa muito calma, daquelas que no interior de diz “ordeira” ou seja, pessoa muito pacata, não dada a bebedeiras e desordens.)

E. O Sr. se lembra do dia tomada da cidade ?

No dia da tomada de SAS, quando nós vimos já estava cheio de gente por aí. Nós tinha uma junta de bois e tivemos que guarda com medo de que alguém vinha ali né pra leva carniá, mas não (pausa) quando foi lá pelas oito i meio, nove horas da noite já avançaram na delegacia, tomaram a delegacia i tomaram, ficaram de dono aí da.. da delegacia, tomaram do delegado tudo que tinha lá , ficaram mandando né. Nomearam, fizeram um comissão né, e

nomearam um delegado lá (pausa) até esse delegado ficou uma porção de tempo, seu Adãozinho.

Entrev.O Sr. lembra quem fazia parte dessa comissão ?

J – Seu Adãozinho sei que era um né...até...não...É seu Augusto Pereira ...oooo seu Marcón, seu Adalberto Iser... uma turminha ai... que estava mais ou menos...

E – Fizeram uma comissão para tomar conta da delegacia e da prefeitura?

J - Naquela época...(pensa) é é'... a prefeitura não se intermeteu, ficou neutra né ...

E – e o que fizeram com o delegado? (repete a pergunta, pois o Seo João não ouviu bem)

J – O delegado só tomou conta iii...tiraram aquele que era delegado e ficou aquele que foi nomeado por eles né ..daí.. eles fizeram um ofício comunicando lá pra fora o acontecido né... e daí parece que queeee de lá concordaram que era um cara bom, daí ficou aquele e o outro ficou fora né...

E - O que o Sr. ouviu falar a respeito de Pedro Santin que dizem que muito ajudou na revolta ?

J – Pedro Santin era um cara de muita coragem, ele tinha uns poblemas por ali né... i ele tava , paresque ... acampado lá por Capanema, por lá né...e... naquela época ele tava lá em Capanema, é... Achquetinha uma chácara por lá... não sei se ele tava junto como os jagunços o coisa assim , não to lembrado... do caso do Pedro Santin.

E - E o Dr. Abes da Cruz ?

J- Ah, o dotor abis da cruz era o advogado da firme, né...da CITLA, esse tinha o escritório enfrente a minha casa. Ele que tinha o ...os ..os seus ... esse pessoal de CITLHA tudo tratavam com ele né...ele que...ele que definia pra cá tudo (tosse) mais... aí sei que a ..(pensa) os ..os ..revortoso aí... invadiram... aí ele correu né... se escapo.

E – E que fizeram com a casa dele?

J – Aí eles... aiii.... casa deles...eles pegaram entram lá iii... tomaram conta do que tinha lá ii...verificaram a documentação aquelas coisas assim né..., mas também logo depois já veio um...veio um ... (pausa busca uma palavra)... um batalhão de... de fora né...ah calmá né

um contingente (fica aliviado por encontrar a palavra que queria) aí se acampo o contingente aí e ficou um temporada... ata calma...

E – E as famílias da cidade... foram para onde ?

J - Algum fico aqui mesmo, otros, otros se retiram algum que tinha... algumaaa...terra por alí já tinha se retirado por caso dos jagunço ..né então eles estavam com muito medo dos jagunço ..então dexavam plantaço, dexavam gado, dexavam porco, dexavam tudo i iam embora sem ...sem distino ..os coitado lá pra donde vieram pro Rio Grande né, Sta. Catarina.. ah i tinha... o vinte quatro uma porção de... de... moradores que era ali que abandonaram as chacras , chacras boas chacras de vinte, vinte e cinco , trinta alquere. Garpão cheio de milho dexavam tudo . abandonavam e iam embora de volta.. ficavam amedrontados, amedrontados mesmo. Maiiiss... logo terminó aquilo ali ... quando hove a revolta já calmo tudo.

E – Quem eram os jagunços..?

J – óia os jagunços..tinhaa.. uma infinidade de jagunço que a gente até nem conhecia...que tinham vindo de fora... a gente ..eu achque mandavam já pegavam no norte do norte do Brasil e traziam aqui como jagunço. Eee daqui tinha um ...aí que não recordo o “Crespo”

E – O Sr. lembra do nome dele ?

j- Hummmm , não me recordo o nome dele ... não me recordo... chamava pra ele “Crespo”, esse era jagunço. (pensa um pouco olhando o nada)... E depois...apareceu mais uns por ali que a gente também nãooo... o seo Batista apareceu naquela época...ali.. na época que deram aquele tiroteo naquela camioneta né ... ele tava ali né na comionete...ahhh

E- O que os sr lembra do tiroteio no quilômetro 16 ? (repete a perg.)

J – Eu lembro que oele...é a única condução que tinha..pra que tava transitando pra lá i.. pra Capanema, Pérola do Oeste era aquela camionete ..da firma ali da...CITLA né...e tinha um.. eles tinham vindo aqui em AS e veio uns colono...ali de Pérola do Oeste, veio um cara do comércio vieram junto .. o seo Schuste que foi morto depois na ...camionete... pegaram uma carona pra cá...pra fazer umas compras por aí... e na volta...eles sabiam que estavam esperando a comionete...(altera a voz..fica mais animado) e na volta tomaram aquele tiroteo lá na .. aí no dezesseis... e aí então se esparramaram algum... que ficaram vivo ...foram

pó mato.. seo Batista foi um dos que pegô o rumo da Argentina. Sumiu pra lá i o .. os outros...quase todos foram mortos.

E – E não havia uma mulher nessa camioneta “Seo João” ?

J – Parece que tinha mulher...mas não.. mulher parece que não morreu nenhuma..né..(pensa) morreu bastante ... seo Schuste...fou um dos que morreu..mais uma infinidade, mas que a gente nem conhecia..né...

E- A Argentina deu apoio pros colonos ?

J - Eles não se interverão no assunto.

E – Mas eles recebíamos brasileiros que iam pra lá refugiados..

J – Sim ele atendiam né...mas não iam quase ninguém pra lá...quase não foi ninguém pra lá. Todo mundo ficou güentó por aqui mesmo, porque tinha de corrê corria voltava lá pra donde eles morava lá no Rio Grande, pra Sta. Catarina...mais pra Argentina quase não iam né.

E – A religião, o padre apoiou a revolta ? Tomou algum lado ?

J – Naquela época não tinha padre aqui, o padre sempre vinha a cada trinta dias, sessenta dias, ele tava por aí né mais..era ..não tinha...

E- quando termina a revolta.. os colonos fizeram algum acordo..com o contingente, com o governo, pra se acalmarem ?

J – Ah sim não assim que que entro o contingente aí..já eles concordaram com ..já o pessoal da polícia já vieram com ordem governo uns...foram em cima dos dos dos jagunço né ... terminaram com aquela ...aquela guerra...aquela coisa que tinha...então daí calmo tudo...

DEPOIMENTO DE ADÃO DE VASCONCELOS VARGAS

Entrevistamos o Sr Adão V.Vargas que foi um dos líderes da revolta de 1957. Nascido em 27 de março de 1919. Agrimensor, funcionário público, taxista. Exerceu a função de delegado de polícia nomeado pelos colonos da revolta. Homem de estatura baixa,

atarracado, usava bigodes fartos, sempre bem apumados. Pessoa que apesar de sua baixa estatura, impunha respeito, daquelas que não “leva desaforos pra casa”. De conversa muito amena, mas de caráter forte.

E- Soubemos que o Sr. Era um dos líderes da revolta dos colonos...

Primeiro de tudo não fui líder de nada...(ENFÁTICO)... A – Não fui líder de nada (mais calmo) eu era funcionário da prefeitura naquela época...(pigarro) tinha vindo dexado de meu serviço no estado..e trabalhar na prefeitura i tava acompanhando todo aquele reboição aqui , de briga e diziam...hoje dizem segurança, mas naquele tempo nós dizia direto jagunço né... era os jagunço que muito prevalecido tomava as casa dos colono muitos fizeram serviços errado estupravam moças, famílias no interior... e foi aí que veio provocando a ira dos colono aí... que aconteceu a revorta agrária.. por que mesmo o colono fazia uma morada bonita, boa m muitas vezes com o consentimento do guarda-florestal ...e depois quando eles queriam tirar os colono pra vende era um preço muito caro... e pra compra o do colono, aquilo que ele tinha feito era um preço mínimo que não pagava nem o serviço dele e ali foram se desintendendo até que ocorreu a revolta.

E- então porque houve a revolta, “Seo adão”?

O início foi por isso que falei...(pigarro) mais.. havias..aqueles incidentes que se atacavam.. no dia 5 de outubro se não engano.. eles mataram...os colonos mataram um ou dois dos guarda-costa da CITLA e da Apucarana , que a Apucarana era outra firma que se alio a CITLA..e esses acampavam mais no Lageado Grande, lá pelo Lageado ‘grande mataram dois home deles e aí que ficou pior.. aí veio gente. Naquele tempo eu tinha assumido a delegacia.. porque o titular viajo pra Curitiba...(pensa)...i ele foi na delegacia.. i queria que eu cedesse a polícia pra desarmar todos os colono. Eu não concordei...que era errado comé que eu ia dá a ordem pra um civil que não era nada, sabendo do jeito que eles tavam procedendo e daí entregar a polícia pra eles manobra e desarma os colonos...não consenti. E aí eles passaram a persegui eu tb né, fui mais um a sê perseguido por eles... e daí uns quatro ou cinco dias.. foi que mataram o ... esse asseclas deles.. capangas deles... (pigarro) aí ferveu mais... e depois ...no di a14 de ...otubro ... de 57..atacaram a camioneta... se movimenta ...já passei alguma coisa..

.E– foi no mês de setembro “Seo Adão”... que houve a emboscada do Km 16.

O que o Sr. sabe a respeito?

A – É... aquilo do km 16 ..cada vez que eles precisava que .. aquele povo que estava estacionado em Pérola i na Planchita i parava no hotel da Planchita que era o hotel do Rigón , a jagunçada tudo como nós dizia.. eles sempre pegava alguns particular ,até colonos eles pegavam , ofereciam carona pra trazer a Sto.Antonio para ele se sentirem mais garantido durante a viagem, assim como aquela vez que eles foram atacados ali eles traziam um irmão desse schuster aí trazia o tal de ... (lembrando-se) era Vargas o sobrenome dele, mas tratavam “Tabuinha” Antonio Tabuinha, Antonio Vargas, que tratavam Tabuinha, que morreu, sem saber porque morreu , foi pegar uma carona junto com eles. I quando ... i tinha a turma esperando ele então dias(enfatiza) inteiros , encomendaram do Rio Grande um homem que atirava muito bem..porque eles precisavam atirá a camionete né, ou o motorista camionete né ... aí encomendaram um tal de Sebastião Belo, que dizque atirava muito bem. Hoje ainda ele mora por aí, (rindo) eu falá ele vai ficar escutando, mas não faz mal é verdade..(RI) ‘verdade...

Ele vem a Adão Maia que morava no 24 , Adão Maia tb foi meio perseguido por eles, a turma da companhia...e dizem que o Adão Maia que parô uns 500 m pra de onde estava espera pra avisá eles...(pigarro) e quando eles passaram de camionete, que ele conhecia..ele... era pra ele dá um tiro se ele desse mais de um tiro era outra condução.. então ele deu um tiro e aviso, eles já sabiam que era eles que iam passá , e eles estavam esperando no km 16 ...

E – O Adão Maia estava trepado na árvore, “Seo Adão”, para dar o tiro ?

A – Estava , talvez dentro do mato a beira da estrada..né... mas escondido que eles que não viram. Aí disque um deles , da comionete diz “vamo pará, vamo vortá” – Os otros disseram assim - “agora já passemos o perigo, vamo imbora”. E quando disseram assim . fizeram a curva do 16 e recém foram uma saraivada de bala né... i a comioneta desgovernô, i ali era puro toco,pego um toco no eixo da frente da comionete que foi fica junto com aquele de trás.I a camionete pego a isquerda e foi enconstá na madeira que eles estavam intrincherado. Aí eles ficaram um metro i poço deles, aí sim que choveu bala e mataram eles e ficou uma mulher e mais um ou dois por baixo dos morto e os morto que eles não viram , escaparam aqueles .Um tal de Machado, uma e paresque tinha outro. Esse não sofreram nada, né, eles que contavam depois .

E – Seo Adão quantos dias os colonos ficaram ali, entrincheirados?

Ah , eles não ficaram muito, ficaram um dia, dois quando muito .

E- Esse incidente ocorreu a que horas mais ou menos ?

(pensa) Podia lembrar agora... mas foi de manhã, acho que por perto do meio dia, por ali,não tenho muita certeza...

E- Seo Adão fizeram o que com os corpos daí ?

Aí recolheram os corpos..levaram pra Pérola, quem sabem no dia seguinte levaram pra velá na Pranchita, no dia seguinte foram sepultados todos aqui. Passou aqueles cinco caxão morreu cinco .Sepultaram aí todos.

E - Esse incidente ocorreu no mês de setembro e a tomada do município foi mais ou menos no mês de outubro. O que o Sr. lembra da tomada do município ?

A tomado do município foi no dia 14 de outubro(pigarro). O povo se reuniu em todas aslinhas como se diz hoje..né linha ... Escondido, Linha da Tarumã. Linha da Valdomera ... se reuniram pra chegarem todos a mesma hora em AS à noite, i nós subemos só do povo da Valdomera nós sabia que vinham vindo que tavam perto , gente que aviso i à tardinha foi ma minha casa o Dr Lisinio Barbosa. Que era um delegado especial de Curitiba, ate'esses dias ele esteve aqui em acasa...isso faz uns seis meses..veio me visita..i foi ele lá em casa, foi o juiz ,foi o promotor, acho que tinha uma terceira pessoa.. dois investigador..pra mim com ele pra ataca pra ele pra combiná pra eles não virem toma a cidade (pigarro) . Eu disse; - Mas eu não tenho nada que vê com isso , eu não sou o chefe de nada.

Mas nós sobemos que tem muita amizade com o povo do interior, que o Sr indo eles vão ouvir o Senhor.

Então se é por isso eu posso i...Aí fomos . Fui no Auto junto com eles.Chevrolet veio , 27.Se fomo. Pra lá da ponte , uns duzentos metros..que existia naquele tempo uma picado i estrada boa, mas era uma picada de mato, ali nós fomos cercados.quando vi fomos cercados por armas de fogo, i gente – I pare i pare. I Paramos . Paramos , falei com eles , desci do auto , pedi pra deixarem a luz acesa pra eles me reconhece, era de noite escura, que eu queria fala com eles.Aí eu pedi que o chefe se apresentasse, que eu queria fala com ele. Aí eles me responderam, que não tinha chefe, que todos eram chefe. Aí eu pedi que o delegado queria lê um radiograma que tinha vindo do governador e outro do chefe de polícia . dizendo

pros colonos que eles tinham tomado as providência e que as firmas iam ser transferidas... daqui , que iam tirar todos os jagunços daí que eles iam ficar descansados.. que eles deixassem de... aí eu disse pro se eles deixavam o homem lê a ... aí eles disseram que podiam decê. Aí o homem desceu, não lembro qualé que que leu , sei que desceu um e leu o radiograma. Tudo combinado. Mas o sargento Pernambuco estava por ali que nós não tinha visto. Aí quando nós quisemo saí pra cá pro carro fazê a volta... então ele disse – Mas eles estão pedindo pra i até a cidade porque tem gente De longe (pigarro) que não pode i pra casa. Aí falô com eles que viessem, mas que se portassem que não era pra fazerem nada. Eles prometeram. Pernambuco, pois eles em forma , tipo militar e troxe, foi aí que nós vimo que devia te uns duzentos home mais ou menos, que nós paremo pra cá da ponte e eles passaram tudo. Mas quando chegaram aí...mas daqueles chegarem ali, tinha uns otros que chegaram de fora e tomaram a delegacia mesmo, aqueles lá no sabiam que iam tomar a delegacia... e foi aquele tiroteio, coisa horrível, de levanta fumaça eu carculo que deram mais de quinhentos a tiro i aí a gente ficô assustado carculava que tinha morrido muita gente (pausa) aí eu disse pra Isabel, que é minha senhora, que ia descê na delegacia pra ver o que tinha acontecido alguma coisa e quem sabe se tinha alguma pessoa ferida e se salva né aí ainda quando eu descí aí perto do açougue do Cassemiro, um pouquinho pra cá ainda passava bala zunindo por cima, mas eu fui até lá (pausa) era só grito de gente, e sai pra fora, e sai e morre e morre o Airone Rosseti , que era um compadre e que morava enfrente de minha casa era o mais alterado. Aquele que davas as ordens... e sai pra fora ...que vocês vão morrer tudo e não sei o que . Aí eu disse o que é isso Airone, por que querer matar os outros ele disse – Ah.. (não sei o que) ...Eu disse – calma que eu vô falar com eles. Aí ele parô mas estava cercado de gente , a delegacia aquela delegacia era furada de bala ..e aquele mundo de gente ali tudo falando aí eu enfrentei a delegacia e falei que se tinha alguém ali que aparecesse que eu queria falá com ele. (pausa como que pra criar clima) aí eu cheguei se apresentô o tenente Pio , que por sinal era uma boa pessoa, chorando..que tava com dois soldados feridos na casinha na caixa d'água, na casinha da caixa d'água era atrás do presídio. Quando eu estava na frente do Vendelino (uma bodega da época) veio filho do sargento Pernambuco que era militar e disse: - Seo Adão tem um hoje ferido , ali, na ..dentro do chiqueiro de porcos do Vendelino, o chiqueiro de porcos estava onde está hoje o mercado do Vendelino (pausa) ..mas quem é...- É o dotor Licino , Daí eu fui lá. O home tinha tido tiro horrível no omoplata que queimou a camisa uma roda de uns

vinte centímetros mais ou menos na parte da camisa dele... tinha atirado ele na frente da delegacia ...

E- Ele era delegado? “Seo Adão”

A-Ele era delegado especial que veio de Curitiba justamante por causa desse fato né..., de acalma esse movimento, mas ele não sei se ele se afobô ali por que nós tinha combinado com o pessoal de Valdomera pra não tomarem a cidade... mas ele nem ninguém de nós sabia vinha um pessoal do outro lado então ele entendeu que era dos mesmos, os que nós tinha falado ...

E – Esse pessoal era do Verde, do Marcianópolis...

A – Era .. era desse gente... desse lado... desse lado.. “ aí disse se comprometeram comigo de não toma a cidade e agora fizeram esse serviço.. e um respondeu lá e ele caiu na asneira de dizê pros dois ..pros dois detetive que abrissem fogo contra o povo (ri) foi o pior erro que ele fez...talvez por estar em estado de nervos... quando ele quis atira a winchester ahhh..metralhadora ..parezque saiu um tiro i engasgo e a bala pego num rapaiz assim costeando a cara do rapaiz.. e eles derrubaram ele ali e tomaram o pala ..estava de pala e um revólver trinta e oito cabo branco tomaram a metralhadora..um chegô e encosto a espingarda no corpo dele deitado ele estava caído no chão e aperto fogo. Ele passo por dentro da delegacia pulô o muro e foi fica dentro do chiqueiro de porco ... ao fui lá ..tire ele de lá troxemos ,leve ele na delegacia ..de lá manda pra fora aqui não tinha quem atendesse ele. Mande apor ele num carro mandê levar pro Barracão.. aí quando chego na saída , ali perto Seo finado Gino Cordero, o pessoal ataco, não dejô ele passá..aí disseram que era eu que tinha mandado levar, aí disseram que só dexavam passar se fosse com ordem por escrita minha... troxeram o homem de volta...então eu disse se á nisso então eu assim ao ordem pronto aí dei ordem por escrito pra levarem ele pra Barracão , procurá recurso.. Eles dexaram passá aí veio um avião buská ele (pausa)em Barracão..

E – Ele saiu escoltado pela polícia?

A – não saiu escoltado...

E – O que fizeram com os presos?

A – Os presos ficaram como estavam na cadeia, ninguém mexeu com eles.

E – E a delegacia ficou em suas mãos...

A- Eu já tinha sido exonerado , um dia ante, por que o finado Abes, não se puxava muito bem ele prendeu uns homens , porque os homens tinham o chumbo mas arma, os mesmos que tinham matado aqueles homes do Lajeado Grande. Então ele prendeu os homes, mandou prende treis homes e mandô pra delegacia pra mim botá na cadeia e eu disse: - isso não justifica nada o sr não tem prisão preventiva não tem nada. E não aceitei os homes e mandei embora dali mesmo. Aí o Abes desceu lá bem... valente. Encontrei ele na esquina e ele - Como é que eu mandei uns homes pra você botá eles na cadeia e você não botô? “- Eu disse pois óia seo , o delegado sou eu, quando o sr quisé manda na cadeia, na delegacia o Sr. Assuma e aí fiquemo (pausa) de mal um com o outro. Ele foi prum lado i eu fui pro outro, mas os homes eu soltei.

E – “Seo Adão”, fizeram o que com os soldados da delegacia na hora que tomaram a delegacia?

Ficaram tudo por ali.

E- Ouvi uma conversa de que eles saíram pelo tubo de esgoto, será verdade isso ?

Na hora do barulho né , , uns entró no de cano ali da ... dizque, eu não vi. Deizque tinha um cano ali um buero que eles entraram ali , um empurrando (ri) o outro e saíram do outro lado (ri).

E- Tinha quantos policcias mais ou menos?

Era quatro ou cinco era pouca gente...

E – O que o ser sabe da atuação do Abes da Cruz no movimento ?

A – O Abis da Cruz era o ... adevogado da firma CITLA né... i o que tinha escritório da companhia aí em AS, tudo era feito ali, mas a casa dele foi depredada pelos colonos. Jogaram livros. Tudo que ele tinha dentro do poço inclusive tinha um fogão a lenha que tinham dado de presente pro delegado eles quebraram tudo. Quebraram miudinho o fogão a lenha. . E... o Abis desapareceu ninguém sabia pra onde ele foi .

E –Havia muitos documentos lá dentro de algum colono que tinha assinado alguma coisa ?

A - Não sei eu não entrei na casa dele, não entrei lá na casa nem fui lá ...

E – “Seo Adão” e a atuação do Flávio Cini no movimento?

A – Dr. Flávio Cini foi um caso importante, ele ..ele atendia os doentes na Pranchita e dizia que atendia se os caras fossem a favor da companhia né então o cara precisando , era só um médico que existia ...dizia que tava a favor né ... então ninguém gostava dele por causa disso .. ninguém gostava dele por causa disso... que quando houve a revolta prenderam ele, prenderam e o padre da Pranchita..

E – Quem prendeu eles ? Os colonos ?

A – Prenderam ele e deixaram sentado na frente do hotel do Rigón na Pranchita e o padre. E aí vieram me avisá aí que ... o povo tinha me nomeado de madrugada. E Eu fui nomeado delegado à uma hora da madrugada .pelo chefe de polícia e o governador, mas eu passava radiograma pra eles tudo mas, não assinava mas eu não punha delegado não, porque eu não tinha recebido o título ainda...o governador era o Lupião e o chefe de polícia era o Pinheiro Junior ..como eu não tinha recebido o título de delegado eu não assinava delegado, e eles reclamaram. - Eu não recebi nomeação nenhuma como vou assinar delegado. Aí me mandaram o título.. eu digo, - agora eu assino – por ue tava documentado (pigarro) .. onde que eu tava ...ahhh... eu cheguei lá o Dr. Cini estava sentado numa pedra , fiquei com dó dele porque tinha atendido e um filho meu , salvo meu filho e mesmo eu não tinha nada contra ele né ... i ... aí fui eu e o Gaspar de Sá. Finado Gaspar de Sá , o que tinha cartório do Cível aí ... e o padre tava junto troxemos junto e eu disso pro padre. Mais por que que lê prenderam ? Dizque o Sr chamou eles de comunista ? Ele disse – De comunista diretamente eu não chamei , mas indiretamente eu chamei por que disse que lá no meu país os comunistas que faziam essas revoltas e ele se sentiram comunistas... Então o Sr ofendeu eles. As eu vou lê leva e lê dejá na canônica lá em AS , o Sr se ajeite com o outro padre. Troxe o dexé ali.. E aí eu disse pro Gaspar de Sá, se nós dexamos o Cini , eu sabia eu eles tinham muita raiva dele, se nós levá ele na delegacia , um dá um pontapé , uma facada , e quem sabe se alguém dé um tiro mata o home lá ..quenhé que troxe o home, eu o Sr levamo o home pra mata ..não vamo dejá na minha casa.. Aí ele concordo, que era o Cini, e o Gaspar também concordô ...dexé ele lá na minha casa...naquele tempo eu morava ao lado a igreja... (pensa) ah ..de fato , quando chegemo lá - cadê o Cini ? cadê o Cini ? Esperavam que eu tinha preso, eu disse que estava preso na Pranchita..quando ia na Pranchita ... eu dizia está preso em AS, mas foi num ponto que ninguem me acredito mais (ri) perdi o crédito ..

- Não, o Sr tem que nos da conta do...

- Dô conta sim..ta lá na minha casa, mas ta preso..vocês queriam eu prendesse. Tá preso..eu não trouxe aqui pur isso isso isso ... digo vos me nomearam delegado , mas garantiram que não prendiam ninguém não faziam mal pra ninguém , não feriam ninguém e agora tão querendo fazer tudo qué locura ..i tinha uma comissão de vinte sete homes da colônia do comércio, da indústria que me nomearam aí né. Eles aí .. depois que encaminharam a nomeação inclusive o Dr ..Edu Potiguara buglidts que deu uma mão muito pros colonos .. mas aí eu disse querem vê ele pode i, mas cada duas horas queriam vê ele , eles tinham medo queu sortasse ele..aí ei disse pode i lancasa , mas agora lancasa ninguém entra armado pra vê ele, chegam lá , vão sem arma eu dexo vê.. e eles iam i aí resorverom sitia.. sitiá a minha quadra (ri) cada lado puserom seis homes .. e agente vai ficando nervoso, a Isabel foi ficando nervosa, eu tinha só dois piá naquele tempo ...acho quéra... (é interrompido pela mulher que diz que eram cinco filhos..) e diz : cinco ? Em tom de brincadeira lhe diz - então três era teu, o resto não me lembro ... e aí ...a mulher fica brava...ele diz – isso é pra eles rirem quando escutarem .. Corcondando diz : É cinco crianças.. e aí ...falhô a memória >

E- Fale mais do Dr Cini que estava na casa...

A- Quando foi numa madrugada, chovia muito .. a luz..tinha uma luz aí mas a ... mas quando esse advogado , esse delegado passo ali ..ele disse . Seo Adão.. paro o Jeep Seo Adão, parece que essa noite vamos dormi bem está tudo em paz e o delegado estava na nossa frente , mas tava preso pelos colonos e não o disse nada .. diz ele que não disse nada porque não dexarom ele fala , era o compadre Orlando, mas como vamos dormi descansado , se sou o delegado e estou preso, mas porque o ser n|ao falõ pro outro delegado .. eles não me dexarom fala eu disse aí eles aí eles vinha ver o Cini .. quando fou uma noite , ess meu compadre , meu amigo, visinho de porta, chega na minhacasa ..bateu lá .. nem me lembro que hora era , devia sê uma hora , ou dias da madrugada .. ele bateu na porta , eu estava deitado de bota atravessado em cima da cama ..eu passava a noite caminhando paralá e pra cá e chovendo como estava ... ele... baateu, fui receber..- opa compadre entra...abri a porta ele disse – não vô entra ..entro e disse: - olha , que dê o Cini ‘

-Está dormindo.

-Acorda ele , que eu vo leva, nós vamos lincha ele na frente de tua casa.

-Digo , já vô pidi, t~tu tá loco-Não tem catorze homes aí nafrente que vieram pra lincha ele aí...

-Mas não pode vocês prometeram de não faze nada ..de coisa errada e querem fazê ...

- É mais vamo fazê ..Eu disse – olha ..eu pra Dona Carmen, a sra.dele e pras irmãs da Planchita quando elas me pedirom que garante a vida dele ..eu disse pra elas que garantia a vida dele com a vinha e que a hora que eu morresse(rindo) ele podia morrer também .. aí tava livre do compromisso.. e agora vocês querem pra mata .. eu tava com uma winchester encostada assim na porta , revólver na cinta..e ele disse – olhje os homes... Eu vi mesmo que tinha uns quantos homes na ru a, não sei se era catorce como ele disse , mas era um bolinha grande ...olhei tinha mesmo bastante.. aí eu abri a porta , as duas folhas ... e disse pra ele . o Sr me dá licença alguns minutos que eu quero leva a minha família pra canônica porque eles não devem nada pra morre aqui por que eu vô resisti .. depois eu que saí daqui vocs entrem , depois que vocês me matarem e aí vocês matem ele . mas eu fui lá a armei o Cini também né dei revólver pro Cini também (tosse) .. e disse e pra ele - olhe gringo vocês vai briga´ou vai morre sem briga mesmo se inventa de mata ele...e aí peguei a winchester assim ..manobrei ela e disse pra lê - Manda teus home entra e tria o Cini pra mata , mas primero tem que cruza por cima de mim .. e acho que pro cima de ti também (ri) virei a winchester pro lado dele ele se aparto-se (rindo) i aí ele desistiu .. Ele disse: _ mas o que é isso .

Comigo não, você qué mata´os otros quer invadi a minha casa. A esta hora , não respeito a minha casa , qué eu eu (enfatiza) te respeite, não acabo a nossa amizade ...pode saindo daqui , eu acha que se ele inventasse de entra no portão eles iam entra assim a jato aquele mundão de gene ia morre um mundo de gente porque eu ia atira de winchester no bolo , no bolo ia atira eles ia morrer três , quatro com cada tiro ali no portão , eles entrariam ali, eu ia atirando enquanto tivesse . Aí no dia seguinte eu resolvi, vesti ele de padre e passa la pra canônica, ele passo perto deles na rua assim, tava meio chovendo, dei um guarda-chuva , para ele, o padre troxe uma batina para mais , vesti ele de padre e pelas três horas passei ele pro outro lado. Foi pra lá... (rindo) já falei que tinha um padre em AS Pe. Artur foi lá em casa ..me dava muito com o Pe. Artur... eu disse quero a sua batina e o seu chapéu levo a batina e o chapéu, botei na cabeça dele ate´que ficou um padre linfo (rindo) ele era gordão assim né... (faz um gesto exagerado, ri e tosse) . foi pra lá ..

E- Passou pelos colonos e eles não o viram..

A - Passo pertinho dele ..mais pertinho que ele ali ,mas ele passo tava chovendo, vinha uma chuva forte assim e passava e vinha outra, eu disse quando vim a chuva , eu fui no costado da cerca , era cerca comum de ripas de pinheiro eu dei com o machado e tirei umas cinco ou seis ripas assim... e disse – você , vá mas não corre , passe o guarda-chuva por cima , se proteja com o guarda-chuva , mais deles do que da chuva e eu fico aqui te dando cobertura se te atirarem eu meto fogo neles (de brincado pra ele), mas o padre já estava esperando ele .Surpresa pra ele que dali , dois ou três dias , quando terminou a revolta. (pigarro) aí eles quiseram i lá falá com o Cini, pensaram que ele estava lá em casa , surpresa quando eu disse vamo chega na caônica, - não, vamo direto na sua casa ... – Não, chega aqui primero ...surpresa pra eles quando eles virom o Cini descendo lá de cima da canônica . Ele tava lá e eles não virom .

ENTREVISTA COM ADALBERTO ISER EM SUA PROPRIEDADE NO INTERIOR DO MUNICÍPIO

ADALBERTO ISER... (Agricultor, açougueiro, pessoa de “palavra”, homem muito bem conceituado no município, for delegado substituto, presidente de várias associações (inclusive da Igreja Luterana do Brasil). Com... anos de idade, participou da revolta fornecendo carne para os partipantes, alojou em seu sítio por vários dias, família que tinha medo dos jagunços.

Fala pausadamente, muitas vezes procura a palavra exata para poder expressar-se melhor, tem uma certa dificuldade em respirar, mas está orgulhoso de poder dar a entrevista e procura colobarar da melhor forma possível. Perguntado sobre o porquê da revolta dos colonos em 1957 ele diz:

... Depois que as terras estavam desenvolvendo e já tinha bastante colocação boa feita e já estavam valendo as terá daí ele troxe uma turma de jagunços pra queré tomá a terá dos colono aí ...

Entr. : E os colonos não tinham documentos .

A: não 'so o direito nós pagava o imposto na coletoria estadual (pensa respira fundo) uma vez por ano ...tinha um coletor que cobrava imposto, mas era...imposto ...poca coisa. (pensa) e daí quando veio o jagunço pra í a colonia se levantó se revoltarom iii (pensa um pouco respira fundo) tivemos até trincheira na entrada pra esperã o o o contingente que o governado Lupión mandó...pra entrá aqui pra toma dos colono a tera aí tirá os colono pra fora. (pensa e dá um ligeiro sorrisinho) e daí nós se revoltemo iiii a turma tudo acampavom ..eu fornecei carne pra turma ...eu ... (pensa respira fundo) no me lembro o número eu eu entrei com bastante boi pra carniá edepois a comissão facilitô não tinha mais dinheiro pra pagá perdi tudo os boi, mas não me queixo porque nós tivemo vitória , ganhamo né.. (pensa) eu agradeço hoje ainda o eis governador Nei Braga, por que foi ele que titulô a tera pra nós . Entro i já titulô a terra pra nós , entrô quando foi eleito ...

E. O Sr. Lembra de algumas pessoas que lideraram o movimento dos colonos?

A: Ah ,não era era o seu Alcantário, era o (pensa) o Augusto Pereira era um dos chefe, Leandro Marcón era um dos chefe, seu Alcantário era um do chefe, o (pensa) o Pastório era um dos chefe, o dr Cini lá da Pranchita , ele tinha um hospitalzinha, ele fazia parte , o Adãoziho Vasconcelos , eu (tosse... como se quisesse diminuir a sua importância)

E: O que o Sr. lembra daquela emboscada do km 16, 14, 19 ...

Eu lembro que os próprios filho matarom o pai né... sorri.. (como que rindo da situação inusitada da fato). a CITLA tinha uma camioneta, porque eles atuavam ...eles tinham um acampamento deles no Lajeado Grande ali pra cá Pérola (pensa) então era muito dificultoso naquele tempo, pra i por exemplo uma condução daqui pra Pérola do Oeste , naquele tempo não era Pérola do Este, era Trinta e Cinco. (pensa) iii teve muita gente que ... às veis precisavom viajar e não tinha meio , então quando ia, decia uma condução pra lá pegavam carona... naquele dia que atiraram nos jagunço, lá no dezesseis lá tinha uma porção de de de pessoa independente junto ..comerciante e coisa...(pensa) como tinha um cunhado desse Bruno Schuster ..aí ele tinha vindo passia aí i pediu uma carona pra i próprio filho dele atirô nele (sorri) quando a camioneta apareceu lá

E: Por que o filho atirou no pai ?

A. Não sabia que o pai estava encima, que o pai era caronero... sem sabê né ...

E: E o que fizeram com os corpos daí?

A: Mas olha nem sei te contá...

E: Trouxeram pra Sto. Antonio, Pranchita...

A: Levaram embora, eram tudo de lá de baixo ... e os jagunço nem me lembro aonde que levarom , enterarom por lá mesmo ..o que que fizeram..sei que depois foram e botarom fogo no acampamento deles ..lá no Lajeado Grande..queimarom tudo o acampamento deles...eles um tal de ..(pensa um pouco) come nome dum comerciante que tinha uma buodega la no Lajeado Grande... era uma casinha de madeira nas de dois piso... e o finado Pedro Santin.. e o ..(pensa)... pro nome não adianta dizê era conhecido como Chico Torto .. é o pai da Guiga.(Guiga é apelido de uma professora de História de cidade) ..(sorri) eles foram botá fogo lá tentiaram lá...chegaram lá...embaixo tinha um depósito de colchão e meterom fogo (respira fundo) e quando os nego iam saltando no andar de cima eles iam atirando ... o finado Pedro Santin ... quando precisava de dinheiro , ele vinha aqui e soprava no cano do revólver aqui em baixo no potrero , eu sabia que era ele. Daí ele vinha aqui pegava um dinheiro e se ia de novo...

(Falando da chegada dos jagunços)

depois que os jagunços entraram aqui (na cidade) chegô aqui na casa... aqui chegô um pessoal que se acudiram né ...aqui veio o Hércule Tomazoni , o pai do Antonho com toda a família , veio o Adão Vasconcelos Vargas, com toda a família , veio Dorival Magrineli com toda a família, veio o Minero Bitencourt, que era um delegado de frontera, não sei qual era a missão dele aí...aquele eles queriom matá até tirotearam nele . Daí ele se acudiu aqui, e ficaram uma porção de dias com todas as família aqui , eu dei alojamento pra tudo eles ..então era o dia intero era o forno tava fumegando era o dia intero..o forno de de fazê pão , quando não era pão asava batata doce..(sorri) quando tivara leite das vaca de manhã e de tarde botava os balde com leite a piazada com a canequinha (sorri) ...tomando..(continua sorrindo) ...

E: Então quando os colonos tomaram a cidade... a população foi pra sua casa...

A : Quando houve a ameaça dos jogunços atacá a cidade de noite mesmo acalcarom fuego ate'foi atirado um delegado que veio mandado aí foi atirado ..não me

lembro quem foi que atirô é um dos colono que atirô com espingarda e daí um rapaizinho que era soldado da polícia foi o que acudiu , tirô ele senão tinham matado ele ...

E: O ser lembra da noite que tomaram a delegacia..

A: eu tava eu tava eu e o finado Pedro Nascimento , nós tava ali ondê a rodoviária , agora na esquina ali tinha um buero de madeira ..nóis tava guarnecendo ali , nós tava escondido ..entrançado ali debaixo pra não dexá i pra frente ...i quando nós vimo estorô o tirotoe lá na (se emociana respira fundo) lá lá na delegacia (respira fundo) daí nós decemos lá mas já...(respira) o delegado já tinha escapado i os jagunços tamém tinha ido embora a colônia rechaço eles

E: Aí os colono puserm quem de delegado..?

A: Mais o delegado ele ...(pensa) o delegado , eu acho que eles levaram embora ele ...ele não ficou preso ..

E: foi embora o delegado ...

A: Tinha um filho do cabo Pernambuco, senão tinham matado ele aí.. ele era soldado da polícia..

E: Os colonos puseram Adão Vasconcelos Vargas de delegado ?

A: A comissão botou ele né.

E: O governo fez alguma acordo com os colonos no final do movimento?

A: Não.. ele retirô os jagunços tava próximo ao pleito né então a colônia tava aguardando o novo governo né como entro o Nei Braga então acalmô tudo enquanto isso tava sempre fumentado esse negócio de toma as terá porque ...mas a colônia no dexava rechaçaram e aqui pra frente só hove até .(respira fundo) os jagunço iam até Pérola do Oeste, naquele tempo era Trinta e Cinco não era Pérola do Oeste . era Trinta e Cinco ...(pensa umpouco) o nome do lugá lá ...

E: Os jagunços faziam alguma malvadeza , para o povo amedrontavam ...

A; Chegavam aí entravam na delegacia...bancavam o dono da delegacia...armado até os dente armado com pistola , metraiadora cumm facão na cinta ameaxavam todo mundo ... a polícia aí não tinha mais voz ativa nenhuma era eles que mandavam aí ...

E: Adiantava fazer queixa pra delegacia..no forum alguma coisa ...?

A: Faze queixa pra quem ... eles vieram com toda a força do governo do estado ..da chefatura de polícia ...(pensa) não adiantava nada viro tudo numa anarquia aí...

O Governador era o Moisés Lupión (Sorri) Eles ameaçavam a população rural ... né

E: Ameaçam para que ? Para assinar documento...

A: não .não pra tomá, pra expulsá do lugar, amedrontá i expulsá do lugar .. e que a tera era do governo e não dos colono...

E: Seu Adalberto , a maioria dos colonos já estava na terra...

A: já tinham benfeitoria, pastagem com criação de gado tudo, depois que o governo acho de querê ficá de dono das tera depois que foi ...a gente vinha do Rio Grande aqui eu cheguei a leva vinte i um dia de viagem pra vim da carazinho aqui de caminhão..

E: mas nesse “entrevero” não veio gente que tomou posse da terra sem pagar nada pra ninguém ?

A: Não, o único que tinha interêsse era o governador do estado. Ele que ele que (pensa0 tinha uma companhia se chamavase CITLA né, mas era apoiada pelo governo né ..CITLA EE daí mandarom os jagunço despejá tudo a colônia fora daí pra eles ficarem com as terras... o governador fic;a com a CITLA essa companhia fica' ca tera...

E: Quando os colono tomaram a delegacia... o que fizeram com o escritório do Dr.Abis da Cruz que era o advogado da Companhia. No município ...?

A: (Pensa ...) Eu não me lembro bem , mas me parece que ele era a favor dos jagunço o Dr Abis da Cruz... quem pode contar bem é o Dr Lanzarini , naquele tempo ele trabalhava com o Abis . ele tava estudando pra se formá né...

E: Nesse período a Igreja Católica ,se manifestou ou se manteve neutra?

A: Olha o padre era da Planchita.. eo dottor..já é finado ... o dottor..(pensa) ara comé que era

O Dr. Flávio Cini. Médico era a favor da companhia... este veio se acudi na igreja aqui saiu daí da igreja vestido como padre... a bem dos colono não matarem ele ... e daí ele foi embora.pra Curitiba lá onde ele faleceu...

E: houve pessoas que tomaram terra dos outros...

E: E as terras do Vitório Salvadore...

A: Ah ,as terras do Vitório Salvadori eram terras devolutas...ele entrou e tirou o direito...como aqui onde eu tô era terra devoluta ..aqui era de um compade meu que foi soldado da pulícia do tempo do diretório do Iguassu ... e depois ele resolveu de saí, ele me vendeu pra mim aqui..me vendeu o direito , o direito...eu paguei depois pro governo do estado...é ...

E: O que aconteceu com o Abis da Cruz...

A: Ele pegô a trabalha em Capanema tamém e la'hove uma disputa entre ele e um capitão de Santa Catarina , de Dionísio Cerqueira...(pensa) não.. não é do Paraná mesmo... (pensa ...um tempo) eu sei que ele teve uma disputa com um capitão da pulícia.. E aquele foi que mató ele em Capanema o Dr .Luiz Abis da Cruz...ele foi morto em Capanema por um miliatar... agora por causa de que que brigaram não sei.

E: O sr não sabe se ele revolta teve envolvimento político ou se foi só uma revolta agrária?

A: Mas olha eu acredito que naquele tempo não existia nem rádio , luz elétrica.. não tinha coisa nenhuma , mas eu acredito que fosse ... podia sê lá em cima em Curitiba podia te política no meio porque o governador Moisés Lupion, naquele tempo era do PSD... antigo PSD que eu também era ...agora eu não sei come que ele ele eu acho que ele tinha parte nessa companhia.. CITLA pra camuflâ pra não dizê que ele como governador ia toma as tera, mas ele deu todo o apoio pra CITLA , pra vim maltratá os colono judiá aqui.

E: Essa revolta foi em todo o Sudoeste do Paraná. O principais focos foram : Pato Branco, Francisco Beltrão, Santo Antonio e Capanema. Havia um ligação entre esse lugares?

A: Não, não tinha porque nós não tinha meios de comunicação só que fosse por ansim ..ahh emissário . por próprio né, porque correspondência não tinha naquele tempo , não tinha meio de comunicação ,não havia telefone, só tinha na delegacia ... eu lembro quando fui delegado o único meio de comunicar com Curitiba era através do rádio né...

E; Como termina a revolta em Santo Antonio?

A: Revolta termina porque os colonos vencerom o o atividade dos jagunços que erom mandado pra maltratá a colônia .. a colônia tinha mais poder... eles tiveram que se recuá.

E depois do governador Lupion mando um contingente...pra entrá aqui e massacrá de novo a colônia..e daí nós se entrincheremo fizemo trincheira na lá em cima na cochilha... e daí foi (pensa)... nós ia combatê com o contingente que ia invadi a cidade e tomá conta né ... e daí nós ... foi feito preparativo ..foi feito trincheira e tudo e daí foram conversa era com o capitão Ariel que comandante do contingente daí ele resolveu pará daí negociaram ..negociaram com ele comprometeu de entrar com contingente aí não massacrá o povo né... o quartel deles era no antigo posto de saúde, ali era o quartel do contingente ...(respira fundo) mas capitão Ariel fez a sua perseguição igual..eu fui um que ele me aperseguiu..eu porque ele lutô pra mim assiná um papel pra ele que eu tinha perdido os bois que não tinha me pago os boi.. não eu perco os boi mas declaro nada contra os colônia digo eu sô colono também. E daí ele começô me apersegui também, mas qué dize que nunca me fez mal nenhum assim a única coisa que eu e o finado Dorival Magrinelli, nós tinha um churrascaria, ali enfrente dos Milani ali... e esse ele mandô queimá mas não que ele nunca sê atacô de me querê prendê o qualquer coisa aí daí era capaz de ficá feio pra ele....(pensa) tem mais um o outro por aí que ele aperseguiu mais os soldado da pulícia era ..não fizeram nada.... eram bom pros colono .

Dr. Francisco Lanzarini - Atualmente advogado, na época da revolta era um estudante que trabalhava com o Dr. Abis da Cruz que era o advogado da CITLA.

E – Qual a causa da revolta dos colonos de 1957 ?

FL – O ... dá pra dá a impressão que a revolta ocorreu a cia CITLA E APUCARANA E A DAMBROS & PIVA que também era um cia. Que vendia terras, essa não se envolveu, por que essa manteve um preço estável dos terrenos, mas a desculpa da revolta seria o seguinte, que no primeiro contrato existente entre as cias e o os agricultores era um contrato X e logo depois aumentaram e logo depois um terceiro aumento e viria um quarto aumento e que esse aumento revoltou, que eles não poderia pagar e então como os colonos se revoltaram fizeram reuniões e tudo vieram jagunços que chamavam na época, de outros municípios e estados inclusive para intimidar os agricultores esta é um versão da história da revolução. N o meu entender a idéia principal foi simplismente política, porque

aqui em Santo Antonio havia, na época como existe hoje , grupos políticos interessados na eleição pra prefeito, e logo, porque o prefeito da época era o Armando Facini que era do PSD se não em engano, o governo do estado era do mesmo partido. Havia um grupo político , principalmente em AS do PTB. Essa grupo político era comandado por pelo ex-prefeito Percy Schreiner, Augusto Ortega, aqui da cidade, ah Aurone Rosseti, esse, esse era um trio que comandava a política de SA .Havia Percy Schreiner era novamente candidato a prefeito i então aproveitaram, no meu entender, esta brecha pra fazer nome. Trouxeram de fora um advogado chamado Edu Potiguara brugrins, e que depois foi candidato..houve uma ruptura entre ele e o grupo Percy , porque ..se não me engano foi o partido se não me engano foi PRP..parece que foi pelo PRP foi candidato e perdeu a eleição...então ele foi chamado pra engodo ao colono pra dizer ao colono (imitando a voz de alguém) não que não paguem as terras o que estão pedindo das terras as Companhias... porque essas terras elas tão... tão..sob a égide do uso capião. Na verdade não era bem isso .no meu entender, até hoje não tem uma terra \, que me recorde que foi...que foi ...ganhar uso capião em cima dela na época. Hoje podia ser, mas na época não.Essa movimento foi mais político , política partidária...no meu entender foi mais partidária e o colono como ... a maior parte ignorante , leigo , Maria-vai-com-as-outras...eles se agruparam ..foram manuseados.é... havia o falecido Pedro Pereira. Que era funcionário da CANGO. CANGO era um programa do estado que tinha interesse também financeiro com o negócio ...que então o Augusto Pereira era um líder do movimento. I no outro lado , que defendia a Companhia era LUIZ ABIS DA CRUZ , militante , na época, funcionário, no caso da CITLA, através de Nilo Santana que era o seu diretor. Luiz Abis da Cruz fez diversas reuniões, na época .. no Florido, na Valdomeira, havia um dos também , que era vereador pelo PTB, chamavasse Alberto pazuck> Esse Alberto Pazuck era também do grupinho ..do do Percy Schreiner..(pensa um pouco) no meu entender, no meu ponto de vista da da revolução da época.

E – E que o Sr. Lembra daquele incidente do Km 16 , que foi praticamente o estopim da revolta.

FL - É foi estopim , foi daí que estouro , foi numa manhã..saíram daqui de AS , uma camionete, dirigida por um do jagunços da companhia, chamavam de jagunços na época, eram funcionários, mas eram jagunços ...tal de Joãozinho ...que era motorista da camioneta...um funcionário também ..chamva-se Chapéu de Couro, era... e tinha um terceiro funcionário que não me recordo o nome... e foi de carona aí o ... cidadão daqui bóia-fria

chamado Tabuinha , Antonio Tabuinha i de carona também saiu (pensa) o Schuster e mais um ou dois agricultores (fala rapidamente) a camioneta era um Chevollet modelo 50 se não me engano 51 por aí ... ficô ... essa camioneta ficô muito tempo no posto fiscal... e se dirigiu a Capanema .. e no km 16 foi...

E- Não havia uma mulher nessa camioneta...

FL – Que se saiba não.. não porque uma das primeiras feita uma emboscada. Esta emboscada foi dirigida ...

 pessoas que tomo conhecimento fui eu... porque foi o Abis... nós parava no hotel junto estava no hotel da da D. Josefa..e ele chegou desesperado - pelo amor de Deus o que eu vi de gente morta..falta gente pra vê, diz ele, vi e vi muita (se emociona) tava gente fugindo uma coisa assim (fica nervoso ao contar) gente tava na emboscada vi... ele viu os caras da emboscada não reconheceu, mas eles estavam em linha ...como se diz indiana, fila indiana... (respira rápido) então pelo que a gente sabe que que estavam ...no km 16 seria o Pedro Pinto . que esteve preso aqui muito tempo, Otávio de Matos ,teve preso aqui, Pedro Santin, Augusto Pereira e Adão Maia essas eram as pessoas que foram ... que lideraram o assalto a camioneta (respira fundo) bom aí n época o KM 14, 16, 18 como 35 ,que hoje é Pérola do Oeste... o defensor desses elementos aqui foi o deputado, que também interesse político na época ... o deputado Antonio Anibelli, do PDT..do PTB que veio fazê a defesa desses elementos.. dessas pessoas aqui...(pensa) h;a ou contam histórias que depois não... mais o menos ta sabendo .. queeee....no ... quando surgiu o assalto ... porque tenho um parente meu que era funcionário do do do ... judiciário daqui , falecido hoje, i ele não estava envolvido no no ... hora da camionete mas ele era amigo dos elementos e esse Pedro Pinto contava por aí ... ele dizia: - O negócio é o seguinte ..quando O ..ouvimos o ronco da camioneta, nós estava em cima da Perobas teve um cara na peroba mais alta disse assim – Olha a camionete vem vindo, os jagunços vem chegando então quando vieram os jagunços... a camionete chegou ele dizia assim – eu , Pedro Pinto< eu atido no motorista... eu atiro no motorista... ele atirou .. a bala pegou no ouvido do motorista... e depois foi difícil examinar ondê ondê que tinha entrado , então no ouvido do motorista ... desgovernô ela bateu contra uma peroba daí os homens de winchester atiraram ..e tinha um rapaz.. um jovem de dezoito, dezenove anos ... que quando os caras desembarcaram pra cortar os dedos dos caras pra tirá os anéis pra tirá os anéis ele.. ele foi mexer num cadáver

Diz assim – Por amor de Deus é meu pai. I parece-me que vieram presos e foram julgados o rapaz ficou meio transtornado com isso . Parece que ele deu com a língua nos dentes falou sobre... começô a contar quem estava ... por isso que três ou quatro foram presos e foram a julgamento, (fala rapidamente) obviamente foram absolvidos, mas foram a julgamento .. na época também estava ..for preso também na época ..o Sr chamado Maringá... então havia uma história.uma lenda tão grande que ele ... ele era um nordestino brincalhão...ele contava (faz voz de falsete) ... ele contava (inaudível) nós semos de tirá criança pro ar i espeta com uma uma adaga..mas ele era fanfarão ..ele não era de coisa nenhuma ...foi preso e ficô tempo aqui na cadeia então talvez por ele tê contado ... que houve assassinato houve... mas assassinato houve dos dois lados, porque o que houve um caso aqui ...aqui mais ou menos na altura do do ...(pensa) onde hoje é vila ... mais ou menos do Sr . Lim por aí assim ... havia um perobal muito grande ali..aí eles prenderam um funcionário jovem, um rapaz com 21 anos ..um funcionário da da não me recordo se da CITLA ou APUCARANA, (respira fundo) mas sem culpa formada, sem prova alguma ... teria estuprado uma menina de dezesseis , dezessete anos ..mas que nunca apareceu(se exalta) . a verdade que não apareceu nem a vítima nem ... pegaram ele, amarraram ... esse Pedro Pinto e Pedro Santin, amarraram ele numa peroba dessas... seguram ele dois dias amarrado. Cada duas horas davam um tiro de winchester num testículo , no joelho ..ééé'.. foi um tortura violenta... que essa história ninguém conta isso praticamente ninguém conta isso aí...é ninguém conta isso aí. A gente ficou sabendo logo depois , na época ,envolvido tamêm ... eu tamêm por parte por parte dos jagunços.. houve tamêm um revolta com referência a isso... (se exalta) esse rapaz era um rapaz de vinte e poucos anos ... bem apessoado é lógico por ah pelo físico bem avantajado é é diziam que devai ser um bandido tamêm só porque ... claro ... ele assustava pelo físico ... tão essas coisinhas que me recordo ...

E – Esse morto do KM 16 foram levados pra onde ...?

FL – Mas olha vô tê diz uma coisa.. aqui foram .. se não me engano foram enterrados eu entendo que foram 4 mas outros falam que foram 7 . Logo depois, uma noite, logicamente,por força do álcool, Joãozinho Lorini , eu ahhh... falecido Ulisses Esquivel i e o outro não mora qui , o Sr. Penso, era um dentista, uma noite estava bebendo aí no bar do Dalaqua, , e oPenso que era o mais velho de nós , nós tudo rapaziada , fomos no cemitério aacender uma vela pra Tabuinha, o Elmo Michel, que tinha um loja., aí onde é a Doroti hoje, tinha um loja, bom aqui não tinha casa de material nenhuma , tudo casa de madeira, aí ...

fomos lá comprar vela , e fomos lá i e tinha os quatro túmulos ... buracos, na minha cabeça é quatro depois falaram que é sete e nós colocamos as velas pra 4 deles... podia ser...podia ter..

E – Depois desse incidente no KM 16 , os ânimos da população ficaram exaltados... e aí houve no dia 12 de outubro a tomada do município. O que o Sr. Lembra disso ?

FL - Bom a isso muito pouco , porque maior parte dos elementos , funcionários da Companhia se retiram .. porque o escritório as CITLA.. era na P ranchita naqueles dias foi incendiado o escritorio do Pranchita, foi quando tomaram o município , e nos fomos aconselhados pela Sra. Eva Bugari , que era farmacêutica aqui , se retirá da cidade, então nós saímos da cidade , o falecido Abis, O Nilo , nós fomos a Santa Catarina, lugar chamado Descanso.. Naquele dia que o fato ocorreu ,então pra mim foi no dia doze , nós saímos daqui dia onze ... o falecido Abis inclusive ..ele telefonou... telefonou não..naquele tempo não tinha telefone, ele falou via rádio da polícia , que... da rádio era o Tenente Pio e o sargento Manoel era elementos da rádio da Polícia, e o Abis telefonou pra chefia dele Lá em Curitiba e pro governo tamêm que mandassem um metralhadora ponto trinta .. que ele com uma ponto trinta e os elementos que ele tinha aqui da polícia n caso e era pouco , ele com a metralhadora lá em cima do morro ele não deixaria ...ele impediria a tomada da cidade... claro que serviu o exército sabe que uma ponto trinta é uma metralhadora que a bala usada pra derrubá avião.

Então ... e lá retiro naquele dia , naquela madrugada..saímos de jeep, naquele tempo havia poucos carros saímos de jeep fomos , então eu voltei antes deles ..eu voltei dois dias depois eu me recordo que o escritório todo quebrado... havia um um..fogão a lenha , no escritório que era pra dá de presente pra um funcionário que ia casá naquela semana . então eles pegaram o fogão a lenha e fogaram dentro do do poço d'água... e o papelama todos da companhia e inclusive os particulares do escritório de advogacia estavam pela rua na cidade. E choveu naquele dia E queria dá fogo na casa e a Eva Brugalli que não deixou. (imitando) “não são casas madeiras e queima a minha tamêm”e aquela coisa toda. Então exato no dia né a gente ficô sabendo que invadiram a delegacia, lógico no outro dia , oito dia depois todo mundo comentava que o dele gado de polícia.. , um tal de Pachedo que estava aí a poucos dias... que quando entraram , invadiram ele essa é uma das versões reais... quando invadiram a delegacia ele tinha uma metralhadora Thomson, um Thompson... essa metralhadora engasgo na hora que ele foi dá o primeiro tiro ela engasgo. Quando ela engasgo , um cara chegou pra

trás e deu um tiro de revólver debaixo do sovaco dele e saiu por aqui assim (aponto pra axila) mal queimou a roupa usava pala igual ao meu aqui queimo queimô o pala e ele fugiu pelo fundos...alguém me disse que não ... que ele fugiu pelos fundos conduzido pelo Dr. Edu Potiguara Mobrits.. que não obstante ser do lado do do dos revoltosos no caso tirô ele da cidade tem outras histórias que não que quem tinha tirado ele da cidade seria elementos aí pro lado do Vindolino ou do açougue do Cassemiro Correia.,mas... mas não o Correia não confirmo nem o ...

E- E os policiais ..por que o governo não mandou um número maior de policiais pra da mais segurança ?

FL – Mandô depois né . Não mando porque, tava mais o menos... é acontece que havia ... vou dizê o seguinte que próprio governador era sócio da CITLA.Moisés Lupion era sócio da CITLA, entrão ele não tinha interesse nenhum ... em manda ..porque mandaram muito jagunço aqui ... havia na Pranchita encostado na Pranchita no início eram dois três de repente viro quarenta ou cinqüenta jagunços aqui na cidade. E daí começo Beltrão, Pato Branco , aquela coisa toda.

E- dizem que em Capanema ficaram os agricultores e os jagunços aqui ..

FL - sim, sim ficaram aqui Pranchita . É que três dias... nós saímos um dia antes, mas três dias antes, dois dias antes começaram evacua os aviões iam retirando iam retirando os jagunços. Foram evacuados , retirados todos daqui..

E – Os jagunços iam pro interior também?

FL – Acompanhavam os medidores, agrimensores.. é que ,muitos jagunços eram os próprio agrimensores também.

E_- HÃ uma versão que eles iam amedrontrar os colonos ..

Fl – Sim, sim...amendrontá não é bem o termo eles iam ... quatro pra fazer assinar o contrato ,,com três ..”você tem que assina esse contrato aqui “ com três ou quatro jagunços junto obviamente daria a impressão que houve na verdade coasão por parte da companhia. Porque dizê assim : A companhia era culpada ou o colono era culpado ? A companhia estava no papel dele, porque a terra era dela... o colono foi induzido por grupos políticos, lógico por grupos políticos. Então eu não culpo nem a companhia nem os colonos. O colono foi induzido com mau grupo político ..que... havia interesse político .. não há dúvida nenhuma ...

E – Quando tomaram Sto.Antonio o Sr. sabe o que aconteceu com o Flávio Cini ?

FL – (Ri) Claro que a gente sabe..ele fugiu (ri) ou estava vestido de mulher ou de padre..vestido de padre mesmo.. por isso que ele nunca mais voltou pra cá. Fugiu essa é a verdade.

E – E o dr. Abis da Cruz o que aconteceu?

Ele não estava na cidade... estava em Descanso – Santa. Catarina.

E – E como ficou a cidade no dia da invasão ?

FL - Fico bastante ..tava tava tava bastante deserto não como algum fal.. não, não sobro ninguém... bastante deserto...as pessoas se mantinham em casa , pessoas que não tinham que ver com o negócio né, se mantiveram em casa... alguns alójjar... (atropela a as palavras) logo depois chego a companhia ..(de polícia) comandada pelo capitão Ariel Damaceno, aí então veio essa companhia ... foi um pelotão, não veio uma companhia mesmo com noventa elementos, então aí começo ... paziguô , calmo tudo muitos elementos foram presos, os elementos da companhia (CITLA) já tavam ... tinham se retirado, então...

E – As escolas começaram a voltar ao normal...

FL – Sim voltô tudo ao normal, devagarinho no obstantes... escolas na época tinham poucas, pouca coisa... poucas escolas... o comércio era insípido, pequeno, fraco, incipiente ...o o o a indústria continua a mesma, que na época era só maderera Dambros & Piva, que nunca se envolveu, ficô neutra, na época ela usou uma política inteligente ..ele adizia assim: “. “eu não aumento as minhas terras” porque a Dambros & Piva vendia o lado da santa Cruz i e Valdomeira por ali... ela vendia... ela dizia “não vou me envolvê nem aumento e não abajo a minha terra mantenho...”claro puxando o freguês dela, se a companhia aumento eu não aumento...então ela usô uma política inteligente, pacífica tamêm...

E- E a Argentina se manifestou a favor ou contra ?

FL – Alguém pode falar que sim, que falaram que fugiram muito para Argentina, mas acho que não houve uma uma um movimento político no caso de maior proporção, pode ser aqui na fronteira alguém, mas com o governo de maior proporção não.

E – Depois da revolta houve perseguição do pessoal por exemplo , do lado das companhias?

FL - Perseguição.. (pensa um pouco) ..Não. não porque a companhia se retirou imediatamente, não houve perseguição nenhuma ...diziam que a polícia teria ta ..mas que o capitão Ariel por ser amigo ... por ser da parte do governo e amigo estava perseguindo, mas não se observou perseguição nenhuma..prisões assim sem ser ...sem ... prisões por perseguição.. o que acontece que teve um caso interessante ... na época o major Ariel estava perseguindo o Pedro, Paulo não sei o que patati.. não ta perseguindo inclusive criminosos, mas ele era bastante (procura a palavra) come que se diz ..violento .. “Manda prendê!!!

Manda prende!!!” . Havia um casa de meretrício, aí na saída da cidade, da ... Paulo Nhoato, marido da D. Cacilda, e nós estávamos uma noite, naquela casa ali, em quatro ou cinco. E um cidadão Zanardini de Capanema, estava junto e o Juiz eleitoral , que veio pra fiscalizá as eleições estava conosco e chegô a polícia e disse assim: “Quem não tive documento estão todo preso”. Aí o juiz disse assim : “ Sê preso por que ?” Aí o major Ariel disse assim: “Manda prendê esse cara aí , não sei o que – Muito bem tô preso.”eu não tenho nada que vê. – não naão só esse moço aí” – Só esse homem ta preso, vá pra cadeia.”_ Muito bem vô indo”. O Zanardini abriu a boca pra ..eu disse não fala... (o Zanardini era companheiro do juiz , vinha fiscalizando de Capanema pra cá , o Zanardini era funcionário da prefeitura de Capanema, era secretário do prefeito . veio acompanhando o juiz aí o .. quando chego na delegacia.. contaram pro capitão Ariel ...é o juiz eleitoral que tá i... Correu pra delegacia ..”Não não depois e que vié o corregedor , vou facá preso tá muito bom aqui, aqui vou fica dormindo ta muito bom... Só saiu no outro dia, depois deu o maior rebú na cidade , aí ele saiu

Então..diziam perseguição.. não..não...havia perseguição.. não..pelo que eu observei...

E – A morte do Dr.Abis da Cruz tem alguma coisa a ver com a revolta dos colonos?

FL- Não. Porque ... diretamente não.

DEPOIMENTO DE VALDEMAR ORTEGA, nasceu em 1928, morador de San Antonio, Misiones AR, que fica próximo de Santo Antonio do Sudoeste – PR- BR, brasileiro que vive em San Antonio há 55 anos. Começa falando de como era Santo Antonio do Sudoeste que na época chamava-se Santo Antonio.

Valdemar: Aqui tinha a empresa PASTORIZA, era o único comércio que tinha naquela época. Não tinha mais nada, comerciante, mais nada, depois que eu vim me instala aqui. As pessoas saiam por Puerto Iguazú, o por Barracão. Vim pra cá por que comecei a trabaiá com caminhão i achei melhor... O Manoel Ortega me disse: óia te dô maderas pra tu faze a casa paraaa ... tu me pagá quando tu pude..ele tinha serraria né...se lembra serraria lá no Cola i daí e ele disse qué faze uma casa pra ti eu eu .. pode faze te dô a maderas i tu... me paga depois foi assim que... daí eu iniciei a dita casa aqui quando estorô a dita famosa CITLA...

E.: O que é a tal da CITLA?

Mas a CITLA pra mim foi uma turma revolucionária contra os colono(dando ênfase) só que foi isso que eu ouvi na na.. de bom deles foi isso ...

E: como foi a tal da revolta, os jagunços eram meio terríveis, perseguiam as pessoas, faziam coisas...

Os jagunços saiam nos colonos, apertando, queriam expulsá os colono, tocá , tocá outro. Iii atropelavam as casas de família i tudo... foi quando estorô essa..essa revolução do quatorce que mataram aqueles dezesseis lá ...daí que estorô mesmo a bomba...

E: ¿Cuándo hubo la revolución los brasileños se refugiaron en San Antonio?

Sí todo mundo se regieron aquí na Argentina na minha casa..en mi casa i na casa de Francisco Ortega (irmão dele) todo mundo do Brasil vinieron como... más de cien personas, todos refugiados familias. Más de cien familias na casa mía y en de Francisco Ortega.

E: ¿Cómo se quedó la situación del pase en la frontera?

No hubo problemas, todo mundo ayudaba quien viniera,toda la gente.

E :¿Por qué los brasileños han venido para cá?

Los brasileños vinieron para cá para refugiarse, escaparse de la dita CITLA que eran los revolucionarios contra los colonos que había...

E: ¿Y Pedro Santin, conoce algo de la historia del?

Conozco Pedro Santin desde que inició la historia del en Capanema até la terminación de Pedro.

E: ¿Qué tipo de persona era él?

Pedro Santin era tipo bastante labrador, solo muy nervioso... muy atropellador que la gente le decía una cosa y el tipo era... cómo de decir ...bastante voluntario ... y yo mismo iba en camión al Puerto Iguazú, yo y Francisco, él viajaba con nosotros, él salía de Capanema , salía en Tatetinho...con una bolsa de bala de de trinta y ocho de..de.. fusil u todo para ayudar los colonos...

E: ¿Qué participación tuvo él en ese hecho todo?

¿ Participación cómo?

E: Él ayudó a los colonos. Hay una historia que él tenía que llevar un prisionero a hasta, él y más un compañero y lo mataron, no sé...

Buen, esa historia yo no sé.. cierto si lo mataron o no... so tan con Francisco Ortega qui sabe bien esa historia, si viajaron con Francisco Ortega ese día..yo no fui ese día... el viaje...

E: ¿Se acuerdas de algunas personas que tuvieron acá?

Sí, todos mundo vino. (**algunos nombres..repito la pregunta**) resmungando tentando recordar-se... o sí los nombres...hay tanta gente que vino.....el nombre...

E: ¿Ellos, cuándo vinieron para cá traían algunas cosas para comer, para acostarse?

Nada, nada. Traían todo, escapándose, refugiándose sólo. Traían nada que comer, yo que yo que lo atendí a todo.(enfático) .

E: Sólo venían con la ropa del cuerpo...

Sólo con la ropa del cuerpo... mi casa aquí estaba sólo cubierto ni tenía pared, no tenía nada... ni piso no tenía nessa época. Yo estaba contruyendo...(resmungo)

E: ¿Y ellos hablaban qué?

Nada, nada. Traían todo, escapándose, refugiándose sólo. Traían nada que comer, yo que yo que lo atendí a todo.(enfático) .

E: ¿Qué sabe Del hecho que los colonos tomaron la comisaría?

Tomaron la comisaría por modo da CITLA que andaba molestando la... a todos colonos no los dejaba tranquilos a laburar ni nada ,ahí los colonos se reovoltaron contra la CITLA...

E: y la emboscada que hubo en el KM , 19, 16 ...

KM 16... KM 16 ahí la verdad que sé que iban yendo a Capanema (se entusiasma) y ahí los colonos les hicieron la emboscada en el 16... atraron una madera..un palo rosa que había...había un palo rosa acostado ahí se quedaron todos esperando ...

E: ¿Quién murió ahí?

Uuuu ..murió Santin ..(pensa) ... qué yo me recuerdo...

E: Pero seis o siete personas... ¿no?

(Entusiasmo) ¡Dieciséis! Dieciséis personas murió nesse pegada...

E: ¿Todos jagunços?

!No! Todos colono... ahh jagunzo...Pedro ah ese Santin se iba a Capanema y pidió la carona a los .. a los al personal de la CITLA Y lo alzarón ... y cayó... era un conocido nuestro... un hermano de Santin... (se dá conta que errou o nome) qué Santin...Schuster...Schuster..no es Santin...cayó junto...

E: Después los colonos salieron de la colonia vinieron a tomar Santo Antonio. ¿'Qué te acuerdas de eso? ¿Algunos vinieron para acá?

No vinieron primero a SanAntonio, después que dio la revolución... ahí de... de la delegacia y todo ahí se escaparon de las autoridades y se vinieron para acá ..de miedo..de miedo de las autoridad que va venir reforzo ...de ejército y de todo daí se escaparon aquí para Argetina...

E: Y la Gendarmería.. ¿ayudó o se quedó paradita?

Quedaron todo paradom sólo le le dice que podían venir y todo pá cá que no había problema...sí lo único que la única cosa ..socorro le dieron que vinieron...quien les daba comida aquí era yo y Francisco Ortega y todo eso...

E: ¿Esperaba eso?

Nadie esperaba esa cosa que ocurrió ahí.. porque fue una cosa de momento que vino los colono y fueron atropellando y ahí se dio la dita revolución con la delegacia en en San Antonio y Santo Antonio y corrieron todos para cá la mayor parte familia todos con criatura... con todo vinieron...

E: Y antes que todos viniesen para acá ya sabía que ¿ pasaba algo em Brasil?

Sabía que que la propia dita CITLA , andaba con avión todo corriendo corriendo por aquí Capanema por todo lado apretando los colonos para echarles de las tierras...

E: CITLA era una compania de Moisés Lupion ¿ no?

La CITLA venía a ser una compañía de Erechin, apoiada por Moisés Lupion, sí, justamente.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.